

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO



direção-geral
educação

Ficha Técnica

Título

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Autoras:

Isabel Lopes da Silva (coord.)

Liliana Marques

Lourdes Mata

Manuela Rosa

Colaboração de:

Equipa de Educação Artística da Direção-Geral da Educação - Elisa Marques (Artes Visuais);
António Rocha (Música); Conceição Rosado (Dança).

Glória Ramalho (Matemática)

Agradecimentos:

Agradece-se os contributos das formadoras e dos/as educadores/as de infância que participaram nas ações de formação, bem como de outros/as docentes da formação inicial, investigadores/as e outros/as especialistas.

Editor

Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)

Diretor-Geral da Educação

José Vítor Pedroso

Data

2016

Índice

INTRODUÇÃO	5
ENQUADRAMENTO GERAL.....	9
1. Fundamentos e princípios da pedagogia para a infância.....	9
2. Intencionalidade educativa – construir e gerir o currículo	14
3. Organização do ambiente educativo.....	23
ÁREAS DE CONTEÚDO	35
1. Área da Formação Pessoal e Social.....	37
2. Área de Expressão e Comunicação.....	47
Domínio da Educação Motora	47
Domínio da Educação Artística.....	51
Subdomínio das Artes Visuais.....	53
Subdomínio da Dramatização	55
Subdomínio da Música.....	58
Subdomínio da Dança.....	60
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	64
Domínio da Matemática	77
3. Área do Conhecimento do Mundo	88
CONTINUIDADE EDUCATIVA E TRANSIÇÕES	99
GLOSSÁRIO	107

INTRODUÇÃO

A educação pré-escolar, tal como está estabelecido na [Lei Quadro](#) (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), destina-se às crianças entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória, sendo considerada como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento/agrupamento.

Apesar de a legislação do sistema educativo (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei Quadro da Educação Pré-Escolar) incluir apenas a educação pré-escolar a partir dos 3 anos, não abrangendo a educação para os 0-3 anos (creche), considera-se, de acordo com a [Recomendação do Conselho Nacional de Educação](#), que esta é um direito da criança. Assim, importa que haja uma unidade em toda a pedagogia para a infância e que o trabalho profissional com crianças dos 0 aos 6 anos tenha fundamentos comuns e seja orientado pelos mesmos princípios.

A organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar contempla três secções: **Enquadramento Geral, Áreas de Conteúdo e Continuidade Educativa e Transições.**

○ **Enquadramento Geral inclui** três tópicos:

Fundamentos e princípios da pedagogia para a infância - Considerando a unidade e sequência de toda a educação de infância dos 0 aos 5 anos, são apresentados fundamentos e princípios, que constituem uma base comum para o desenvolvimento da ação pedagógica em creche e jardim de infância. Estes fundamentos e princípios traduzem uma determinada perspetiva de como as crianças se desenvolvem e aprendem, destacando-se a qualidade do clima relacional em que educar e cuidar estão intimamente interligados.

Intencionalidade educativa – construir e gerir o currículo - A ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade, que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas, os modos como organiza a sua ação e a adequa às necessidades das crianças. Esta reflexão assenta num ciclo interativo - observar, planear, agir, avaliar - apoiado em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem ao/à educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e do contexto social em que trabalha. O desenvolvimento deste processo, com a participação de diferentes intervenientes (crianças, outros profissionais, pais/famílias), inclui formas de comunicação e estratégias que promovam esse envolvimento e facilitem a articulação entre os diversos contextos de vida da criança.

Organização do ambiente educativo – Considera-se o ambiente educativo como o contexto facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas e cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre os diferentes intervenientes. Adotando uma perspetiva sistémica e ecológica, detalha-se a importância da organização do Estabelecimento Educativo/Agrupamento, abordando-se em seguida aspetos da organização do ambiente educativo da sala, como suporte ao trabalho curricular do/a educador/a e da sua intencionalidade, enumerando-se, ainda, as diferentes interações e relações que estes contextos proporcionam e as suas potencialidades educativas.

Após estes capítulos de orientação global do trabalho pedagógico, são apresentadas as Áreas de Conteúdo, em que, remetendo para os fundamentos e princípios de toda a educação de infância, se explicitam as implicações para uma abordagem integrada e globalizante das diferentes Áreas de Conteúdo:

Área de Formação Pessoal e Social – considerada como área transversal pois embora tendo conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância. Esta área incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitam às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários.

Área de Expressão e Comunicação – entendida como área básica, uma vez que engloba diferentes formas de linguagem que são indispensáveis para a criança interagir com os outros, dar sentido e representar o mundo que a rodeia. Sendo a única área que comporta diferentes domínios, é precedida de uma introdução que fundamenta a inclusão e articulação desses domínios.

- **Domínio da Educação Motora** – constitui uma abordagem específica de desenvolvimento de capacidades motoras, em que as crianças terão oportunidade de tomar consciência do seu corpo na relação com os outros e com diversos espaços e materiais.
- **Domínio da Educação Artística** – engloba as possibilidades de a criança utilizar diferentes manifestações artísticas para se exprimir, comunicar, representar e compreender o mundo. A especificidade de diferentes linguagens artísticas corresponde à introdução de subdomínios que incluem artes visuais, dramatização, música, dança.
- **Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita** – o desenvolvimento da linguagem oral é fundamental na educação pré-escolar como instrumento de expressão e comunicação que a criança vai progressivamente ampliando e dominando nesta etapa do seu processo educativo. Importa ainda facilitar a emergência da linguagem escrita, através do contacto e uso da leitura e da escrita em situações reais e funcionais associadas ao quotidiano da criança.
- **Domínio da Matemática** – tendo a matemática um papel essencial na estruturação do pensamento, e dada a sua importância para a vida do dia a dia e para as aprendizagens futuras, o acesso a esta linguagem é fundamental para a criança dar sentido, conhecer e representar o mundo.

Área do Conhecimento do Mundo – é uma área integradora de diferentes saberes, onde se procura que a criança adote uma atitude de questionamento e de procura organizada do saber, própria da metodologia científica, de modo a promover uma melhor compreensão do mundo físico, social e tecnológico que a rodeia.

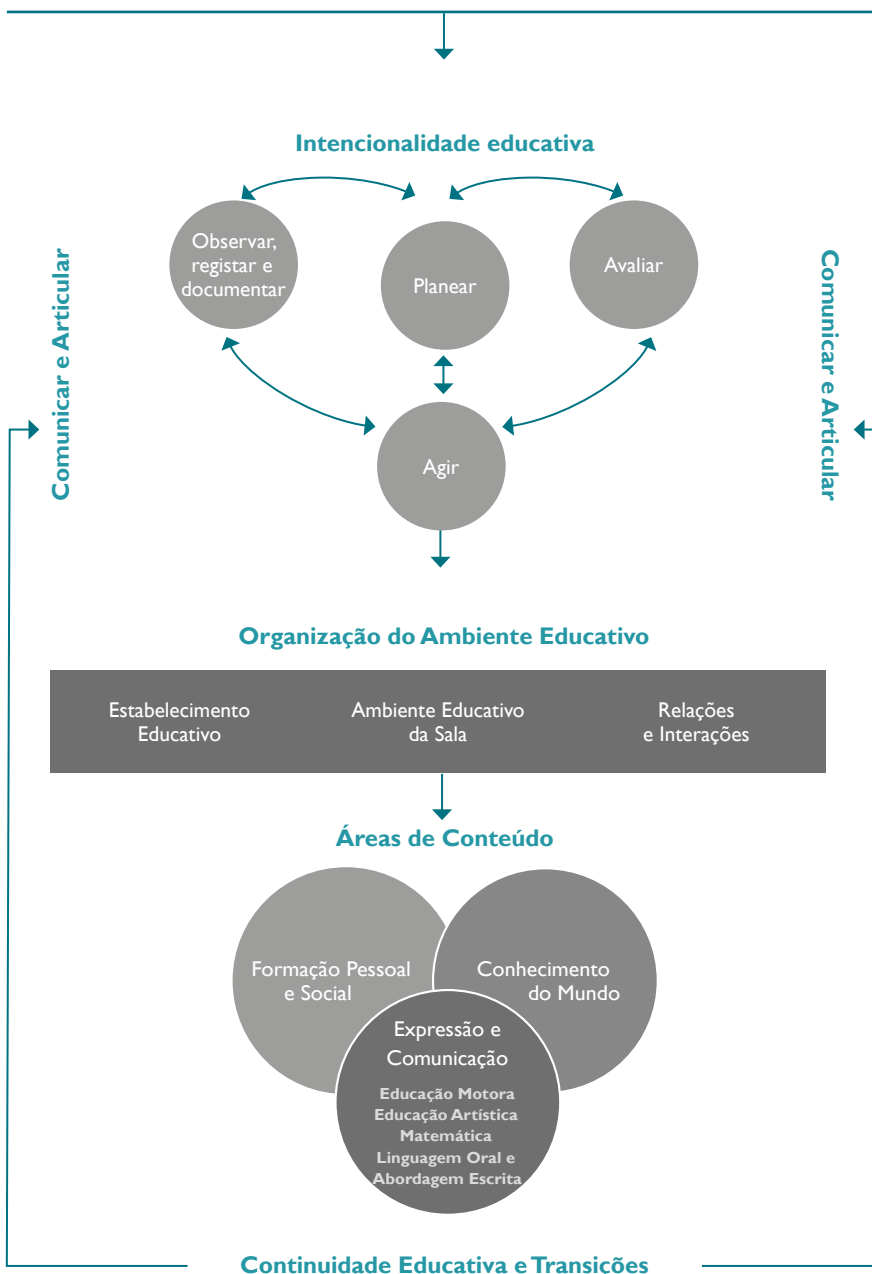
Uma última secção incide na **Continuidade Educativa e Transições**, uma vez que ao iniciarem a educação pré-escolar, as crianças já tiveram um percurso de desenvolvimento e aprendizagem (em contexto familiar ou institucional) a que importa dar continuidade. Para além disso, o desenvolvimento das potencialidades de cada criança no jardim de infância criará condições para que tenha sucesso na transição para o 1.º ciclo numa perspetiva de continuidade das aprendizagens que já realizou.

No sentido de facilitar a leitura e compreensão do texto, são introduzidos nas margens destaques que realçam as ideias principais e, também, no final de cada capítulo, quadros de síntese ou/e sugestões de reflexão. Ao longo do documento são ainda incluídas ligações para outros textos e documentos de aprofundamento, destacando-se, ainda, os termos incluídos em glossário.

Esta organização geral é representada no quadro seguinte:

Organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Fundamentos e Princípios Educativos



ENQUADRAMENTO GERAL

I. Fundamentos e princípios da pedagogia para a infância

Os contextos educativos destinados à educação e cuidados de crianças entre os 0 e os 6 anos (entrada na escolaridade obrigatória) são muito diversos em Portugal. Estabelece-se, tradicionalmente, uma diferença entre a fase de creche (0-3 anos) e a fase de jardim de infância (3-6 anos), que, sendo também adotada na legislação, justifica propostas específicas para estas duas fases. Considera-se, no entanto, que há uma unidade em toda a pedagogia para a infância e que o trabalho profissional com crianças dos 0 aos 6 anos tem fundamentos comuns e deve ser orientado pelos mesmos princípios educativos. Estes fundamentos de que decorrem princípios orientadores, que adiante se apresentam, estão intimamente articulados e correspondem a uma determinada perspetiva de como as crianças se desenvolvem e aprendem, sendo de destacar, neste processo, a qualidade do clima relacional em que **cuidar** e educar estão intimamente interligados.

O desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança

O desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social.

As relações e interações que a criança estabelece com adultos e outras crianças e as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem formas de **aprendizagem**, que vão contribuir para o seu desenvolvimento. Deste modo, a aprendizagem influencia e é influenciada pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico da criança, sobretudo numa fase da vida em que essa evolução é muito rápida. Por isso, em educação de infância, não se pode dissociar desenvolvimento e aprendizagem.

Esta interligação das características intrínsecas de cada criança (o seu património genético), do seu processo de maturação biológica e das experiências de aprendizagem vividas, faz de cada criança um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender.

Assim, as normas do desenvolvimento estabelecidas ou as aprendizagens esperadas para uma determinada faixa etária/idade não devem ser encaradas como etapas pré-determinadas e fixas, pelas quais todas as crianças têm de passar, mas antes como referências que permitem situar um percurso individual e singular de desenvolvimento e aprendizagem.

Embora muitas das aprendizagens das crianças aconteçam de forma espontânea, nos diversos ambientes sociais em que vivem, num contexto de educação de infância existe uma intencionalidade educativa, que se concretiza através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante e do desenvolvimento de um processo pedagógico coerente e consistente, em que as diferentes experiências e oportunidades de aprendizagem têm sentido e ligação entre si. Neste processo, o desenvolvimento de relações afetivas estáveis, em que a criança é acolhida e respeitada, promove um sentimento de **bem-estar** e a vontade de interagir com os outros e com o mundo.

Contudo, cada criança não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros em que viveu ou vive, nomeadamente no meio familiar, cujas práticas educativas e cultura própria influenciam o seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, importa que o/a educador/a estabeleça relações próximas com esse outro meio educativo, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem.

Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo

O desenvolvimento e aprendizagem da criança ocorrem num contexto de interação social, em que a criança desempenha um papel dinâmico. Desde o nascimento, as crianças são detentoras de um enorme potencial de energia, de uma curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que as rodeia, sendo competentes nas relações e interações com os outros e abertas ao que é novo e diferente.

O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como **sujeito e agente** do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades.

Esse papel ativo da criança decorre também dos direitos de cidadania, que lhe são reconhecidos pela [Convenção dos Direitos da Criança \(1989\)](#): o direito de ser consultada e ouvida, de ter acesso à informação, à liberdade de expressão e de opinião, de tomar decisões em seu benefício e do seu ponto de vista ser considerado. Garantir à criança o exercício destes direitos tem como consequência considerá-la o principal agente da sua aprendizagem, dando-lhe oportunidade de ser escutada e de participar nas decisões relativas ao processo educativo, demonstrando confiança na sua capacidade para orientar a sua aprendizagem e contribuir para a aprendizagem dos outros.

Cabe ao/a educador/a apoiar e estimular esse desenvolvimento e aprendizagem, tirando partido do meio social alargado e das interações que os contextos de educação de infância possibilitam, de modo a que, progressivamente, as escolhas, opiniões e perspetivas de cada criança sejam explicitadas e debatidas. Deste modo, cada criança aprende a defender as suas ideias, a respeitar as dos outros e, simultaneamente, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem de todos (crianças e educador/a).

Exigência de resposta a todas as crianças

O acesso à educação é também um direito de todas as crianças, especificando-se que essa educação tem como base uma igualdade de oportunidades (Convenção dos Direitos da Criança, 1989, art.º 28 e 29).

Dada a importância das primeiras aprendizagens, é atribuído à educação de infância um papel relevante na promoção de uma maior igualdade de oportunidades relativamente às condições de vida e aprendizagens futuras, sobretudo para as crianças cuja cultura familiar está mais distante da cultura escolar. Porém, os resultados da investigação indicam que essa contribuição depende muito da qualidade do ambiente educativo e do modo como este reconhece e valoriza as características individuais de cada criança, respeita e dá resposta às suas diferenças, de modo a que todas se sintam incluídas no grupo.

Assim, todas as crianças, independentemente da sua nacionalidade, língua materna, cultura, religião, etnia, orientação sexual de membro da família, das suas diferenças a nível cognitivo, motor ou sensorial etc., participam na vida do grupo, sendo a **diversidade** encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada criança.

A **inclusão** de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos. A interação e cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o/a educador/a, mas também umas com as outras. Esta perspetiva supõe que o planeamento realizado seja adaptado e diferenciado, em função do grupo e de acordo com características individuais, de modo a proporcionar a todas e a cada uma das crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo em todas um sentido de segurança e autoestima.

Para a construção de um ambiente inclusivo e valorizador da diversidade, é também fundamental que o estabelecimento educativo adote uma **perspetiva inclusiva**, garantindo que: todos (crianças, pais e profissionais) se sintam acolhidos e respeitados; haja um trabalho colaborativo entre profissionais; os pais sejam considerados como parceiros; exista uma ligação próxima com a comunidade e uma rentabilização dos seus recursos. Uma permanente intenção de melhoria dos ambientes inclusivos deve considerar o planeamento e avaliação destes aspetos, com o contributo de todos os intervenientes.

Construção articulada do saber

O desenvolvimento da criança processa-se como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto. Também a sua aprendizagem se realiza de forma própria, assumindo uma configuração **holística**, tanto na atribuição de sentidos em relação ao mundo que a rodeia, como na compreensão

das relações que estabelece com os outros e na construção da sua identidade.

Por isso, a definição de quaisquer áreas de desenvolvimento e aprendizagem representa apenas uma opção possível de organização da ação pedagógica, constituindo uma referência para facilitar a observação, a planificação e a avaliação, devendo as diferentes áreas ser abordadas de forma integrada e globalizante. Esta articulação de áreas de desenvolvimento e aprendizagem implica reconhecer que **brincar** é a atividade natural da criança que melhor corresponde à sua forma holística de aprender.

Ter oportunidade de escolher como, com quê e com quem brincar, na creche ou no jardim de infância, permite à criança desenvolver os seus interesses, tomar decisões, resolver problemas, correr riscos e tornar-se mais independente. Ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades.

Importa, porém, diferenciar uma visão redutora de brincar, como forma de a criança estar ocupada ou entretida, de uma perspetiva de brincar como atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e aprendizagem e se caracteriza pelo elevado **envolvimento** da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento, o que a leva muitas vezes a despender grandes esforços para conseguir realizar o que deseja. A criação de um ambiente educativo em que a criança dispõe de materiais diversificados que estimulam os seus interesses, e a atenção do/a educador/a às suas iniciativas, o modo como a encoraja e os desafios que coloca à exploração e à descoberta, são fundamentais para esse envolvimento ou implicação.

Deste modo, brincar torna-se um meio privilegiado para promover a relação entre crianças e entre estas e o/a educador/a, facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais e o domínio progressivo da expressão oral. De igual modo, brincar proporciona outras conquistas, tais como, ter iniciativas, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender, que atravessam todas as áreas de desenvolvimento e aprendizagem na educação de infância, constituindo condições essenciais para que a criança aprenda com sucesso, isto é, “**aprenda a aprender**”.

Esta curiosidade e desejo de aprender da criança vão dando lugar a processos intencionais de exploração e compreensão da realidade, em que várias atividades se interligam com uma finalidade comum, através de **projetos de aprendizagem** progressivamente mais complexos, que integram diferentes áreas de desenvolvimento e aprendizagem e mobilizam diversas formas de saber, de modo a construir os alicerces de uma aprendizagem ao longo da vida.

A concretização de todos estes fundamentos e princípios educativos no dia a dia da creche e do jardim de infância exige um/a profissional que está atento/a à criança e reflete sobre a sua prática, com um interesse contínuo em melhorar a qualidade da resposta educativa. Neste sentido,

a observação e registo permitem recolher informações para avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas (nomeadamente a gestão das rotinas, a organização do espaço e materiais, a qualidade das relações estabelecidas) sendo ainda essenciais para conhecer cada criança e a sua evolução. As informações recolhidas permitem fundamentar e adequar o planeamento da ação pedagógica. A realização da ação irá desencadear um novo ciclo de Observação/Registo-Planeamento-Avaliação-Reflexão.

No quadro seguinte resumem-se os fundamentos e princípios educativos enunciados e as suas implicações para a ação do/a educador/a de infância.

FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS EDUCATIVOS		
	CRIANÇA	EDUCADOR/A
Desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Cada criança tem uma identidade única e singular, tendo necessidades, interesses e capacidades próprias. • Vive num meio cultural e familiar que deve ser reconhecido e valorizado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem em conta as características da criança, criando oportunidades que lhe permitam realizar todas as suas potencialidades. • Considera a família e sua cultura na sua ação educativa.
Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo.	<ul style="list-style-type: none"> • A criança é detentora de uma curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que a rodeia, sendo competente nas relações e interações que estabelece. • Tem direito a ser escutada e as suas opiniões devem ser tidas em conta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Parte das experiências da criança e valoriza os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens. • Escuta e considera as opiniões da criança, garantindo a sua participação nas decisões relativas ao seu processo educativo. • Estimula as iniciativas da criança, apoiando o seu desenvolvimento e aprendizagem.
Exigência de resposta a todas as crianças.	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças têm direito a uma educação de qualidade em que as suas necessidades, interesses e capacidades são atendidos e valorizados. • Todas as crianças participam na vida do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aceita e valoriza cada criança, reconhecendo os seus progressos. • Tira partido da diversidade para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de todas as crianças. • Adota práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada criança e atendam às suas diferenças. • Promove o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima em todas as crianças.
Construção articulada do saber.	<ul style="list-style-type: none"> • O desenvolvimento e a aprendizagem processam-se de forma holística. • Brincar é um meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aborda as diferentes áreas de forma globalizante e integrada; • Estimula o brincar, através de materiais diversificados, apoiando as escolhas, explorações e descobertas da criança; • Estimula a curiosidade da criança criando condições para que “aprenda a aprender”.

2. Intencionalidade educativa – construir e gerir o currículo

A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as finalidades da sua prática, as suas conceções e valores: [papel profissional](#), imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar.

Destinando-se a apoiar a reflexão do/a educador/a sobre essa intencionalidade, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar não constituem um programa a cumprir, mas sim uma referência para construir e gerir o currículo, que deverá ser adaptado ao contexto social, às características das crianças e das famílias e à evolução das aprendizagens de cada criança e do grupo.

Construir e gerir o [currículo](#) exige, assim, um conhecimento do meio e das crianças, que é atualizado, através da recolha de diferentes tipos de informação, tais como observações registadas pelo/a educador/a, documentos produzidos no dia a dia do jardim de infância e elementos obtidos através do contacto com as famílias e outros membros da comunidade.

Para que a informação recolhida possa ser utilizada na tomada de decisões fundamentadas sobre a prática é necessário que seja organizada, interpretada e refletida. Avaliar consiste, essencialmente, nesse processo de análise e reflexão, no sentido de sustentar as decisões sobre o planeamento, cuja concretização irá conduzir a uma nova avaliação. Por isso, planificação e avaliação são interdependentes: a planificação é significativa se for baseada numa avaliação sistemática e a avaliação é útil se influenciar a planificação da ação e a sua concretização.

Planear e avaliar o processo educativo de acordo com o que o/a educador/a observa, regista e documenta sobre o grupo e cada criança, o seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas, que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.

Através de uma avaliação reflexiva e sensível, o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução, falar com as famílias sobre a aprendizagem dos seus/suas filhos/as e tomar consciência da sua ação e do progresso das crianças, para decidir como apoiar melhor o seu processo de aprendizagem.

Observar, registar, documentar, planear e avaliar constituem etapas interligadas que se desenvolvem em ciclos sucessivos e interativos, integrados num ciclo anual. O conhecimento que vai sendo elaborado ao longo destes ciclos envolve um processo de análise e construção conjunta com a participação de todos os intervenientes (crianças, outros profissionais e pais/famílias), cabendo ao/à educador/a encontrar formas de comunicação e estratégias que promovam esse envolvimento e facilitem a articulação entre os diversos contextos de vida da criança.

A intencionalidade permite atribuir sentido à ação

Observar, registar e documentar para planear e avaliar

Observar, registar e documentar

Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação. Porém, essa observação não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, exigindo um registo que lhes permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo. Anotar o que se observa facilita, também, uma distanciação da prática, que constitui uma primeira forma de reflexão.

Para observar, registar e **documentar** o que a criança sabe e compreende, como pensa e aprende, o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses, é indispensável que o/a educador/a selecione e utilize estratégias diversificadas.

Para registar o que observa, o/a educador/a pode, por exemplo:

- recolher episódios considerados significativos, que podem ser anotados durante o processo, e/ou completados num momento imediatamente posterior;
- utilizar **instrumentos pedagógicos de observação** sistemática, construídos pelo/a educador/a ou já existentes. Estes podem centrar-se num determinado aspeto ou situação, (com que frequência e como as crianças utilizam determinada área da sala, em que ocasiões surgem conflitos, etc.) ou numa amostragem temporal, que tenha em conta diferentes momentos, dias e espaços (de manhã, de tarde, dentro da sala, no exterior, no refeitório).

Sendo as observações registadas pelo/a educador/a um meio privilegiado de recolha de informação, há muitos outros registos ou documentos, que decorrem da prática pedagógica, e que podem ser utilizados como “memórias” para reconstituir e compreender o processo educativo e as aprendizagens das crianças. Estão entre esses documentos:

- registos de apoio à organização do grupo (quadro de presenças, registo das regras acordadas, quadro de tarefas ou outros), os documentos produzidos com as crianças, em que o/a educador/a escreve o que dizem em grande grupo ou em pequeno grupo, as histórias que contam, etc.
- produções individuais ou coletivas das crianças, os registos dos projetos realizados pelo grupo.
- registos audiovisuais que documentam aspetos significativos da vida do grupo ou do processo (fotografias, gravações áudio ou vídeo feitas por adultos ou crianças).

Para além destes, há ainda os documentos produzidos pelo/a educador/a para orientar o seu trabalho e refletir sobre a sua intervenção (planificações, diários de prática, ou sínteses do trabalho realizado com o grupo e com as famílias, etc.).

O/A educador/a recolhe, ainda, informação sobre o contexto de vida das crianças e a sua ação junto das famílias e comunidade, através de, por

Importância de registar o que se observa

Recolha de documentos decorrentes da prática pedagógica

exemplo, registos da participação dos pais/ famílias em reuniões ou em atividades da sala, bem como das relações com parceiros da comunidade. As opiniões destes intervenientes são também uma informação relevante, que pode ser obtida através da anotação de conversas informais, ou recorrendo a instrumentos mais organizados e estruturados, tais como entrevistas ou inquéritos.

Compreender a criança no seu contexto implica que o/a educador/a selecione e utilize diferentes formas e meios de observação e registo, que lhe permitam “ver” a criança sob vários ângulos e situar essa “visão” no desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. A organização, análise e interpretação dessas diversas formas de registo constitui-se como um processo de **documentação pedagógica**, que apoia a reflexão e fundamenta o planeamento e a avaliação.

Planear, agir e avaliar

Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas.

Planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.

O desenvolvimento da ação planeada desafia o/a educador/a a questionar-se sobre o que as crianças experienciaram e aprenderam, se o que foi planeado se adequou ao previsto e o que pode ser melhorado, sendo este questionamento orientador da avaliação.

De acordo com a perspetiva referida avaliar consiste na recolha da informação necessária para tomar decisões sobre a prática. Assim, considera-se a avaliação como uma forma de conhecimento direcionada para a ação. Para que a informação recolhida possa ser utilizada para fundamentar as decisões sobre o desenvolvimento do currículo, o/a educador/a, de acordo com as suas conceções e opções pedagógicas, escolhe formas diversificadas de registar o que observa das crianças, seleciona intencionalmente os documentos resultantes do processo pedagógico e da interação com pais/ famílias e outros parceiros, de forma a dispor de um conjunto organizado de elementos que lhe permitam periodicamente rever, analisar e refletir sobre a sua prática. Para realizar essa seleção, o/a educador/a questiona-se, também, sobre o que pretende saber ao longo do tempo, ou num determinado momento, reflete sobre o que é mais útil e pertinente recolher, como e quando o fazer, como e quando organizar e analisar esses registos e documentos, ou seja, planeia a avaliação.

Recolha de informação sobre o contexto e as famílias

Planear para prever e antecipar o que é mais importante desenvolver

Acolher sugestões das crianças e situações imprevistas

Planear a avaliação

O termo “avaliar”, no seu sentido etimológico, remete para a atribuição de um valor, por isso, a avaliação é muitas vezes entendida como a classificação da aprendizagem, sendo que algumas perspetivas teóricas a descrevem como a realização de juízos de valor. Articulando estas conceções com a definição de avaliação apresentada, considera-se que a educação pré-escolar não envolve nem a classificação da aprendizagem da criança, nem o juízo de valor sobre a sua maneira de ser, centrando-se na documentação do processo e na descrição da sua aprendizagem, de modo a valorizar as suas formas de aprender e os seus progressos.

Refletir sobre o valor que o/a educador/a atribui às experiências de aprendizagem das crianças permite-lhe também tomar consciência das conceções subjacentes à sua intervenção pedagógica e o modo como estas se concretizam na ação. Possibilita-lhe, ainda, explicitar o que valoriza e fundamentar as razões das suas opções junto de outros intervenientes no processo educativo (outros profissionais, pais/famílias). Sabendo que os vários intervenientes podem ter valores e conceções diversos, a sua explicitação pode fundamentar um diálogo construtivo e formativo para todos.

A avaliação na educação pré-escolar é reinvestida na ação educativa, sendo uma avaliação *para* a aprendizagem e não *da* aprendizagem. É, assim, uma avaliação formativa por vezes, também designada como “formadora”, pois refere-se a uma construção participada de sentido, que é, simultaneamente, uma estratégia de formação das crianças, do/a educador/a e, ainda, de outros intervenientes no processo educativo.

Esta perspetiva de avaliação contextualizada (baseada em registos de observação e recolha de documentos situados no contexto), significativa e realizada ao longo do tempo, em situações reais, é também designada “avaliação autêntica” ou “avaliação alternativa”. Embora possa ser utilizada noutros níveis educativos, esta forma de avaliar tem particular importância na educação pré-escolar em que, fazendo parte integrante e fundamental do desenvolvimento curricular, é inseparável da prática educativa.

Planeamento e avaliação – um processo participado

A integração do planeamento e avaliação na prática educativa implica o envolvimento ativo dos diferentes participantes: crianças, pais/famílias e outros profissionais. Considerar a criança como agente do processo educativo e reconhecer-lhe o direito de ser ouvida nas decisões que lhe dizem respeito confere-lhe um papel ativo no planeamento e avaliação do currículo, constituindo esta participação uma estratégia de aprendizagem. Assim, planear com as crianças, individualmente, em pequenos grupos ou no grande grupo são oportunidades de participação nas decisões sobre o currículo, em que a criança faz propostas, prevê como as vai pôr em prática e com quem. Essa participação constitui um meio de formação pessoal e social, de desenvolvimento cognitivo e de linguagem e permite, ainda, que o grupo beneficie da diversidade de capacidades e saberes de cada criança.

Enquanto protagonista da sua aprendizagem, é também fundamental envolver a criança na avaliação, descrevendo o que fez, como e com quem, como poderia continuar, melhorar ou fazer de outro modo, tomando,

assim, consciência dos seus progressos e de como vai ultrapassando as suas dificuldades. Este processo de avaliação ou revisão vai ajudar as crianças a aprenderem a prever melhor o que querem fazer e, por conseguinte, a planear melhor.

Prever o que se vai fazer, tomar consciência do que foi realizado são condições da organização democrática do grupo, como também o suporte da aprendizagem articulada nas diferentes áreas de conteúdo, nomeadamente para que a criança tome consciência de si como aprendiz, desenvolva a curiosidade e desejo de aprender.

A participação no planeamento e avaliação de outros profissionais que trabalham com o mesmo grupo de crianças é um dos meios de garantir a coerência do currículo e de ter outros “olhares” sobre a aprendizagem das crianças.

Os pais/famílias, como principais responsáveis pela educação dos filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico.

A participação destes diferentes intervenientes e de outros membros da comunidade no planeamento, realização e avaliação de oportunidades educativas é uma forma de alargar as interações e de enriquecer o processo educativo. Cabe ao/a educador/a criar as condições necessárias para essa participação, encontrando as formas de comunicação e articulação mais adequadas.

Interligação, planeamento, ação, avaliação

A construção e desenvolvimento do currículo e a sua adaptação ao grupo de crianças que, em cada ano, frequenta o jardim de infância inicia-se através da recolha de informação sobre o contexto social e familiar da criança e sobre o processo educativo anteriormente realizado, no jardim de infância, se já o frequentou, ou sobre as experiências de aprendizagem que as crianças vivenciaram no contexto familiar e/ou na creche. Para além da informação sobre o percurso anterior, o/a educador/a observa também cada criança e as suas interações no grupo, para perceber se se sente bem e está integrada e conhecer os seus saberes e interesses (observando o que a criança faz, como interage, ouvindo o que diz, recolhendo diversos trabalhos que realiza, etc.).

É a partir deste conjunto de informações, ou seja, desta primeira avaliação ou caracterização inicial, que o/a educador/a explicita as suas intenções educativas, planeia a sua intervenção, elaborando o [projeto curricular de grupo](#) em articulação com o [projeto educativo do estabelecimento/agrupamento](#).

O planeamento do projeto curricular de grupo vai sendo regulado e melhorado, através da avaliação, tanto da intervenção do/a educador/a na organização do ambiente educativo e no desenvolvimento do processo, como dos efeitos dessa intervenção na evolução do grupo e nos progressos de aprendizagem de cada criança. A interligação entre planeamento, ação e avaliação tem como consequência que os aspetos incluídos no planeamento sejam também contemplados na avaliação.

A participação de outros profissionais

Participação dos pais/famílias

Caracterização inicial para elaborar o projeto curricular de grupo

A organização do ambiente educativo enquanto suporte do desenvolvimento curricular é planeada como um contexto culturalmente rico e estimulante. A apropriação desse ambiente por parte das crianças contribui para o desenvolvimento da sua independência, sendo que as oportunidades de participação nas decisões sobre essa organização favorecem a sua autonomia. A avaliação da organização do ambiente educativo permite ao/a educador/a refletir sobre as suas potencialidades educativas, a partir do que observa: exploração e utilização dos espaços e materiais; interações e relações entre crianças e entre crianças e adultos; distribuição e utilização do tempo. É a partir dessa observação, e da escuta das opiniões e sugestões das crianças e de outros elementos da equipa pedagógica, que a organização do ambiente educativo vai sendo melhorada e ajustada.

O/a educador/a planeia a sua intervenção no processo pedagógico tendo em conta os fundamentos e princípios subjacentes às Orientações Curriculares, nomeadamente uma abordagem integrada e globalizante das diferentes áreas de conteúdo e a exigência de dar resposta a todas as crianças. Neste sentido, o/a educador/a define as suas intenções pedagógicas, prevendo propostas abrangentes atrativas e significativas, que, centrando-se numa área ou domínio, tem em conta as possibilidades de aprendizagem noutras.

Se as crianças participam e são ouvidas nas propostas apresentadas pelo/a educador/a, este/a está também atento/a e apoia as suas propostas implícitas ou explícitas, participando intencionalmente em situações da iniciativa da criança, de modo a alargar e enriquecer as suas aprendizagens. A observação de situações da iniciativa das crianças é um meio de conhecer os seus interesses, um conhecimento que pode ser utilizado para o/a educador/a planear novas propostas, ou apoiar o desenvolvimento de [projetos](#) de pequenos grupos ou de todo o grupo.

À medida que o processo se desenvolve, o projeto curricular de grupo vai sendo revisto e ajustado através de ciclos sucessivos de planeamento, ação e avaliação, que se vão alargando e aprofundando, ao longo do ano. Assim, o/a educador/a prevê em cada dia a sua ação do dia seguinte, sendo que, a partir do que observa, regista e documenta sobre o desenvolvimento do processo e das aprendizagens das crianças, recolhe elementos para avaliar e refletir, numa base semanal ou mensal. Esta reflexão, sobre a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, permite perceber se contribuíram para a aprendizagem de todas e de cada uma das crianças.

De acordo com a organização do ano letivo, esta avaliação será estruturada e resumida por escrito no final de cada momento intermédio, dando lugar no final do ano a uma síntese global de avaliação do projeto curricular de grupo e dos seus efeitos nas aprendizagens das crianças.

A autoavaliação da intervenção do/a educador/a e a avaliação do desenvolvimento do processo é essencial numa perspetiva de avaliação formativa, em que a avaliação é reinvestida na ação. A avaliação do processo permite também saber em que medida as crianças se envolveram nas suas atividades e projetos e quais as aprendizagens que vão realizando. Através dessa avaliação, o/a educador/a vai ajustando o seu planeamento e intenções pedagógicas, de modo a estabelecer uma progressão que desafie

Planeamento e avaliação da organização do ambiente educativo

Planeamento e avaliação da intervenção do/a educador/a

Planeamento e avaliação do processo educativo

Planeamento e avaliação do desenvolvimento e aprendizagem das crianças

cada criança. Considerando que cada criança é única, tem os seus saberes e formas próprias de aprender, a avaliação da aprendizagem das crianças incide não só na evolução do grupo, mas também nos progressos de cada uma, sabendo que esses progressos não são lineares, nem idênticos em todas as crianças.

Uma perspectiva de avaliação formativa centrada no desenvolvimento do processo e nos progressos da aprendizagem de cada criança não se enquadra em abordagens de avaliação normativa, em que essa aprendizagem é situada face a normas ou padrões previamente estabelecidos. Assim, nesta perspectiva, não tem sentido situar o nível de desenvolvimento da criança ou em que medida foram atingidos objetivos ou metas de aprendizagem previamente definidos. A definição de objetivos desejáveis ou esperáveis será, eventualmente, utilizada como uma referência para situar e descrever os progressos da aprendizagem de cada criança, ou, ainda, para alertar o/a educador/a da necessidade de reformular a sua intervenção, de modo a incentivar os progressos de todas e cada uma das crianças. Uma avaliação sumativa que quantifica ou estabelece níveis de aprendizagem não se enquadra numa abordagem formativa, uma vez que esta é centrada na avaliação do processo e dos progressos da aprendizagem.

A avaliação do progresso de cada criança, situada no contexto e processo em que se desenvolveu, utiliza abordagens descritivas ou narrativas, que documentam a evolução desse progresso e constituem o meio fundamental da avaliação designada como “alternativa”. São exemplos deste tipo de avaliação a construção de portefólios ou histórias de aprendizagem, em que a criança é envolvida na seleção de trabalhos, imagens e fotografias que fazem parte desse registo. Os comentários da criança que acompanham essa seleção também fazem parte dessa documentação, bem como anotações e registos do/a educador/a e/ou dos pais/famílias. Este tipo de instrumento permite à criança participar no planeamento e avaliação da sua aprendizagem, rever o processo e tomar consciência dos seus progressos.

Dada a importância do contexto familiar na educação das crianças, o/a educador/a também planeia e avalia a sua ação junto dos pais/famílias, prevendo estratégias que incentivem a sua participação, permitindo-lhe conhecer melhor o contexto familiar e social das crianças e envolver os pais/famílias no processo educativo, ajustando e reformulando a sua ação em função da avaliação dessas práticas.

A avaliação destas diferentes dimensões apoia a reflexão fundamentada do/a educador/a sobre a sua prática pedagógica e o modo como concretiza a sua intencionalidade, possibilitando ainda tornar essa prática visível e facilitar a participação dos diferentes intervenientes no processo educativo.

Comunicar e articular

O desenvolvimento de um processo participado de planeamento e avaliação implica uma partilha de informação e um processo de reflexão entre os diferentes intervenientes. Cabe ao/a educador/a criar um clima

de comunicação em que crianças, outros profissionais e pais/famílias são escutados e as suas opiniões e ideias consideradas e debatidas.

A participação das crianças no planeamento e avaliação implica que o/a educador/a seja um ouvinte atento, que toma em consideração as suas propostas e sugestões, questionando-as para perceber melhor as suas ideias e para que tomem consciência dos seus progressos.

Também, no dia a dia, o/a educador/a valoriza o que a criança faz, dando-lhe *feedback* construtivo centrado no seu empenhamento e na procura de resolução das dificuldades que se lhe colocam, de modo a contribuir para a construção da sua identidade e autoestima e promover a sua persistência e desejo de aprender.

A comunicação das intenções do/a educador/a e do seu projeto curricular de grupo aos pais/famílias é uma ocasião para os envolver no processo de planeamento e para recolher as suas sugestões. A partilha desse plano permite, ainda, encontrar em conjunto de possibilidades de os pais/famílias e outros elementos da comunidade participarem no processo educativo do jardim de infância.

Ao longo do ano, o/a educador/a vai dando conta do desenvolvimento do processo educativo e do progresso das aprendizagens das crianças através de reuniões e/ou contactos informais com os pais/famílias. Um diálogo que facilite relações de confiança mútua permite aos pais/famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas e ser esclarecidos sobre as opções tomadas pelo/a educador/a. Para além disso, permite ao/a educador/a/a compreender melhor os contextos familiares das crianças do seu grupo e adequar a sua intervenção educativa.

A partilha da avaliação de cada criança com os pais/famílias, tornando visível o processo pedagógico e os progressos do seu/sua filho/filha, permite-lhes compreender as aprendizagens que realizaram, mas também contribuir para essa avaliação, através do que conhecem da criança e observam em casa, facilitando a articulação entre a educação familiar e o processo educativo no jardim de infância.

A participação dos vários elementos da equipa da sala na reflexão sobre o processo pedagógico e as aprendizagens das crianças, apoiada em registos e documentos, permite que haja articulação e coerência entre práticas no processo educativo.

Também a partilha, debate e reflexão conjunta entre a equipa de educadores/as do mesmo estabelecimento/departamento curricular, sobre o desenvolvimento do trabalho pedagógico e dos instrumentos de planeamento e avaliação em que se apoia, constitui um meio privilegiado de desenvolvimento profissional e de melhoria das práticas.

Esta comunicação entre educadores/as que trabalham no mesmo estabelecimento permite-lhes ainda decidir, em conjunto, formas de envolvimento e articulação com docentes de outros níveis, nomeadamente com professores do 1.º ciclo e como transmitir a informação sobre o processo desenvolvido no jardim de infância e uma síntese das aprendizagens realizadas por cada criança, de modo a facilitar a transição e a continuidade entre a educação pré-escolar e o ensino obrigatório.

Importa que os/as educadores/as reflitam individualmente, e em conjunto, sobre a melhor maneira de comunicar informações sobre cada criança,

Comunicação com os pais/famílias

Comunicação entre os elementos da equipa da sala

tendo em conta os destinatários. Essa comunicação respeita [princípios éticos e deontológicos](#) que deverão orientar a sua prática tendo em conta o superior interesse da criança, não se centrando nos seus insucessos mas sim nas suas conquistas e descobertas, não divulgando informação confidencial e respeitando a privacidade das crianças e famílias.

Este processo fundamentado e partilhado de desenvolvimento do currículo é fundamental para compreender, interpretar e atribuir significado à aprendizagem das crianças e apoiar a reflexão do/a educador/a sobre a sua prática pedagógica e o modo como concretiza a sua intencionalidade.

Sugestões de Reflexão:

Reflete sobre a coerência entre a sua intencionalidade educativa e as práticas de observação, documentação e avaliação que utiliza (por exemplo, defende um currículo baseado nos interesses das crianças e só regista e documenta o que é realizado por proposta do/a educador/a)?

Planeia uma recolha e organização da informação diversificadas mas exequíveis, selecionando o que é mais importante e pertinente? Prevê uma periodicidade para analisar essa informação e refletir sobre ela?

Procura que a informação seja recolhida e organizada de forma a ter um conhecimento o mais objetivo possível do processo e da aprendizagem das crianças? Escolhe ou constrói instrumentos de observação? Recolhe e organiza os documentos de forma a poderem ser úteis para compreender o processo e a aprendizagem das crianças? Analisa os progressos das aprendizagens das crianças tendo em conta a sua intervenção?

O que aprendeu com a análise e reflexão do que observa regista e documenta? Em que aspetos essa informação influenciou o planeamento, a melhoria do processo e das práticas educativas? Como a partilhou com a equipa de sala?

Partilha, debate e reflete regularmente com outros/as educadores/as o seu projeto curricular de grupo, os instrumentos de observação e registo e a forma como os utiliza e organiza?

O planeamento e a avaliação são participados e negociados envolvendo os diferentes intervenientes? Como e quando é que as crianças participam? Quais as oportunidades de participação que são dadas aos pais/famílias? O relato da avaliação é pensado em função dos destinatários: pais, outros profissionais, etc.?

A comunicação do processo e progressos da aprendizagem respeita normas éticas e deontológicas? Centra-se nos aspetos positivos e nos progressos das crianças? Não são divulgadas informações que possam prejudicar a criança e diminuir a sua autoestima? Respeita a privacidade das crianças e famílias?

...

3. Organização do ambiente educativo

As organizações educativas são contextos que exercem determinadas funções, dispondo para isso de tempos e espaços próprios e em que se estabelecem diferentes relações entre os intervenientes. A organização dinâmica destes contextos educativos pode ser vista segundo uma perspetiva sistémica e ecológica. Esta abordagem assenta no pressuposto de que o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive.

Para compreender a complexidade do meio importa considerá-lo como constituído por diferentes sistemas que desempenham funções específicas e que, estando em interconexão, se apresentam como dinâmicos e em evolução. Assim, o indivíduo em desenvolvimento interage com diferentes sistemas que estão eles próprios em evolução.

Nesta abordagem, importa distinguir os sistemas restritos e imediatos, com características físicas e materiais particulares — a casa, a sala de jardim de infância, a rua, etc. — em que há uma interação direta entre atores que aí desempenham diferentes papéis — pai ou mãe, filho/a, docente, aluno/a, etc. — e desenvolvem formas de relação interpessoal, implicando-se em atividades específicas que se realizam em espaços e tempos próprios. São exemplos destes sistemas restritos, com particular importância para a educação da criança, o meio familiar e o contexto de educação pré-escolar.

As relações que se estabelecem entre estes e outros sistemas restritos formam um outro tipo de sistema com características e finalidades próprias (as relações entre famílias e o contexto de educação de infância). Por seu turno, estes sistemas são englobados por sistemas sociais mais alargados que exercem uma influência sobre eles (por exemplo, a organização da educação de infância no sistema educativo e no sistema social influenciam o funcionamento dos jardins de infância).

Estas interações podem ser representadas de forma esquemática:



A abordagem sistêmica e ecológica constitui, assim, uma perspectiva de compreensão da realidade que permite adequar, de forma dinâmica, o contexto do estabelecimento educativo às características e necessidades das crianças e adultos, tornando-se, ainda, um instrumento de análise para que o/a educador/a possa adaptar a sua intervenção às crianças e ao meio social em que trabalha, pois possibilita:

- compreender melhor cada criança, ao conhecer os sistemas em que esta cresce e se desenvolve, de forma a respeitar as suas características pessoais, cultura e saberes já adquiridos, apoiando a sua maneira de se relacionar com os outros e com o meio social e físico;
- contribuir para a dinâmica do contexto de educação pré-escolar na sua interação interna (relações entre crianças e crianças e adultos) e na interação que estabelece com outros sistemas que também influenciam a educação das crianças (relação com as famílias) e ainda com o meio social envolvente e a sociedade em geral, de modo a que esse contexto se organize para responder melhor às suas características e necessidades;
- perspetivar o processo educativo de forma integrada, tendo em conta que a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem, de forma articulada, em interação com os outros e com o meio;
- permitir a utilização e gestão integrada dos recursos do estabelecimento educativo e de recursos que, existindo no meio social envolvente, podem ser dinamizados;
- acentuar a importância das interações e relações entre os sistemas que têm uma influência direta ou indireta na educação das crianças, de modo a tirar proveito das suas potencialidades e ultrapassar as suas limitações, para alargar e diversificar oportunidades educativas das crianças e apoiar o trabalho dos adultos.

Tendo em conta os diferentes sistemas em interação, analisam-se seguidamente algumas características relevantes para a organização do ambiente educativo na educação pré-escolar:

- Organização do estabelecimento educativo
- Organização do ambiente educativo da sala
 - Organização do grupo
 - Organização do espaço
 - Organização do tempo
- Relações entre os diferentes intervenientes.

Organização do estabelecimento educativo

O estabelecimento educativo deve organizar-se como um contexto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, proporcionando também oportunidades de formação dos adultos que

nele trabalham. Estabelece procedimentos de interação entre os diferentes intervenientes (entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos), tem um papel na gestão de recursos humanos e materiais, o que implica a prospeção de meios para melhorar as funções educativas da instituição. O estabelecimento educativo tem uma influência determinante no trabalho que o/a educador/a realiza com o seu grupo de crianças e pais/famílias, bem como na dinâmica da equipa educativa.

Cada estabelecimento educativo tem as suas características próprias e uma especificidade que decorre da rede em que está incluído (pública, privada solidária ou privada cooperativa), da dimensão e dos recursos materiais e humanos de que dispõe, diferenciando-se ainda pelos níveis educativos que engloba. Muitos estabelecimentos educativos, para além da educação pré-escolar, incluem outros níveis educativos como a creche ou os ensinamentos básico e secundário. Esta inserção num contexto organizacional mais vasto permite tirar proveito de recursos humanos e materiais, facilitando ainda a continuidade educativa.

A dinâmica própria de cada estabelecimento educativo está consignada no seu projeto educativo, como instrumento de orientação global da sua ação e melhoria, complementado pelo regulamento da instituição, que prevê as funções e formas de relação com os diversos grupos que compõem a comunidade (órgãos de gestão, profissionais, pais e alunos). Estas linhas gerais de orientação, e nomeadamente o projeto educativo de Estabelecimento/Agrupamento, enquadram o trabalho educativo dos profissionais e a elaboração do projeto curricular de grupo. A contribuição dos educadores na elaboração do projeto educativo e o modo como o concretizam confere-lhes também um papel na sua avaliação.

Há ainda determinados aspetos da gestão do estabelecimento que têm uma influência direta nas salas de jardim de infância, tais como a distribuição de grupos e horários dos diferentes profissionais, critérios de composição dos grupos e organização global do tempo (horas de entrada e saída, horas de almoço, disponibilidade de utilização de recursos comuns).

Os estabelecimentos educativos proporcionam, também, um espaço alargado de desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças, em que a partilha dos espaços comuns (entrada, corredores, refeitório, biblioteca, ginásio, etc.) deverá ser planeada em conjunto pela equipa educativa.

A organização do tempo não letivo é também decidida a nível do estabelecimento, importando que o/a educador/a planeie e supervisione a sua concretização, tendo em conta as finalidades que a distinguem da componente letiva, mas assegurando uma coerência de princípios educativos entre estes dois tempos.

Neste contexto global, cada sala organiza-se de forma a dar resposta ao desenvolvimento e aprendizagem de um determinado grupo de crianças.

Projeto Educativo de Estabelecimento/Agrupamento

Projeto curricular de grupo

Organização do tempo não letivo

Organização do ambiente educativo da sala

A educação pré-escolar é um contexto de socialização em que a aprendizagem se contextualiza nas vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança e nas experiências relacionais proporcionadas. Este processo educativo realiza-se num determinado tempo, situa-se num espaço que dispõe de materiais diversos e implica a inserção da criança num grupo em que esta interage com outras crianças e adultos.

A organização do grupo, do espaço e do tempo constituem dimensões interligadas da organização do ambiente educativo da sala. Esta organização constituiu o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender. Importa, assim, que o/a educador/a reflita sobre as oportunidades educativas que esse ambiente oferece, ou seja, que planeie essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correções necessários.

Organização do grupo

Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de socialização através da relação entre crianças, crianças e adultos e entre adultos. Esta dimensão relacional constitui a base do processo educativo.

Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades, ou a dimensão do grupo.

Estes fatores são influenciados pelas condições institucionais em que o jardim de infância se insere e pelas características demográficas da população que serve. A decisão da composição etária deve, porém, corresponder a uma opção pedagógica, tendo em conta que a interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem. A existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças.

Qualquer que seja a composição do grupo, a relação individualizada que o/a educador/a estabelece com cada criança é facilitadora da sua inclusão no grupo e das relações com as outras crianças. Na educação de infância, cuidar e educar estão intimamente relacionados, pois ser responsável por um grupo de crianças exige competências profissionais que se traduzem, nomeadamente, por prestar atenção ao seu bem-estar emocional e físico e dar resposta às suas solicitações (explícitas ou implícitas). Este **cuidar ético** envolve assim a criação de um ambiente securizante em que cada criança se sente bem e em que sabe que é escutada e valorizada.

Suporte do desenvolvimento curricular

Grupos que incluem diferentes idades enriquecem as interações e as aprendizagens

Cuidar e educar estão intimamente relacionados

A relação que o/a educador/a estabelece com as crianças assume diversas formas, que têm de ser intencionalmente pensadas e adaptadas às situações. Estar atento/a e escutar as crianças, ao longo dos vários momentos do dia, permite ao/à educador/a perceber os seus interesses e ter em conta as suas propostas para negociar com elas o que será possível fazer, ou para se decidir em conjunto o que é de continuar, ou o que está terminado para se passar a uma nova proposta. Neste processo relacional, o/a educador/a: apoia as atividades escolhidas pelas crianças e a realização das que propõe; valoriza de forma empática os trabalhos apresentados pelas crianças, as suas descobertas e as soluções que encontram para resolver problemas e dificuldades; estimula quem tem mais dificuldade em partilhar o que pensa; modera debates e negociações; propõe ainda ideias que levem as crianças a terem vontade de melhorar o seu trabalho.

As dinâmicas de interação que se estabelecem têm implicações nos processos de aprendizagem, no sentido de promover:

- *Respeito por cada criança e sentimento de pertença a um grupo* - a forma como o/a educador/a está atento/a e se relaciona com as crianças, apoia as interações e relações no grupo, contribuem para o desenvolvimento da autoestima e de um sentimento de pertença que permite às crianças tomar consciência de si mesmas na relação com outros. A vivência num grupo social alargado constitui ainda a base do desenvolvimento da área de Formação Pessoal e Social e da aprendizagem da vida democrática, o que implica que o/a educador/a crie situações diversificadas de conhecimento, atenção e respeito pelo outro, bem como de desenvolvimento do sentido crítico e de tomada de decisões baseada na negociação.
- *Trabalho cooperado* - O trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista e de colaborarem na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum, alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras. Trabalhar em grupos constituídos por crianças com diversas idades ou em momentos diferentes de desenvolvimento permite que as ideias de uns influenciem as dos outros. Este processo contribui para a aprendizagem de todos, na medida em que constitui uma oportunidade de explicitarem as suas propostas e escolhas e de como as conseguiram realizar.
- *Entendimento da perspetiva do outro* - O desenvolvimento social faz-se através de duas vertentes contraditórias: a necessidade de relação de proximidade com os outros e o desejo de afirmação e de autonomia pessoal.

Neste sentido, o/a educador/a deve apoiar a compreensão que as crianças têm, desde muito cedo, dos sentimentos, intenções e emoções dos outros, facilitando o desenvolvimento da compreensão do que os outros pensam, sentem e desejam. Nomeadamente em situações de conflito, cabe ao/à educador/a apoiar a explicitação e aceitação dos diferentes pontos de vista, favorecendo a negociação e resolução conjunta do problema.

Relação entre o/a educador/a e as crianças

Desenvolvimento da autoestima, consciência de si e sentimento de pertença

Aprender e contribuir para a aprendizagem das outras crianças

Compreender diferentes pontos de vista

- *Regulação da vida em grupo* - A participação das crianças no processo educativo através de oportunidades de decisão em comum de regras coletivas indispensáveis à vida social do grupo e à distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva constituem experiências de vida democrática, que permitem tomar consciência dos seus direitos e deveres.

As razões das normas que decorrem da vida em grupo (por exemplo, esperar pela sua vez, arrumar o que desarrumou, etc.) terão de ser explicitadas e compreendidas pelas crianças, como o respeito pelos direitos de cada uma, indispensáveis à vida em comum. Estas normas e outras regras adquirem maior força e sentido se todo o grupo participar na sua elaboração, bem como na distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva (por exemplo, regar as plantas, tratar de animais, encarregar-se de pôr a mesa, distribuir refeições, etc.)

- *Participação no planeamento e avaliação* - Ao participarem no planeamento e avaliação, as crianças estão a colaborar na construção do seu processo de aprendizagem. Planear e avaliar com as crianças individualmente, em pequenos grupos ou no grande grupo são oportunidades de participação e meios de desenvolvimento cognitivo e da linguagem. Esta participação é uma condição de organização democrática do grupo, sendo também suporte da aprendizagem nas diferentes áreas de conteúdo.

Organização do espaço

Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens.

A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interroge sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.

A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo. Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças.

O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.

A importância dos materiais na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças e o projeto curricular de grupo. A progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará

Tomar consciência dos seus direitos e deveres

Participar no processo de aprendizagem

A organização do espaço como expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo

Escolha e introdução de novos materiais

à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiadores e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados.

A escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético. A utilização de material reciclado (caixas de diferentes tamanhos, bocados de canos, interior de embalagens, bocados de tecidos, pedaços de madeira, fios etc.), bem como material natural (pedras, folhas sementes, paus) podem proporcionar inúmeras aprendizagens e incentivar a criatividade, contribuindo ainda para a consciência ecológica e facilitando a colaboração com os pais e a comunidade.

Na organização deste espaço não pode ainda ser descurada a forma como são utilizadas as paredes. O que está exposto deverá ter uma apresentação esteticamente cuidada e ser representativo dos processos de aprendizagem desenvolvidos, tornando-os visíveis tanto para crianças como para adultos.

O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior. Se as atividades que se realizam habitualmente na sala também podem ter lugar no espaço exterior, este tem características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas.

O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades motoras (correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras, etc.), num ambiente de ar livre.

Estas múltiplas funções do espaço exterior exigem que o/a educador/a reflita sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada, nomeadamente no que se refere à introdução de materiais e equipamentos, que apelem à criatividade e imaginação das crianças e atendam a critérios de qualidade, com particular atenção às questões de segurança.

O espaço educativo inclui ainda os espaços comuns a todo o estabelecimento (*hall*, corredores, biblioteca, refeitórios, salas polivalentes, etc.) que o/a educador/a, utiliza e rentabiliza, tendo em conta as decisões tomadas por toda a equipa educativa do estabelecimento.

Organização do tempo

O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade. A sucessão de cada dia, as manhãs e tardes têm um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade

Utilização do espaço das paredes

Potencialidades educativas do espaço exterior

Utilização de espaços comuns ao estabelecimento

Planeamento da rotina pedagógica

de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do/a educador/a ou das crianças podem modificar o cotidiano habitual.

O tempo diário inscreve-se num tempo, semanal, mensal e anual, que têm ritmos próprios e cuja organização tem, também, de ser planeada. A vivência destas diferentes unidades de tempo permite que a criança se vá progressivamente apropriando de referências temporais que são securizantes e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro.

Porque o tempo é de cada criança, do grupo e do/a educador/a, importa que a sua organização seja decidida pelo/a educador/a e pelas crianças. Um tempo que contemple de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações — individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo — e permita oportunidades de aprendizagem diversificadas. Trata-se de prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças e que tenha em conta que precisam de tempo para fazerem experiências e explorarem, para brincarem e praticarem, para experimentarem novas ideias, modificarem as suas realizações e para as aperfeiçoarem.

Relações entre os diferentes intervenientes

Numa perspetiva sistémica e ecológica, as relações e interações que se estabelecem entre os diferentes intervenientes do processo educativo são essenciais para o desenvolvimento desse processo. O ambiente educativo da sala de jardim de infância e do estabelecimento proporcionam múltiplas formas de relações recíprocas, que se enumeram, dado o papel que o/a educador/a desempenha na promoção dessas relações e no aproveitamento das suas potencialidades para a educação das crianças e o seu desenvolvimento profissional.

Relações entre crianças e crianças e adultos

A relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação, facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas. A ação do/a educador/a permite também que as crianças beneficiem de oportunidades que são proporcionadas pela frequência de um estabelecimento educativo, alargando as suas relações com outras crianças de diferentes idades e níveis educativos. Este contexto possibilita que participem no desenvolvimento de atividades e projetos com outras crianças e grupos, que compreendam e aceitem regras de convivência que envolvem crianças de diferentes idades (cuidados com os mais novos, apoio dos mais velhos), e ainda que tenham contactos e relações com diferentes adultos. Estas situações ampliam e enriquecem a sua aprendizagem e competências sociais.

As experiências que a criança realiza no jardim de infância têm, também, influência nas relações familiares, pois o que a criança transmite em casa

Planeamento do tempo semanal, mensal e anual

Participação das crianças na organização do tempo

Organização estruturada e flexível do tempo

Relações entre crianças e adultos do estabelecimento

A criança como mediadora das relações com as famílias

sobre o que faz e aprende é motivo de conversa com os pais e facilita as relações familiares, contribuindo para o interesse dos pais/famílias em participarem no processo educativo desenvolvido no estabelecimento. A criança é assim mediadora entre a escola e a família.

Relações com pais/famílias

Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.

As relações com os pais/famílias podem revestir várias formas e níveis em que se pode distinguir a relação que se estabelece com cada família da relação organizacional que implica coletivamente os pais/famílias.

A relação que o/a educador/a estabelece com cada família centra-se na criança e tem em conta que são coeducadores da mesma criança. Esta relação assenta numa comunicação que se realiza através de trocas informais (orais ou escritas), ou em momentos planeados (reuniões com cada família). Estes momentos constituem ocasiões para conhecer as suas necessidades e expectativas educativas, ouvir as suas opiniões e sugestões, incentivar a sua participação, e, ainda, para combinar as formas de participação que melhor correspondem às suas disponibilidades. A avaliação que o/a educador/a realiza do processo desenvolvido por cada criança e dos seus progressos torna-se um recurso fundamental nessa comunicação.

O planeamento de estratégias diversificadas permitirá que todos participem. Se há pais que poderão, eventualmente, vir ao jardim de infância para contarem uma história, falarem da sua profissão, acompanharem visitas e passeios, etc., para os que não podem vir à sala serão encontradas outras formas de obter o seu contributo para o que se está a realizar, garantindo que todas as crianças vejam representados os contributos dos seus pais/famílias.

As reuniões de pais/famílias são um meio de participação coletiva em que o/a educador/a partilha as suas intenções educativas, o processo a desenvolver e/ou desenvolvido com o grupo, e envolve as famílias na elaboração do projeto curricular do grupo. Este envolvimento facilita a participação dos pais/famílias e a sua compreensão do trabalho pedagógico que se realiza na educação pré-escolar.

A contribuição coletiva dos pais tem também expressão ao nível do estabelecimento, numa relação organizacional, que os implica enquanto grupo. Os pais, enquanto primeiros e principais responsáveis pela educação das crianças, têm o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos. Este é o sentido da constituição de associações de pais e da sua participação no projeto educativo, enquanto forma global como o estabelecimento se organiza para dar uma melhor resposta à educação das crianças, às necessidades dos pais/famílias e às características da comunidade.

Este contacto entre pais/famílias cujos/cujas filhos/as frequentam o mesmo estabelecimento ou grupo de jardim de infância permite também a criação de relações informais, de solidariedade e de apoio mútuo entre famílias, que as ajudem a desempenhar as suas funções educativas e a tomar decisões

Relações com cada família

Estratégias diversificadas que permitam a participação de todos os pais/ famílias

Participação coletiva dos pais/ famílias no estabelecimento educativo

Relações entre pais/famílias

sobre a educação dos filhos/as. O/a educador/a e/ou o estabelecimento educativo podem proporcionar condições para que essas relações se estabeleçam.

Relações entre profissionais

O estabelecimento educativo deverá também favorecer as relações, e o trabalho em equipa, entre profissionais que têm um papel na educação das crianças. Esse trabalho em equipa pode realizar-se a vários níveis:

- Reuniões regulares da equipa que trabalha com o mesmo grupo de crianças: educador/a, auxiliar de ação educativa/assistente operacional, animadores/as da componente de apoio à família ou outros profissionais que intervenham com as crianças em tempo letivo (professor/a de educação especial ou professor/a com especialidade numa determinada área). Este trabalho é indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.
- Encontros periódicos entre todos/as os/as educadores/as do estabelecimento/departamento de educação pré-escolar, para debater e refletir sobre a ação pedagógica desenvolvida e tomar decisões conjuntas sobre aspetos que dizem respeito ao seu trabalho no estabelecimento educativo. Esta relação de cooperação, em que os/as educadores/as coordenam, planeiam e avaliam, em conjunto, a sua ação, constitui um meio de desenvolvimento profissional e de melhoria das práticas com efeitos na educação das crianças. Cabe ao diretor/coordenador pedagógico, em colaboração com os educadores, encontrar as formas e os momentos deste trabalho de equipa. Estas equipas podem ainda beneficiar do apoio de outros profissionais, tais como psicólogos, trabalhadores sociais, etc. que, enriquecendo o trabalho da equipa, facilitam a procura de respostas mais adequadas às crianças e às famílias.
- Encontros entre profissionais de diferentes níveis educativos que, no estabelecimento, estiveram ou irão estar encarregados da educação das mesmas crianças, nomeadamente educadores/as de creche, educadores/as do jardim de infância e professores/as do 1.º ciclo. Não cabe apenas individualmente ao/a educador/a, mas a toda a organização educativa, garantir a articulação e a continuidade do processo na educação de cada criança.

Relações com a comunidade

A colaboração dos pais/famílias, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem. O/A educador/a, ao dar conhecimento aos pais/famílias e a outros membros da comunidade, presencialmente ou à distância (blogue, plataforma da escola, etc.), do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições, favorece um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos.

Reuniões da equipa que trabalha com o mesmo grupo de crianças

Encontros de todos/as educadores/as do estabelecimento

Encontros entre profissionais de diferentes níveis educativos

Participação de famílias e comunidade no processo educativo das crianças

Para além da contribuição da comunidade para a aprendizagem das crianças, o estabelecimento educativo beneficia da colaboração com organizações, serviços e recursos da comunidade próxima e alargada (autarquias, serviços de saúde, segurança social, Polícia de Segurança Pública, centros culturais e desportivos, instituições de ensino superior, etc.) para realizar as suas finalidades educativas. A cooperação com estes recursos da comunidade pode assumir a forma de parcerias formais, através de acordos ou protocolos com continuidade, ou ser solicitada pontualmente. Estas parcerias, para além de contribuírem para a realização das finalidades educativas do estabelecimento, podem ainda facilitar a relação entre estes serviços e os pais/famílias, através da disponibilização de informações sobre as suas funções e funcionamento.

O contributo prestado pelos diversos recursos da comunidade ao estabelecimento educativo traduz-se num compromisso de dar conta dos resultados dessa cooperação. Garantir esta devolução dá visibilidade ao funcionamento do estabelecimento educativo e permite nomeadamente que a comunidade em geral compreenda as finalidades, funções e benefícios pedagógicos da educação pré-escolar.

Sugestões de Reflexão:

Como facilita a inserção de cada criança no grupo?

Como surgem as regras de funcionamento do grupo? Como são explicitadas e decididas? O que costuma fazer quando não são cumpridas?

Que espaços/áreas existem na sala? Que oportunidades de aprendizagem são proporcionadas pelas diferentes áreas e materiais? Como e por quê foram evoluindo ao longo do ano? Qual o contributo e participação das crianças para essa evolução?

Como é organizada a rotina diária, semanal e anual? Como é que estes diferentes momentos contribuem para as aprendizagens das crianças? Qual o seu papel nesses diferentes momentos e na promoção das aprendizagens que proporcionam?

A rotina diária inclui momentos em que as crianças estão em grande grupo, pequenos grupos, a pares e individualmente? Quais as potencialidades educativas destes diferentes momentos? A partir do que observou, reflita sobre o que as crianças aprenderam em diferentes momentos de interação, nomeadamente em pequenos grupos e a pares.

Como apoia as escolhas das crianças? Respeita as suas opções, integrando os seus interesses? Dá sugestões que permitam alargar as suas propostas?

Como inclui os profissionais que colaboram na educação do grupo (assistentes operacionais/auxiliares de ação educativa, animadores, e outros) no desenvolvimento da ação educativa?

Os pais/famílias sentem-se à vontade para participar na dinâmica da sala? As estratégias para promover a colaboração das famílias são suficientemente diversificadas para dar oportunidades para que todos participem?

Tem conhecimento dos projetos pedagógicos de grupo das outras salas? Esses projetos e o seu desenvolvimento são debatidos em equipa?

Como envolve os membros da comunidade no processo educativo das crianças?

...

ÁREAS DE CONTEÚDO

Consideram-se as “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer. Deste modo, a criança realiza aprendizagens com sentido, sendo capaz de as utilizar noutras situações quotidianas, desenvolvendo atitudes positivas face às aprendizagens e criando disposições favoráveis para continuar a aprender.

O tratamento das diferentes áreas de conteúdo baseia-se nos fundamentos e princípios comuns a toda a pedagogia para a educação de infância, pressupondo o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis do processo educativo e uma construção articulada do saber em que as diferentes áreas serão abordadas de forma integrada e globalizante.

A perspetiva holística, que caracteriza a aprendizagem da criança e que está subjacente ao brincar, estará também presente na abordagem das diferentes áreas de conteúdo. Ao brincar, as crianças vão-se apropriando de conceitos que lhes permitem dar sentido ao mundo e em que o/a educador/a pode reconhecer o contributo para a aprendizagem de diversos tipos de conhecimento, tais como, a língua, a matemática, as ciências. É esta curiosidade e interesse das crianças por explorar e compreender que dará progressivamente lugar à sua participação no desenvolvimento de projetos de aprendizagem mais complexos, que mobilizam diferentes áreas de conteúdo. Não há, assim, uma oposição, mas uma complementaridade e continuidade, entre o brincar e as aprendizagens a realizar nas diferentes áreas de conteúdo.

Esta perspetiva de continuidade entre brincar e aprender articula-se com o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, que lhe garante o direito de ser escutada nas decisões relativas à sua aprendizagem e de participar no desenvolvimento do currículo. No contexto relacional e de interação social do jardim de infância, e partindo das experiências e saberes únicos da criança, considerada como capaz de construir a sua aprendizagem, cada uma aprende e contribui para a aprendizagem e progresso das outras.

A distinção entre áreas de conteúdo corresponde a uma chamada de atenção para aspetos a contemplar, mas que devem ser vistos de forma articulada, dado que a construção do saber se processa de forma integrada, e há inter-relações entre os diferentes conteúdos, bem como aspetos formativos que lhes são comuns. As áreas de conteúdo são, assim, referências a ter em conta na observação, planeamento e avaliação do processo educativo e não compartimentos estanques a serem abordados separadamente.

Baseando-se nestes princípios e fundamentos, a designação das áreas de conteúdo apresenta algumas semelhanças com as utilizadas noutros níveis do sistema educativo. Esta designação, com o intuito de favorecer a articulação da educação pré-escolar com o ensino básico e facilitar a comunicação entre educadores e professores, não significa que a educação pré-escolar se deva

centrar numa preparação para o 1.º ciclo, mas sim num desenvolvimento de saberes e disposições, que permitam a cada criança ter sucesso, não só na etapa seguinte, mas na aprendizagem ao longo da vida.

O/A educador/a tem um papel fundamental no processo de aprendizagem de forma a:

- articular a abordagem das diferentes áreas de conteúdo e domínios, para que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções pedagógicas e que, tendo a participação da criança, faça sentido para ela. Esta articulação poderá partir da escolha de uma “entrada” por uma área ou domínio, para integrar outros.
- planear oportunidades de aprendizagem progressivamente mais complexas, tendo em conta o que observa e avalia sobre o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança e a evolução do grupo.
- apoiar cada criança para que atinja níveis a que não chegaria por si só, facilitando uma aprendizagem cooperada, que dê oportunidade às crianças de colaborarem no processo de aprendizagem umas das outras.
- diferenciar o processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras para a criança, mas de cuja exigência não resulte desencorajamento e diminuição da autoestima.

Para clarificar melhor o desenvolvimento e aprendizagem em cada área e a sua articulação com outras, adotou-se uma estrutura global, com adaptações em alguns domínios que fazem parte da Área de Expressão e Comunicação e cujas razões serão explicitadas na introdução a esta área. Assim, cada área contempla:

- um texto introdutório, que fundamenta o seu sentido e algumas relações com outras áreas e domínios. Estas articulações, também retomadas ao longo do texto, são apresentadas a título indicativo, cabendo a cada educador/a encontrar outras possibilidades.
- especificação de diferentes componentes, que integram o desenvolvimento da área, com indicação das aprendizagens globais a promover em cada uma.
- apresentação de exemplos de algumas situações que ilustram a evolução do processo de aprendizagem. Estes exemplos não constituem listas de verificação, nem esgotam as aprendizagens a realizar, constituindo referências para situar a observação do/a educador/a e os progressos das crianças.
- exemplos de estratégias, que poderão ser utilizadas pelo/a educador/a para promover essas aprendizagens. Estas são também indicadas a título exemplificativo, cabendo a cada educador/a escolher as mais adequadas ao seu contexto e grupo ou definir outras.
- no final, é apresentada uma síntese das aprendizagens a promover em cada componente, seguida de um conjunto de sugestões de reflexão, que o/a educador/a poderá utilizar individualmente ou em conjunto com outros profissionais.

Esta forma de apresentação tem como finalidade apoiar o/a educador/a na construção e gestão do currículo, não pretendendo ser limitativa das suas opções, práticas e criatividade.

I. Área da Formação Pessoal e Social

A área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária.

A área de Formação Pessoal e Social assenta, tal como as outras, no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que o rodeia.

É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, desenvolver a sua autonomia como pessoa e como aprendiz, compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros, valorizar o património natural e social.

É nessa inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor aos seus comportamentos e atitudes e aos dos outros, reconhecendo e respeitando valores que são diferentes dos seus. A educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros.

São os valores subjacentes à prática do/a educador/a e o modo como os concretiza no quotidiano do jardim de infância que permitem que a educação pré-escolar seja um contexto social e relacional facilitador da Formação Pessoal e Social. Ao demonstrarem atitudes de tolerância, cooperação, partilha, sensibilidade, respeito, justiça, etc. para com as crianças e adultos (outros profissionais e pais), os/as educadores/as contribuem para que as crianças reconheçam a importância desses valores e se apropriem deles.

O desenvolvimento da Formação Pessoal e Social baseia-se na organização do ambiente educativo, construído como um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima, e, ainda, como um contexto democrático em que as crianças participam na vida do grupo e no desenvolvimento do processo da aprendizagem.

O ambiente educativo estará também organizado como um espaço que favorece a educação estética, sendo que a educação pré-escolar proporcionará também múltiplas oportunidades de apreciar a beleza noutros contextos e situações, contactos com a natureza e com a cultura, que favorecem o desenvolvimento do sentido estético. A Formação Pessoal Social contribui, assim, para o desenvolvimento de valores éticos, mas também estéticos.

Educação para os valores

Contexto democrático da vida em grupo

Desenvolvimento do sentido estético

Por ser transversal, a área de Formação Pessoal e Social está intimamente relacionada com todas as outras áreas de conteúdo, que contribuem ou são uma ocasião para o seu desenvolvimento. Assim, os saberes, curiosidade e desejo de aprender das crianças são alargados através do contacto com as diversas manifestações de cultura a que essas áreas correspondem, permitindo, simultaneamente, desenvolver projetos que as mobilizam, de modo articulado e globalizante.

Ao participar ativamente no seu processo de aprendizagem, a criança vai mobilizar e integrar um conjunto de experiências, saberes, e processos, atribuindo-lhe novos significados e encontrando formas próprias de resolver os problemas, o que lhe permite desenvolver não só a autonomia, mas também a criatividade.

Dada a transversalidade da área de Formação Pessoal e Social, diversas aprendizagens enunciadas nesta área são retomadas noutras áreas, entendendo-se essas aprendizagens como correspondendo a um processo progressivo que, realizado ao longo da educação pré-escolar, terá continuidade ao longo da vida. Nessas aprendizagens interligadas consideram-se quatro componentes:

- Construção da identidade e da autoestima;
- Independência e autonomia;
- Consciência de si como aprendiz;
- Convivência democrática e cidadania.

Construção da identidade e da autoestima

A construção da identidade passa pelo reconhecimento das características individuais e pela compreensão das capacidades e dificuldades próprias de cada um, quaisquer que estas sejam.

Nas crianças em idade pré-escolar, a noção do eu está ainda em construção e é influenciada positiva ou negativamente pelo modo como os adultos significativos e as outras crianças a reconhecem.

A construção da autoestima depende, assim, da forma como os adultos, nomeadamente o/a educador/a valoriza, respeita, estimula a criança e encoraja os seus progressos, pelo modo como apoia as relações e interações no grupo, para que todas as crianças se sintam aceites e as suas diferenças consideradas como contributos para enriquecer o grupo e não como fonte de discriminação ou exclusão.

Neste processo de construção de identidade e da autoestima, o reconhecimento das características singulares de cada criança desenvolve-se simultaneamente com a perceção do que tem em comum e do que a distingue de outros, pelo que o reconhecimento de laços de pertença social e cultural faz também parte da construção da identidade e da autoestima. Esta construção é apoiada pelo/a educador/a, ao respeitar e valorizar a cultura de cada criança e da sua família.

Contacto com diversas manifestações de cultura

Desenvolvimento da criatividade

Reconhecimento e aceitação das características individuais

Reconhecimento de laços de pertença social e cultural

Aprendizagens a promover:

- *Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros.*
- *Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Identifica as suas características individuais (sexo, idade, nome, etc.), e reconhece semelhanças e diferenças com as características dos outros.

Verbaliza as necessidades relacionadas como o seu bem-estar físico (tem fome, tem que ir à casa de banho).

Expressa as suas emoções e sentimentos (está triste, contente, etc.) e reconhece também emoções e sentimentos dos outros.

Manifesta os seus gostos e preferências (alimentos, locais, jogos, etc.).

Mantém e justifica as suas opiniões, aceitando também as dos outros.

Demonstra prazer nas suas produções e progressos (gosta de mostrar e de falar do que faz, de comunicar o que descobriu e aprendeu).

Revela confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar em grupo.

Aceita algumas frustrações e insucessos (perder ao jogo, dificuldades de realizar atividades e tarefas) sem desanimar, procurando formas de as ultrapassar e de melhorar (pedindo ajuda do/a educador/a ou de outras crianças, ensaiando outras formas de fazer, ou procurando novos materiais).

Representa papéis e situações da sua cultura familiar em momentos de jogo dramático.

Reconhece a sua pertença a diferentes grupos sociais (família, escola, comunidade entre outros).

Identifica e valoriza traços da sua cultura familiar, mas também os de outras culturas, compreendendo o que têm de comum e de diferente e que as culturas vão evoluindo.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Valoriza e respeita cada criança, manifestando essa atitude de modo a que constitua um modelo da relação entre crianças.

Está atento a cada criança e ao que esta pretende transmitir, verbal ou não verbalmente.

Identifica e valoriza o comportamento positivo da criança.

Apoia a criança a expressar opiniões sobre o que vê, ouve ou sente.

Respeita a diferença e tira proveito da diversidade como meio de enriquecimento do ambiente educativo e do processo de aprendizagem.

Manifesta respeito pelas culturas familiares de cada criança, (tendo, por ex., na sala materiais representativos dessas culturas).

Promove o sentido de pertença da criança a uma comunidade, facilitando as interações com pessoas e recursos e com o contexto próximo.

Alarga as referências culturais das crianças através do contacto com diferentes recursos e formas de cultura.

...

Independência e autonomia

Adquirir maior independência significa, na educação pré-escolar, ser progressivamente capaz de cuidar de si, utilizar os materiais e instrumentos à sua disposição, assumir maiores responsabilidades pela sua segurança e bem-estar físico. A independência das crianças e do grupo passa também por uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia.

A construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente as suas responsabilidades.

A construção dessa autonomia passa por uma organização social participada em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las, permitindo uma progressiva autorregulação do comportamento. Esta autonomia passa igualmente pela decisão coletiva sobre as tarefas necessárias ao bom funcionamento do grupo e a sua distribuição equitativa. Esta participação da vida no grupo permite às crianças tomarem iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação a justiça e a cooperação.

Aprendizagens a promover:

- *Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar.*
- *Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o bem-estar dos outros.*

Independência para saber cuidar de si e assumir responsabilidades na sua segurança e bem estar

Autonomia para fazer escolhas e tomar decisões

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Realiza de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).

Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização de jogos, tintas, pincéis, lápis etc., servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa.

Conhece os diferentes momentos da rotina diária, a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.

Escolhe as atividades que pretende realizar e vai adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo.

Se encarrega das tarefas que se comprometeu realizar, executando-as de forma cada vez mais autónoma.

Adquire um maior controlo do seu corpo, força, agilidade, equilíbrio e coordenação muscular que lhe permitem realizar progressivamente movimentos mais complexos e precisos (subir e descer escadas, trepar, encaixar, recortar, etc.).

Conhece e compreende a importância de normas e hábitos de vida saudável e de higiene pessoal e vai procurando pô-los em prática (distingue os alimentos saudáveis e a sua importância para a saúde, porque é importante fazer regularmente exercício físico, porquê e quando é preciso lavar as mãos e os dentes, etc.).

Tem consciência dos riscos físicos que pode correr e adota normas de segurança em casa, no jardim de infância e na rua (tem alguma consciência e cuidado em situações em que se pode magoar, pedindo ajuda quando necessita, conhece e cumpre os cuidados a atravessar ruas, identifica o rótulo de perigo de produtos, etc.).

Se preocupa com o bem estar e segurança das outras crianças, alertando o adulto quando se apercebe que alguma corre perigo.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Dá oportunidade e tempo à criança para realizar as tarefas do dia a dia.

Organiza as áreas e materiais da sala, com a participação das crianças, para que se apropriem da utilização do espaço e da localização dos diferentes tipos de material.

Observa a utilização do espaço pelas crianças para saber da sua adequação ao grupo e consulta-as na sua modificação.

Fala com as crianças sobre os momentos da rotina e sobre o que se faz em cada um deles.

Facilita as escolhas das crianças, dando-lhes tempo para decidir, apoiando as suas iniciativas para as enriquecer e complexificar.

Negoceia as tarefas necessárias à vida do grupo (tratar dos animais, arrumação da sala).

Vai construindo com o grupo regras comuns, facilitando a compreensão da sua razão e debatendo alternativas ao que não se deve fazer.

Incentiva as crianças a encontrarem as suas formas próprias de resolução de problemas, ajudando-as quando recorrem ao/à educador/a.

Sensibiliza as crianças para os problemas de segurança (materiais perigosos, segurança rodoviária, etc.).

Tendo em conta o contexto, os interesses e questões colocadas pelas crianças, promove a importância dos hábitos de vida saudável.

Envolve as famílias na construção da independência e autonomia, nomeadamente nos cuidados de segurança e saúde.

...

Consciência de si como aprendiz

A construção da autonomia não passa apenas pela participação na organização social do grupo, mas está também presente no desenvolvimento do processo de aprendizagem, em que as crianças escolhem o que querem fazer, fazem propostas e colaboram nas propostas do/a educador/a e das outras crianças, cooperam na elaboração de projetos comuns, sendo assim envolvidas no planejamento e avaliação da aprendizagem.

O desenvolvimento da consciência de si como sujeito que aprende tem como ponto de partida o que as crianças sabem e faz sentido para elas, tendo o/a educador/a um papel essencial ao refletir com as crianças sobre o processo de aprendizagem, - o modo como fizeram, que saberes consideram ter adquirido e como podem continuar a aprender, - valorizando os modos diversos de aprender. Este processo é facilitado quando o/a educador/a dialoga com as crianças sobre o que estão a fazer, coloca questões e dá sugestões, dando oportunidade para que elaborem, retomem e revejam as suas ideias, envolvendo-se numa construção conjunta do pensamento.

A participação no seu processo de aprendizagem, em que cada criança se vai apercebendo do que aprendeu, como aprendeu e como ultrapassou dificuldades, permite-lhe ir tomando consciência de si enquanto aprendiz. Esta consciência promove a persistência, a autoconfiança e o gosto por aprender, para que progressivamente se vá tornando capaz de autorregular a sua aprendizagem, isto é, “aprenda a aprender”.

A consciência de si como aprendiz não é apenas individual, mas alarga-se e enriquece-se pela partilha das aprendizagens no grupo. Cabe ao/a educador/a apoiar as crianças a cooperarem entre si, a exporem as suas ideias e a debaterem a forma como fizeram e poderiam melhorar, a fim de que cada criança contribua para a aprendizagem de todos e tome também consciência de si como aprendiz.

Essa consciência, iniciada na educação pré-escolar, irá ajudar a criança a enfrentar os desafios que se lhe vão ser colocados posteriormente e ao longo da vida.

Aprendizagens a promover:

- *Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam.*
- *Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.*
- *Cooperar com outros no processo de aprendizagem.*

Consciência de si como sujeito que aprende

Apoio à autorregulação da aprendizagem e à construção conjunta do pensamento

Partilha das aprendizagens com o grupo

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Manifesta curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa.

Revela interesse e gosto por aprender, usando no quotidiano as novas aprendizagens que vai realizando.

Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.

Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.

Participa na planificação de atividades e de projetos individuais e coletivos cada vez mais complexos, explicitando o que pretende fazer, tendo em conta as escolhas dos outros e contribuindo para a elaboração de planos comuns.

Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar do processo e/ou na elaboração do produto final.

É progressivamente capaz e de explicitar e de partilhar com o/a educador/a e as outras crianças o que descobriu e aprendeu.

Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos, bem como os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.

Expressa as suas ideias, para criar e recriar atividades, materiais e situações do quotidiano e para encontrar novas soluções para problemas que se colocam (na vida do grupo, na aprendizagem), com recurso a diferentes tipos de linguagem (oral, escrita, matemática e diferentes linguagens artísticas).

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Estimula a curiosidade das crianças, chamando a atenção para o que as rodeia, e questiona as suas observações.

Apoia as crianças a relacionar o que já sabem com o que aprendem de novo.

Escuta o que as crianças têm para dizer, apoiando a explicitação das suas razões, chamando a atenção para a diversidade de opiniões, a importância de as respeitar, (procurando articular os diferentes contributos, e ajudar o grupo a chegar a novas conclusões).

Apoia as crianças a explicitarem o que vão fazer e como e também a relatarem o que fizeram e como, envolvendo-as nos processos de planeamento, realização e avaliação (individual, a pares, em pequeno grupo e em grande grupo).

Acompanha as experiências que a criança realiza, proporcionando um diálogo interativo entre crianças em que o/a educador/a se envolve, colocando perguntas abertas e incentivando-a a explicitar as suas ideias, de modo a facilitar a construção conjunta do pensamento.

Apoia a criatividade das crianças na procura de soluções para os problemas que se colocam na vida do grupo e nas diferentes áreas de conteúdo.

...

Convivência democrática e cidadania

A vida no jardim de infância deverá organizar-se como um contexto de vida democrática, em que as crianças exercem o seu direito de participar, e em que a diferença de [género](#), social, física, cognitiva, religiosa e étnica é aceite numa perspetiva de equidade, num processo educativo que contribui para uma maior igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, entre indivíduos de diferentes classes sociais, com capacidades diversas e de diferentes etnias. Esta diversidade é entendida como forma de [educação intercultural](#) em que as diferentes maneiras de ser e de saber contribuem para o enriquecimento da vida do grupo, para dar sentido à aquisição de novos saberes e à compreensão de diferentes culturas.

A vida em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão a necessidade de debate e negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes.

Deste modo, a participação das crianças na vida do grupo permite-lhes tomar iniciativas e assumir responsabilidades, exprimir as suas opiniões e confrontá-las com as dos outros, numa primeira tomada de consciência de perspetivas e valores diferentes, que facilitam a compreensão do ponto de vista do outro e promovem atitudes de tolerância, compreensão e respeito pela diferença.

É neste contexto que se desenvolve a educação para a cidadania, enquanto formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.

A [educação para a cidadania](#) relaciona-se também com o desenvolvimento progressivo do espírito crítico face ao mundo que rodeia a criança, incluindo nomeadamente os diferentes meios de comunicação com que contacta no dia a dia.

O respeito e valorização pelo ambiente natural e social são ainda abordados na Formação Pessoal e Social numa perspetiva de corresponsabilização do que é de todos no presente e tendo em conta o futuro. O desenvolvimento destes valores articula-se e concretiza-se através de aprendizagens realizadas noutras áreas e domínios, nomeadamente a Educação Artística e o Conhecimento do Mundo.

Aprendizagens a promover:

- *Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social.*
- *Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.*
- *Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.*
- *Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.*

Debate e negociação

Tomada de consciência e aceitação de perspetivas e valores diferentes

Educação para a cidadania

Respeito e valorização pelo ambiente natural e social

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção nos diálogos, dando oportunidades aos outros para intervirem.

Contribui para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las.

É progressivamente capaz de resolver situações de conflito de forma autónoma, através do diálogo.

Perante opiniões e perspectivas diferentes da sua, escuta, questiona e argumenta, procurando chegar a resoluções ou conclusões negociadas.

Demonstra comportamentos de apoio e entreaduda, por iniciativa própria ou quando solicitado.

Reconhece a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, de etnia, de cultura, de religião ou outras.

Reconhece que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do quotidiano.

Aceita que meninos e meninas, homens e mulheres podem fazer as mesmas coisas em casa e fora de casa.

Identifica no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça ou discriminação, (por motivos de etnia, género, estatuto social, de incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.

Conhece manifestações do património artístico e cultural (local, regional, nacional e mundial), manifestando interesse e preocupando-se com a sua preservação.

Desenvolve um sentido estético perante manifestações artísticas de diferentes tempos e culturas.

Reconhece a importância do património natural, identifica algumas das ameaças à sua conservação e adota práticas "amigas" do ambiente.

Utiliza diferentes recursos tecnológicos, enquanto meios de conhecimento, de expressão e comunicação e conhece os cuidados a ter.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo, de modo a que todos, independentemente do género, etnia, capacidade intelectual ou física, sintam que fazem parte do grupo e têm as mesmas oportunidades.

Seleciona materiais que não veiculem estereótipos de género, cultura ou etnia.

Dialoga com as crianças sobre o modo como perspetivam a diferença (de género, cultura, etnia, etc.), apoiando-as a compreender situações de injustiça ou discriminação e a propor soluções.

Manifesta respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões, culturas e valores das crianças e adultos.

Valoriza as diversidades culturais das crianças e das suas famílias.

Incentiva a tomada de decisão individual e coletiva e a resolução de conflitos pelo diálogo.

Escuta o que as crianças dizem, apoia a explicitação das suas opiniões e incentiva a sua participação ativa nas conversas.

Conversa com as crianças sobre os programas de TV favoritos, estimulando o debate de perspectivas diferentes.

....

Síntese

ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	
Componentes	Aprendizagens a promover
Construção da identidade e da autoestima	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros.• Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.
Independência e autonomia	<ul style="list-style-type: none">• Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar.• Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o bem-estar dos outros.
Consciência de si como aprendiz	<ul style="list-style-type: none">• Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam.• Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.• Cooperar com outros no processo de aprendizagem.
Convivência democrática e cidadania	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social.• Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.• Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.• Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.
Sugestões de reflexão	
<p>Que estratégias desenvolve para, no contexto de grupo, estar atento/a a cada criança?</p> <p>O que faz quando uma criança diz: “não sou capaz” ou “não sei”? Como estimula a participação e a expressão daquelas que não o fazem espontaneamente?</p> <p>Como lida no grupo com a diversidade de crenças religiosas, de hábitos culturais e de concepções educativas das famílias? Como tem em conta e aborda essa diversidade na sua relação com as famílias?</p> <p>Como organiza o espaço e seleciona materiais e livros, de modo a não veicular estereótipos de género, étnicos, estéticos, etc.?</p> <p>Como faz quando uma ou várias crianças não cumprem uma regra estabelecida?</p> <p>Quando considera necessário intervir num conflito entre as crianças? Que atitudes toma? Em que situações considera que o/a educador/a tem de intervir?</p> <p>Como reconhece e valoriza as características e potencialidades de cada criança?</p> <p>Como envolve as crianças no processo de planeamento e na avaliação?</p> <p>Prevê na rotina diária tempo para as crianças escolherem e partilharem com o grupo o que fizeram, como fizeram e o que descobriram? Como valoriza os contributos individuais para o alargamento das aprendizagens do grupo?</p> <p>Como apoia as crianças individualmente ou em pequeno grupo a construírem o seu pensamento?</p> <p>Como dá voz às crianças e as apoia a explicitarem as razões das suas escolhas, opiniões e tomadas de decisão?</p> <p>Como ajuda as crianças a valorizarem o património cultural e natural? O que faz para as crianças conhecerem e valorizarem o património cultural e natural?</p> <p>...</p>	

2. Área de Expressão e Comunicação

A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si e constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia.

Estas características levam a considerá-la uma área básica, pois incide em aspetos essenciais de desenvolvimento e aprendizagem, que permitem à criança apropriar-se de instrumentos fundamentais para a aprendizagem de outras áreas mas, também, para continuar a aprender ao longo da vida.

Os domínios que fazem parte da área de Expressão e Comunicação são os seguintes:

Domínio da Educação Motora, que privilegia uma abordagem global não especificando componentes.

Domínio da Educação Artística, que, tendo perspetivas e estratégias comuns, engloba diferentes linguagens, cuja especificidade determina a introdução de quatro subdomínios: artes visuais, dramatização, música e dança.

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que considera não só a íntima relação e a complementaridade entre estes dois tipos de aprendizagem da língua, mas também a sua especificidade, levando a apresentá-los separadamente, com a indicação das respetivas componentes.

Domínio da Matemática, onde são consideradas quatro componentes que integram as aprendizagens a realizar neste domínio.

De acordo com os fundamentos e princípios que deverão orientar toda a educação de infância e tendo em conta que os domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e da Matemática reenviam para conteúdos com especial relevo na educação escolar, considerou-se que seria de destacar, em cada um deles uma componente transversal associada a atitudes e disposições: “Prazer e motivação para ler e escrever” e “Interesse e curiosidade pela matemática”.

Domínio da Educação Motora

O corpo, que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui um meio privilegiado de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Numa perspetiva de construção articulada do saber em que a criança é sujeito da aprendizagem, a Educação Motora possibilita-lhe um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço e com os outros.

Desenvolvimento da consciência e domínio do corpo

A Educação Motora, no jardim de infância, deverá proporcionar experiências e oportunidades desafiantes e diversificadas, em que a criança aprende: a conhecer e a usar melhor o seu corpo, criando uma imagem favorável de si mesma; a participar em formas de cooperação e competição saudável; a seguir regras para agir em conjunto; a organizar-se para atingir um fim comum, percebendo que pode ganhar ou perder, aceitando e ultrapassando os insucessos.

O domínio da Educação Motora relaciona-se com a área de Formação Pessoal e Social e também com a do Conhecimento do Mundo, pois contribui para o desenvolvimento da independência e autonomia das crianças, constituindo ainda uma ocasião de promover estilos de vida saudável, fomentando a prática regular do exercício físico e o contacto com a natureza. Articula-se ainda com outros domínios da Área de Expressão e Comunicação, estando relacionada com a Educação Artística, nomeadamente com a Dança e a Música, pois favorece a vivência de situações expressivas e de movimento criativo utilizando imagens, sons, palavras e acompanhamento musical. Tem ainda ligação com a Linguagem Oral (identificação e designação das diferentes partes do corpo) e com a Matemática (representação e orientação no espaço).

O desenvolvimento da Educação Motora pode apoiar-se em materiais existentes na sala e no espaço exterior (recreio, parques infantis, matas, etc.) ou ter lugar em espaços apetrechados para o efeito (ginásios). Os diferentes espaços têm potencialidades próprias, cabendo ao/à educador/a tirar partido de contextos, situações e materiais (destinados à educação motora, naturais e reciclados) que permitam diversificar e enriquecer as oportunidades específicas de atividade motora.

A Educação Motora é também um espaço privilegiado de brincar em que o/a educador/a cria condições de exploração livre do espaço e do movimento, permitindo que a criança invente os seus movimentos, tire partido de materiais, coloque os seus próprios desafios e corra riscos controlados, que lhe permitam tornar-se mais autónoma e responsável pela sua segurança.

O/A educador/a faz também propostas, aceita e negocia as iniciativas das crianças para a realização de atividades organizadas de movimento e jogos. Estas atividades possibilitam à criança desenvolver as suas capacidades motoras e de expressão bem como a apropriação e o domínio do espaço, e dos materiais sendo ainda um contributo para a aprendizagem de diversas formas de relacionamento com os outros (cooperação ou oposição).

Na abordagem lúdica, que deve estar subjacente a toda a Educação Motora, o jogo constitui um recurso educativo que é apresentado de forma atrativa e tem em conta os interesses e motivações das crianças.

Também os jogos com regras, progressivamente mais complexas, são ocasiões de desenvolvimento da coordenação motora e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem, proporcionando, ainda, uma atividade agradável que dá prazer às crianças.

As situações de jogo previstas pelo/a educador/a devem permitir que todos tenham a oportunidade de participar, e contemplar diferentes tipos

Promover estilos de vida saudável e prática do exercício físico

Exploração livre do espaço e do movimento

Domínio do espaço e dos materiais e relacionamento com os outros

de interação, designadamente: jogos só com opositores; com opositores e com objetos; com opositores, com objetos e com o espaço de jogo, situações que podem ser encontradas em muitos jogos tradicionais.

O processo de aprendizagem na Educação Motora vai permitir à criança mobilizar o corpo com mais precisão, desenvolvendo resistência, força, flexibilidade, velocidade e a destreza geral. Possibilita-lhe ainda aprender a coordenar, alterar e diferenciar melhor os seus movimentos, através do controlo do equilíbrio, ritmo, tempo de reação, de forma a desenvolver e aperfeiçoar as suas capacidades motoras em situações lúdicas, de expressão, comunicação e interação com outros.

Este processo terá em conta o desenvolvimento de dois tipos de aprendizagem, com relação entre si:

Deslocamentos e Equilíbrios – ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, correr, transpor obstáculos, manipular objetos. Partindo destas aquisições, serão criadas situações em que a diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo deem lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento — iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções. A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos vários segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao espaço exterior — esquerda, direita, em cima, em baixo, etc.

Perícias e Manipulações – a criança adapta progressivamente as suas ações a meios específicos e a objetos variados, aumentando o seu repertório de movimentos pensados, interiorizados e expressos como resposta aos desafios encontrados. A realização de ações motoras básicas de exploração e domínio de aparelhos portáteis (bolas, cordas, arcos, raquetas, balões, etc.) permite à criança explorar a relação do corpo com os objetos em movimento no espaço, o controlo dos objetos, utilizando as mãos e os pés, bem como outras partes do corpo. A criança deverá ter a oportunidade de aperfeiçoar estas habilidades, realizando diferentes combinações de elementos já conhecidos ou reinventando outras formas de utilizar os materiais.

Aprendizagens a promover

- *Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.*
- *Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: trepar, correr, saltitar, deslizar, rodopiar, saltar a pés juntos ou num só pé, saltar sobre obstáculos, baloiçar, rastejar e rolar.*
- *Controlar movimentos de perícia e manipulação como: lançar, receber, pontapear, lançar em precisão, transportar, driblar e agarrar.*

Mobilizar o corpo com precisão e coordenação

Controlo voluntário do movimento

Relação do corpo com os objetos

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Demonstra gosto pelas atividades motoras, procurando progredir a partir do que já é capaz de fazer.

Aceita e cumpre as regras dos jogos, quer acordadas no grupo, quer propostas pelo/a educador/a ou pré-definidas pelo jogo escolhido e coopera com os colegas na sua realização.

Compreende que no jogo há resultados, aceitando a situação de ganhar ou perder.

É capaz de compreender e esquematizar as regras dos jogos.

Se apropria da diversidade de possibilidades motoras, criando ou imaginando outras, propondo-as ao grupo.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Prevê e planeia espaços para a Educação Motora, tirando sempre que possível partido de situações ao ar livre e de materiais naturais ou reciclados.

Dá oportunidade à criança de explorar livremente o espaço (exterior ou interior) e de desafiar as suas destrezas motoras, correndo riscos controlados.

Disponibiliza materiais diversos, que permitam às crianças desenvolverem diferentes capacidades motoras.

Disponibiliza espaços e materiais para que as crianças possam planear e propor os seus jogos.

Adequa as suas propostas ao desenvolvimento motor e interesses das crianças, estando atento às capacidades motoras de cada uma, encorajando-as a melhorar e valorizando as suas tentativas de realização.

Debata as regras dos jogos com as crianças e está atento/a aos seus sentimentos e reações quando ganham e perdem, intervindo quando necessário.

Cria oportunidades para a criança explorar e desenvolver as diversas possibilidades do corpo através de movimentos e jogos que envolvam: rastejar, rolar, realizar rolamentos, saltar, correr, suspender-se, baloiçar-se, lançar uma bola ou um ringue, etc.

...

Síntese

DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO MOTORA
Aprendizagens a Promover
<ul style="list-style-type: none">• Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.• Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: trepar, correr, saltitar, deslizar, rodopiar; saltar a pés juntos ou num só pé, saltar sobre obstáculos, baloiçar, rastejar e rolar.• Controlar movimentos de perícia e manipulação como: lançar, receber, pontapear, lançar em precisão, transportar, driblar e agarrar.
Sugestões de reflexão
Com que frequência promove, no tempo letivo do jardim de infância, momentos dedicados à educação motora?
Como tira partido dos recursos existentes (espaços e materiais), no estabelecimento educativo ou na comunidade, para desenvolver a educação motora?
Como aproveita as potencialidades ao ar livre e os materiais naturais ou reciclados para a educação motora?
Como considera os recursos existentes no espaço exterior? O que pode melhorar neste espaço para facilitar o desenvolvimento da Educação Motora?
A organização do espaço da sala permite a sua adaptação ao desenvolvimento da Educação Motora? Como pode melhorar esse espaço e diversificar os materiais existentes?
Como envolve os pais/famílias para que compreendam a importância da atividade motora e da vida ao ar livre no desenvolvimento e aprendizagem das crianças?
...

Domínio da Educação Artística

As diferentes linguagens artísticas, que fazem parte deste domínio (Artes Visuais, Dramatização, Música e Dança), são meios de enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças.

Estas diferentes formas de expressão não são em geral desconhecidas para as crianças, que, antes de entrarem para o jardim de infância, já tiveram oportunidade de desenhar, pintar, cantar, dançar, etc. Porém, uma progressiva apropriação dessas linguagens implica um processo educativo, que incentive um gradual conhecimento e domínio de instrumentos e técnicas, o que pressupõe não só a expressão espontânea das crianças, como também a intervenção do/a educador/a.

Essa intervenção parte do que as crianças já sabem e são capazes de fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, observar e comunicar, para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas e garantir o acesso das crianças à arte e à cultura artística.

Na [educação artística](#), a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, permitindo-lhes apreciar a beleza em diferentes contextos e situações, nomeadamente através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, de modo a incentivar o seu espírito crítico perante diferentes visões do mundo.

Domínio gradual de instrumentos e técnicas

Acesso à arte e à cultura artística

Desenvolvimento da criatividade e do sentido estético

O papel da educação artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo nomeadamente para a construção da identidade pessoal, social e cultural, para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação, para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural. Este domínio proporciona ainda oportunidades de desenvolvimento da curiosidade, da expressão verbal e não verbal, de resolução de problemas, etc., que facilitam a sua articulação com essas áreas e também com os outros domínios incluídos na área de Expressão e Comunicação. Por sua vez, as técnicas e instrumentos próprios deste domínio podem ser mobilizados noutras áreas e domínios. O desenvolvimento da criatividade e do sentido estético e o contacto com diferentes formas de cultura não fazem apenas parte deste domínio, mas deverão estar presentes em todo o desenvolvimento do currículo, passando, também, pela organização do ambiente educativo, nomeadamente, no que diz respeito ao que é exposto na sala (trabalhos individuais e coletivos das crianças, instrumentos pedagógicos do grupo, informações aos pais, obras de arte, etc.).

A organização do espaço e dos materiais da sala, a sua diversidade, qualidade e acessibilidade são também determinantes para as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística. Também o espaço exterior do jardim de infância pode ser utilizado para a realização de atividades de educação artística, bem como para a recolha de elementos naturais, a integrar nestas atividades. As potencialidades artísticas e culturais do meio social serão também rentabilizadas na educação artística e complementadas pelo contacto com outras fontes de informação, tais como contextos virtuais, consultados *on line* ou em gravação digital.

A abordagem à Educação Artística envolve o desenvolvimento articulado de estratégias que permitam à criança:

- apropriar-se progressivamente de diferentes técnicas e conhecimentos, através da exploração, experimentação e observação, utilizando-as de modo intencional nas suas produções.
- ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar.
- contactar com obras de outros (colegas, artistas), de modo a desenvolver a capacidade de observação, interpretação e reflexão, comunicando os seus sentimentos pessoais e visão crítica, de modo a compreender a possibilidade de múltiplas leituras.

O apoio do/a educador/a passa por um diálogo aberto e construtivo, que incentiva a criança a encontrar formas criativas de representar aquilo que pretende e promove simultaneamente o desejo de aperfeiçoar e melhorar.

Sendo estas estratégias comuns a toda a educação artística, e havendo diversas formas de articulação e complementaridade entre as diferentes linguagens artísticas, estas são apresentadas como subdomínios, que realçam as especificidades de cada uma destas linguagens.

Subdomínio das Artes Visuais

As Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos.

As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas, tintas de várias cores, diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc., barro, plasticina e outros materiais moldáveis, etc.).

Pode ainda ser utilizado outro tipo de materiais de uso utilitário ou recicláveis (tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, aparas de madeira, algodão, elementos da natureza, etc.), para serem integrados e redefinidos a partir de novas funcionalidades e significados, o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis. A multiplicidade e diversidade de todos estes possíveis materiais exigem uma organização cuidada que facilite o acesso e utilização autónoma por parte das crianças, incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo.

Se nesta forma de expressão artística se coloca muitas vezes a ênfase no fazer, é fundamental que, para além de experimentar, executar e criar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, e de dialogar sobre aquilo que fazem (as suas produções e as das outras crianças) e o que observam (natureza, obras de arte, arquitetura, design, artefactos, etc.). Cabe também ao/a educador/a explorar com as crianças temas, personagens e histórias que as imagens contam e levá-las, de modo progressivo, a descobrirem a importância e expressividade dos elementos formais da comunicação visual.

Os elementos da comunicação visual a explorar são muito diversificados, podendo integrar aspetos como: a cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores), a textura (mole, rugosa), as formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.), as linhas (retas, curvas, verticais, horizontais), as tonalidades (claro, escuro), a figura humana (retrato e autorretrato) e a desproporção e a proporção natural.

As explorações e o diálogo das crianças e do/a educador/a sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico. Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos, potenciando o estabelecimento de relações entre as suas vivências e novos conhecimentos, levando-a a descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê. Ao longo deste percurso visual que interrelaciona o “falar sobre as imagens” e os “modos de ver as imagens”, a criança enriquece o seu imaginário, aprende novos saberes, integra-os no que já sabe, e experimenta criar novas imagens, desenvolvendo progressivamente a sua sensibilidade estética e expressividade através de diversas modalidades (desenho, pintura, colagens, técnica mista, *assemblage*, modelagem, entre outras).

Importância de acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos

Materiais de uso utilitário ou recicláveis

Dialogar sobre o que fazem e observam

Exploração de elementos da comunicação visual

Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê

A capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme etc.) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos e outros centros de cultura), permitindo à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence. A utilização dos recursos da comunidade e a rentabilização de outras possibilidades de deslocação serão complementadas através da utilização de catálogos, de livros, da internet, de fotografias, de gravações, etc.

É da responsabilidade do/a educador/a selecionar esses contextos, privilegiando artistas portugueses, diversificando estilos (figurativo, abstrato, etc.) para planear oportunidades de as crianças observarem, explorarem e criarem interesse por diferentes manifestações artísticas. Importa que, também no jardim de infância, haja imagens de obras de arte à disposição das crianças, que as poderão rever e utilizar para recriar as suas produções, dialogar em grupo sobre elas, partilhando as suas descobertas e interpretações, de modo a que sejam um meio de alargamento e enriquecimento cultural e de desenvolvimento da apreciação crítica.

Aprendizagens a promover

- *Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas.*
- *Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual tanto na produção e apreciação das suas produções como em imagens que observa.*
- *Apreciar diferentes manifestações de artes visuais a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura, vídeo, etc.), expressando a sua opinião e leitura crítica.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (pintura, desenho, colagens, modelagem, etc.), recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas).

Representa e recria plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais (lápiz de pastel, carvão, tintas, esponjas, matérias moldáveis, material reciclado, etc.) e diversos meios de expressão (pintura, colagem, desenho, moldagem, etc.).

Introduz, nas suas produções plásticas, elementos visuais (cores, formas, texturas, etc.) de modo espontâneo ou sugerido, para representar temáticas, ilustrar histórias, etc.

Dialoga sobre as diferentes imagens e/ou objetos em diferentes contextos (museus, galerias, outras instituições culturais, natureza, etc.).

Emite opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo de forma a promover a exploração e conhecimento das artes visuais:

Disponibiliza diversos materiais de elevada qualidade, organizados e acessíveis às crianças e promove situações que permitam a utilização de diferentes modalidades expressivas.

Organiza o tempo de modo flexível, permitindo que a criança desenvolva o processo expressivo ao seu ritmo, incluindo retomar o trabalho em diverso(s) momento(s), até que o considere terminado.

Seleciona criteriosamente obras de arte e locais a visitar, associados a diferentes manifestações das artes visuais, procurando ter na sala imagens dessas obras que permitam a sua exploração pelas crianças.

Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação.

Dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer..

Comenta com as crianças os seus trabalhos, envolvendo-as numa apreciação global do que foi realizado, realçando a mobilização de elementos de comunicação visual.

Proporciona a observação de diversas formas visuais, de diferentes culturas e tradições (natureza, obras de arte, arquitetura, design, artefactos, etc.) e o contacto com diversas modalidades expressivas (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, etc.) em diferentes contextos físicos (museus, galerias, catálogos, monumentos, outros centros de cultura, etc.) e digitais (Internet, gravações, etc.).

Usa naturalmente termos ligados às artes visuais, promovendo a sua utilização por parte das crianças.

...

Subdomínio da Dramatização

Neste subdomínio são abordadas diferentes formas de comunicação e representação que mobilizam predominantemente os gestos, a voz e o movimento do corpo.

O jogo simbólico, ou brincar ao “faz de conta”, é uma atividade espontânea da criança, que se inicia muito cedo, e em que, através do seu corpo, esta recria experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utiliza livremente objetos, atribuindo-lhes múltiplos significados. O jogo simbólico desempenha um papel importante no desenvolvimento cognitivo, mas também no desenvolvimento emocional, como meio de reequilibrar os conflitos interiores da criança.

O jogo simbólico toma a forma de jogo dramático quando a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos. Este jogo pode ser individual, mas também envolver outras crianças, em situações sociais de representação de diferentes papéis e de desenvolvimento conjunto de uma ação, criando um “enredo” ou narrativa, que vai sendo livremente interpretado e construído pelos intervenientes. Esta forma de jogo é frequente nas crianças em idade do jardim de infância.

Jogo simbólico

Jogo dramático

Todo o jogo simbólico é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio, um meio de desenvolver a criatividade e a capacidade de representação. Na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo dramático, os diferentes parceiros recriam situações sociais, tomam consciência das suas reações e do seu poder sobre a realidade, criando ocasiões de comunicação verbal e não verbal.

O apoio do/a educador/a ao jogo dramático da iniciativa da criança permite ampliar as suas propostas, de modo a criar novas situações de comunicação e a definir e caracterizar melhor os papéis que está a desempenhar. Dialogar com as crianças sobre qual o material necessário, como o adaptar e transformar e o que acrescentar, para corresponder aos seus interesses, são meios de enriquecer as situações de jogo dramático. O/a educador/a deverá estar atento à representação de estereótipos culturais (étnicos, de género, etc.), debatendo posteriormente com as crianças o sentido desses comportamentos e possibilidades de solução, tendo em conta a igualdade de direitos.

Para além do apoio às iniciativas das crianças, o/a educador/a faz propostas e cria oportunidades que lhes permitam expressar experiências e vivências, como por exemplo situações da vida quotidiana (levantar-se, vestir-se, viajar), movimentos (vento, crescer), sentimentos ou atitudes (estar triste, alegre, cansado). O recurso a diversas formas de dramatização progressivamente mais complexas, permite uma continuidade e inter-relação entre o jogo dramático de iniciativa da criança e formas de dramatização intencionais planeadas pelo/a educador/a e ou pelas crianças.

A disponibilização de fantoches, de vários tipos e formas, facilita a expressão e a comunicação através de “um outro”, constituindo também um suporte fundamental de diversas atividades de dramatização. As “sombras chinesas” são mais um recurso para o desenvolvimento do jogo dramático, podendo utilizar formas mais simples (projetar o corpo ou as mãos, por exemplo), ou atividades mais elaboradas que implicam a construção de silhuetas. Estes suportes, que as crianças poderão utilizar nos seus jogos dramáticos, podem de igual modo ser usados para atividades de dramatização, em que o/a educador/a apoia a criação conjunta de pequenos diálogos, histórias, etc. e, que eventualmente, escreve para serem retomados e aperfeiçoados.

Decorre, ainda, da intervenção do/a educador/a, o desenvolvimento de propostas ou o apoio às propostas das crianças, que permitem a realização de dramatizações mais complexas, implicam um encadeamento de ações e seguem uma estrutura narrativa com um fio condutor, em que são recriadas personagens. Nestas situações (dramatização de histórias conhecidas ou inventadas, recriação de situações e acontecimentos da vida quotidiana), as crianças têm oportunidade de escolher e desempenhar diferentes papéis.

Estas dramatizações poderão ainda dar lugar ao desenvolvimento de projetos, em que as crianças e o/a educador/a participam no planeamento da dramatização, em que são criados ou recriados histórias e diálogos, registados de diferentes modos pelo/a educador/a e pelas crianças (através de desenhos ou símbolos). A previsão de espaços, adereços, cenários e o recurso a outras linguagens artísticas (dança, música, etc.) podem ainda ampliar estes projetos, em que são distribuídas tarefas entre as crianças, que depois realizam ou “representam” o que planearam e a que às vezes se

Apoio do/a educador/a ao jogo dramático

Dramatização enquanto representação intencional de experiências ou vivências

Dramatização de histórias e de acontecimentos da vida quotidiana

Projetos de dramatização

referem como “fazer teatro”. Esta representação não é uma reprodução, nem uma imitação dos espetáculos profissionais, consistindo fundamentalmente no interesse e no prazer de cooperar na (re)invenção de soluções para a criação de novas possibilidades de dramatização. O grupo pode decidir se este “teatro” se destina a outros espetadores (crianças da sala, crianças de outras salas, pais/famílias, etc.) e onde poderá ser realizado.

O contacto com práticas teatrais de diferentes estilos, géneros e origens culturais (espetáculos, *performances*, teatro de fantoches, etc.) em contextos diversificados (auditórios, sala de espetáculos, rua, etc.) e com recurso a vários suportes (bibliográfico, audiovisual, multimédia, digital, etc.) contribui para a apreciação da arte dramática ou teatro e para o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças. Este contacto constitui-se como uma oportunidade de acesso à cultura, e proporciona um diálogo no grupo, que permite explorar a especificidade dos meios e linguagens do teatro e de confrontar diferentes interpretações e apreciações, facilitando a emergência de uma opinião crítica. Possibilita ainda que as crianças tomem consciência de que o teatro é uma arte integradora de outras linguagens artísticas e de diferentes meios técnicos (música, artes visuais, multimédia, luz, etc.).

Aprendizagens a promover:

- *Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de faz-de-conta, situações imaginárias e de recriação de experiências do quotidiano, individualmente e com outros.*
- *Inventar e experimentar personagens e situações de dramatização, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes situações e propostas, diversificando as formas de concretização.*
- *Apreciar diferentes manifestações de arte dramática, a partir da observação de várias modalidades teatrais, ao vivo ou em suporte digital, verbalizando a sua opinião e leitura crítica.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Se envolve em situações de jogo simbólico e jogo dramático cada vez mais complexas (caracterização de papéis, desenrolar da ação, interações verbais e não verbais, tempo de duração).

Expõe, discute ideias e propõe soluções para desafios criativos, em jogos dramáticos e dramatizações.

Recria e inventa histórias e diálogos e prevê a sua concretização escolhendo espaços, adereços e explorando recursos diversificados (luzes, cenário, música, etc.).

Se interessa pelo teatro e comenta os espetáculos a que assiste, utilizando progressivamente conceitos e vocabulário de teatro (espaço cénico, personagem, enredo, cenário, etc.), nomeando diferentes funções convencionais do processo de criação teatral (autor/a do texto, encenador/a, ator/atriz, etc.).

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Proporciona espaços, materiais e adereços diversos que estimulam a representação de diferentes situações e papéis sociais (familiares, escolares, da comunidade).

Estimula a progressiva elaboração do jogo dramático e debate os estereótipos culturais quando observa a sua manifestação.

Propicia o desenrolar do jogo dramático, para além do espaço da sala em que este se desenvolve habitualmente, e prevê com as crianças outros espaços em que este se poderá desenrolar (na rua, no ginásio, etc.).

Envolve a criança no desenvolvimento de projetos de dramatização: conceção (guião), planeamento (previsão de materiais e recursos necessários, inventariação e distribuição de tarefas...), execução do projeto e sua avaliação.

Promove o contacto, apreciação e reflexão sobre práticas teatrais de diferentes estilos, géneros e origens culturais.

...

Subdomínio da Música

A música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais. A abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança. Esta abordagem integra-se nas vivências e rotinas da sala, valoriza os interesses e propostas das crianças, no desenvolvimento de uma prática do ouvir e “fazer” música. Pressupõe, assim, uma prática sistemática e contínua, com uma intenção específica, direcionada para um desenvolvimento progressivo das competências musicais da criança e o alargamento do seu quadro de referências artísticas e culturais.

O subdomínio da Música contempla a interligação de audição, interpretação e criação. Assim, por exemplo, a interpretação de uma canção obriga a uma identificação e descrição de elementos musicais (audição), à reprodução de motivos e frases musicais (interpretação) e, simultaneamente, a escolhas de intencionalidades expressivas (criação).

Faz parte da educação musical saber fazer silêncio para escutar e identificar e reproduzir os sons e ruídos da natureza (água a correr, vento, “vozes” dos animais, etc.) e da vida corrente (tiquetaque do relógio, campainha do telefone, motor do automóvel, etc.).

O silêncio é também importante, como condição da verdadeira escuta, que possibilita identificar, memorizar reproduzir e explorar as características dos sons: ritmo, melodia, dinâmica, timbre e forma. Quanto maior for a diversidade dos sons de que as crianças se apropriam maior será o seu “reportório sonoro” e mais rica a sua imaginação.

Para além dos vários sons e ruídos da natureza e da vida corrente que deverão ser explorados com as crianças, também pelo conhecimento do mundo que proporcionam, é importante que oçam música de géneros musicais diferentes, sendo a qualidade uma exigência fundamental. Estas audições musicais também podem e devem ser utilizadas como momentos

Interligação de audição, interpretação e criação

Explorar as características dos sons

Ouvir música de diferentes géneros musicais

para a vivência corporal da música. A expressão corporal livre, a partir de estímulos musicais diversificados, constitui uma experiência única: a partir do “ouvir” a criança “faz”, criando e interpretando. Acresce que “ouvir” em movimento é absolutamente natural em crianças pequenas e contrariar a sua “corporalidade” espontânea é limitar o seu desenvolvimento musical, uma vez que o desenvolvimento do sentido rítmico, incluindo a audição interior, pressupõe a vivência do corpo em movimento e a experiência muscular, estabelecendo uma íntima ligação entre a música e a dança.

Trabalhar as letras das canções relaciona a Música com o desenvolvimento da linguagem, o que passa por compreender o sentido do que se diz, tirar partido das rimas para discriminar os sons, explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original. Também a linguagem oral, utilizada de forma expressiva e ritmada, pode ser considerada uma forma de desenvolvimento musical.

O processo de criação e interpretação musical pode recorrer a instrumentos de percussão simples construídos pelas crianças, relacionando-se com as artes visuais. O/a educador/a poderá em conjunto com as crianças encontrar uma notação não convencional para ler e expressar ideias musicais (sequências de intensidade, sequências de sons curtos e longos, etc.). As crianças podem também utilizar instrumentos musicais mais complexos, de qualidade e com outras possibilidades sonoras (triângulos, pandeiretas, caixas chinesas, guizeiras, tamborins, sinos, xilofones, instrumental Orff, etc.).

O conhecimento de outros instrumentos musicais pode ainda ser proporcionado pelo/a educador/a através do contacto com diferentes recursos (espetáculos musicais, intérpretes, criadores, bandas musicais, etc.). A utilização de meios tecnológicos que permitem registar e reproduzir vários tipos de sons e músicas poderá ser um suporte importante na abordagem ao subdomínio da Música.

O contacto das crianças com diferentes formas e estilos musicais de várias épocas e culturas permite-lhes alargar a cultura musical, o gosto pela música e apropriar-se de saberes relativos à música (nome dos instrumentos, o que é uma orquestra, etc.). Este contacto é ainda um meio de expressarem o que sentem, não só através do corpo, mas verbalizando ou utilizando diferentes modalidades das artes visuais bem como de desenvolverem a sensibilidade estética.

Aprendizagens a promover:

- *Identificar e descrever os sons que ouve (fenómenos sonoros/música) quanto às suas características rítmicas, melódicas, dinâmicas, tímbricas e formais.*
- *Interpretar com intencionalidade expressiva-musical: cantos rítmicos (com ou sem palavras), jogos prosódicos (trava-línguas, provérbios, lengalengas, adivinhas, etc.) e canções (de diferentes tonalidades, modos, métricas, formas, géneros e estilos).*
- *Valorizar a música como fator de identidade social e cultural.*

Utilização de diversos tipos de instrumentos

Contacto com diferentes formas e estilos musicais

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Inventa ambientes sonoros a partir de rimas, canções, e sequências de movimento, selecionando e organizando fontes sonoras diversificadas (corpo, voz, objetos sonoros e instrumentos de percussão).

Identifica auditivamente sons vocais e corporais, sons do meio ambiente próximo (isolados e simultâneos), sons da natureza e sons instrumentais.

Canta canções com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica (pulsação e acentuação) e da respiração.

Distingue auditivamente um repertório diversificado de canções conhecidas e de música gravada de diferentes géneros, estilos e culturas.

Comenta a música que ouve ou que interpreta manifestando as suas opiniões e utilizando vocabulário adequado.

Utiliza grafismos não convencionais para identificar e registar sequências de intensidade, movimentos sonoros e sequências de sons curtos e longos.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Cria ocasiões de exploração das características dos sons convencionais e não convencionais (objetos sonoros, instrumentos musicais, etc.).

Proporciona situações de escuta orientada de diversos sons (sons vocais e corporais, da natureza, do meio ambiente, de instrumentos musicais, etc.), ao vivo ou gravados.

Proporciona jogos rítmicos, com ou sem palavras, e jogos prosódicos (trava-línguas, provérbios, lengalengas, adivinhas, etc.).

Proporciona o contacto e apoia a exploração de canções de diferentes tonalidades, modos, métricas, formas, géneros e estilos.

Facilita a experimentação musical a partir de diversos estímulos e/ou intenções, (recriar o ambiente sonoro do recreio, de um dia de chuva, os sons de um planeta desconhecido).

Promove o contacto com manifestações musicais de diferentes estilos, géneros e origens culturais e encoraja os comentários das crianças introduzindo vocabulário próprio (intérprete, nome dos diferentes instrumentos, etc.).

...

Subdomínio da Dança

A dança, como forma de expressão através de movimentos e ritmos produzidos pelo corpo, está intimamente ligada ao teatro, à música e à educação motora. Através da dança, as crianças exprimem o modo como sentem a música, criam formas de movimento ou aprendem a movimentar-se expressivamente, respondendo a diversos estímulos (palmas, sons, imagens, palavras). A dança favorece o desenvolvimento motor, pessoal e emocional, bem como o trabalho em grupo que se organiza com uma finalidade comum.

A partir de temas reais ou imaginados, a experiência de movimentos dançados e a sua elaboração individual e/ou em grupo promovem, não só o desenvolvimento da criatividade, como também a aprendizagem cooperada, a partilha, o respeito pelas ideias, o espaço e o tempo do outro, e ainda, a consciência de pertença ao grupo.

Criar ou aprender formas de movimento expressivo

O contacto e a observação de diferentes manifestações coreográficas contribuem para o desenvolvimento progressivo da criatividade, possibilitando ainda a fruição e compreensão da linguagem específica da dança. Esta linguagem permitirá à criança descrever e comentar movimentos relacionados com experiências diárias, recorrendo a um vocabulário específico. Facilita também a compreensão e aceitação de regras a seguir, tanto no papel de intérprete/executante, como no de observador/público, nomeadamente, a atenção, escuta e respeito pelo outro.

Neste contexto, cabe ao/à educador/a proporcionar, de forma sistemática, progressiva e gradual, experiências, tanto ao nível de desempenho, como da observação, apreciação e interpretação de movimentos dançados.

Aprendizagens a promover:

- *Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros.*
- *Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações.*
- *Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa.*
- *Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica e adequada.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Tem prazer em expressar-se de forma rítmica através do corpo.

Realiza movimentos locomotores e não locomotores básicos, de forma coordenada, utilizando o corpo no espaço, no tempo e com diferentes dinâmicas.

Cria e recria movimentos a partir de temáticas e personagens (objetos, animais, situações da vida real, etc.).

Interpreta pequenas sequências de movimento dançado, de forma coordenada e apropriada à temática.

Aprecia peças de dança do património artístico, observadas através de meios audiovisuais ou em espetáculos ao vivo, expressando a sua opinião sobre o processo de criação e da apresentação coreográfica, utilizando vocabulário específico (baile, ensaio, espetáculo, palco, público coreógrafo/a, coreografia, bailarino/a, etc.).

Comenta os movimentos dançados que realiza e/ou observa, dando a sua opinião sobre os processos de execução e explicitando a sua interpretação.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Proporciona atividades lúdicas de experimentação de vários movimentos locomotores básicos (andar, saltar, saltitar, correr, gatinhar, deslizar, rastejar, rodopiar, deitar-se, sentar-se, ajoelhar-se, levantar-se, entre outros) e não locomotores (encolher, alongar, puxar, empurrar, tremer, torcer, inclinar, balancear, entre outros), diversificando:

Direções;

Trajetórias (lineares e curvilíneas);

Níveis de execução (baixo - junto ao chão, médio - ao nível do andar, alto - com saltos);

Planos (horizontal e vertical);

Tempo/ Ritmo (marcha, corrida, etc.);

Aceleração e desaceleração;

Duração;

Pausas;

Relações/Contactos - (em oposição a; em colaboração com; ativo/conductor ou passivo/seguidor).

Promove a exploração/experimentação de diversas formas de dança através de ações motoras básicas, de modo coordenado, com diversas relações espaciais e com ritmos diversificados através de:

Deslocamentos (andar, marchar em pontas dos pés, etc.);

Passos diversos (subir, descer, bater);

Gestos (movimentos isolados da cabeça, tronco ou membros);

Posturas;

Equilíbrios sobre pontos de apoio diversificados (sobre os joelhos, as mãos, as costas, um pé, etc.);

Saltos diversos;

Voltas (rodar, rodopiar, rebolar, etc.).

Proporciona a observação de diversas formas de dança, em diferentes contextos, suportes e formatos (teatros, auditórios, museus, televisão, cinema, internet, etc.) e encoraja os comentários das crianças, introduzindo vocabulário próprio.

Cria oportunidades para as crianças expressarem, através da dança, sentimentos e emoções a partir de situações da vida real, imaginadas ou sugeridas, histórias, canções, imagens, etc.

...

Síntese

DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	
Subdomínios	Aprendizagens a promover
Artes Visuais	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas.• Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual tanto na produção e apreciação das suas produções como em imagens que observa.• Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura vídeo, etc.), expressando a sua opinião e leitura crítica.
Dramatização	<ul style="list-style-type: none">• Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de faz-de-conta, situações imaginárias e de recriação de experiências do quotidiano, individualmente e com outros.• Inventar e experimentar personagens e situações de dramatização, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes situações e propostas, diversificando as formas de concretização.• Apreciar diferentes manifestações de arte dramática, a partir da observação de várias modalidades teatrais, ao vivo ou em suporte digital, verbalizando a sua opinião e leitura crítica.
Música	<ul style="list-style-type: none">• Identificar e descrever os sons que ouve (fenómenos sonoros/música) quanto às suas características rítmicas, melódicas, dinâmicas, tímbricas e formais.• Interpretar com intencionalidade expressiva-musical: cantos rítmicos (com ou sem palavras), jogos prosódicos (trava-línguas, provérbios, lengalengas, adivinhas, etc.) e canções (de diferentes tonalidades, modos, métricas, formas, géneros e estilos).• Valorizar a música como fator de identidade social e cultural.
Dança	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros.• Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações.• Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa.• Apreciar diferentes manifestações coreográficas, usando linguagem específica e adequada.
Sugestões de reflexão	
<p>Tem na sala, ao dispor das crianças, materiais que possibilitem experiências nas diferentes linguagens das artes? Como organiza o espaço e os materiais para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem nas diferentes linguagens artísticas?</p> <p>De que forma promove o envolvimento e a exploração lúdica no processo expressivo da criança?</p> <p>Procura dar espaço à criatividade da criança, incentivando-a a observar diferentes manifestações artísticas, sem transmitir estereótipos?</p> <p>Dá oportunidade às crianças de apreciarem o que fizeram e de falarem sobre o que sentiram?</p> <p>Debate com as crianças formas de expor ou divulgar as suas realizações e as do grupo, chamando a sua atenção para aspetos estéticos?</p> <p>Preocupa-se em fazer o enquadramento cultural e artístico das suas propostas ou das que surgem no grupo de crianças?</p> <p>Como promove a integração das diferentes manifestações artísticas? E a sua articulação com outras áreas de conteúdo e outros domínios?</p> <p>Antes e após uma ida ao teatro, ao museu, a espetáculos diversos, como trabalha com o grupo essas oportunidades (debate, expressão de opinião crítica, alargamento da linguagem específica, etc.)?</p> <p>Tem na sala materiais diversos para que as crianças conheçam, observem e explorem diferentes manifestações artísticas (livros, imagens, filmes, etc.)? O que pode acrescentar?</p> <p>...</p>	

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal.

As competências comunicativas vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos de vida da criança. Estas competências são transversais e essenciais à construção do conhecimento nas diferentes áreas e domínios, já que são ferramentas essenciais para a troca, compreensão e apropriação da informação. Por outro lado, esta transversalidade leva também a que todas as áreas contribuam igualmente para a aquisição e desenvolvimento da linguagem.

A referência conjunta à abordagem da linguagem oral e escrita pretende não só acentuar a sua inter-relação como também a sua complementaridade enquanto instrumentos fundamentais de desenvolvimento e aprendizagem. Contudo, de modo a contemplar a especificidade de cada uma destas formas de linguagem, elas serão apresentadas em separado.

Linguagem oral

O desenvolvimento da [linguagem oral](#) tem uma importância fundamental na educação pré-escolar. Sabe-se que a linguagem oral é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes. Não se pode, no entanto, esquecer que o [português não é a língua materna](#) de todas as crianças que frequentam a educação pré-escolar. Se o respeito pelas línguas e culturas das crianças é uma forma de educação intercultural, levando a que as crianças se sintam valorizadas e interajam com segurança com os outros, a aprendizagem da língua portuguesa torna-se essencial para terem sucesso na aprendizagem.

Qualquer que seja o domínio do português oral com que as crianças chegam à educação pré-escolar, as suas capacidades de compreensão e produção linguística deverão ser progressivamente alargadas, através das interações com o/a educador/a, com as outras crianças e com outros adultos.

Nestas idades, a aprendizagem de uma segunda língua ocorre de uma forma relativamente espontânea, desde que sejam assegurados às crianças contextos comunicacionais adequados. Tendo em conta a facilidade de aprendizagem de uma segunda língua, a sensibilização a uma língua estrangeira poderá ser incluída na educação pré-escolar, sobretudo se esta tiver um sentido para as crianças (contactos com crianças de outros países, conhecimento direto ou correspondência) e se assumir um carácter lúdico e informal.

Um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao/a educador/a criar as condições para que as crianças aprendam. Entre estas, salienta-se a necessidade de criar um clima de comunicação em que a linguagem do/a educador/a, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças. As reformulações e questionamento por parte

Aprendizagem do Português
como Língua Não Materna

Sensibilização a uma língua
estrangeira

Criar um clima de comunicação

do/a educador/a podem dar um importante contributo para a expansão do vocabulário e o domínio de frases mais complexas.

A capacidade de o/a educador/a escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada uma e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada uma fale, e a fomentar o diálogo, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar.

Este conhecimento das crianças mobilizado na utilização de muitas palavras, na construção de um vocabulário alargado, na compreensão de questões, ordens, mensagens, conversas, etc., centra-se essencialmente no significado da mensagem oral, e constrói-se, muitas vezes, de forma natural. Quando as crianças apresentam algum domínio dos aspetos associados à comunicação, vão também, paralelamente, começando a desenvolver uma outra vertente, relacionada com a tomada de consciência sobre a forma como a língua se estrutura e organiza, ou seja, a tomar consciência dos seus aspetos formais (consciência linguística). Começam assim a tomar a língua como objeto de reflexão, apercebendo-se gradualmente dos vários elementos que a constituem, das suas relações, de convenções a eles associados, de regularidades e /ou irregularidades e das suas especificidades.

O desenvolvimento da linguagem é complexo, devido à multiplicidade de aspetos e fatores que estão envolvidos. Contudo, podemos considerar que existem duas grandes componentes na aquisição da linguagem, que, embora com características e especificidades subjacentes a cada uma, se inter-relacionam:

- Comunicação oral
- Consciência linguística

Comunicação oral

É no clima de comunicação criado pelo/a educador/a que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e da comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação. O quotidiano da educação pré-escolar permitirá, por exemplo, que as crianças vão utilizando adequadamente frases simples de diversas formas (afirmativa e negativa) e tipos (interrogativa, exclamativa, etc.) bem como as concordâncias de género, número, tempo, pessoa e lugar.

A comunicação das crianças com outros adultos da instituição e da comunidade, no jardim de infância ou no exterior, são um outro meio de alargar as situações de comunicação que levam a criança a apropriar-se progressivamente das diferentes funções da linguagem e a adequar a sua comunicação a situações diversas.

O desenvolvimento da linguagem oral depende do interesse em comunicar, o que implica saber-se escutado e supõe também ter coisas interessantes para dizer. Neste sentido, importa ter cuidado, sobretudo nas situações de grande grupo, com as crianças que têm mais dificuldade em exprimir-se ou que

Escutar e valorizar o contributo de cada criança

Sentir-se escutado e ter interesse em comunicar

habitualmente não participam. Não se pode pretender que a comunicação seja, apenas, alimentada pelas experiências fora do jardim de infância, sendo necessário que o contexto de educação pré-escolar forneça ocasiões que motivem o diálogo e a partilha entre as crianças, a partir das vivências comuns.

Cabe ao/a educador/a alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções, que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores.

Esta vertente discursiva da linguagem oral é uma competência central nesta faixa etária devido à sua transversalidade, não só para o desenvolvimento de competências sociais, mas para as trocas e apropriação de informação necessárias às aprendizagens em outras áreas do saber.

Não se pode ainda esquecer a comunicação não verbal que, podendo ser explorada especificamente em outros contextos (dramatização, mímicas), constitui um suporte importante da comunicação oral.

Aprendizagens a promover:

- *Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação.*
- *Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Faz perguntas sobre novas palavras e usa novo vocabulário.

Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo.

Elabora frases completas aumentando gradualmente a sua complexidade.

Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções.

Relata acontecimentos, mostrando progressão não só na clareza do discurso como no respeito pela sequência dos acontecimentos.

Constrói frases com uma estrutura cada vez mais complexa (coordenadas, explicativas, condicionais, negativas, subordinadas).

Usa naturalmente a linguagem com diferentes propósitos e funções (contar histórias ou acontecimentos, fazer pedidos, dar ou pedir informação, apresentar ou debater ideias, etc.).

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Disponibiliza material que promove o desenvolvimento da linguagem em diferentes espaços da sala (histórias em formatos diversos, fantoches, gravador e/ou leitor de CDs, jogos, computador).

Faz pedidos e dá instruções cada vez mais complexas e elaboradas.

Proporciona jogos que promovem o desenvolvimento da linguagem (identificação de sons, vocabulário, mensagens).

Usa vocabulário rico e questiona as crianças levando-as a estabelecer relações entre o seu conhecimento presente e novas palavras (motosserra, astronauta, etc.).

Conta histórias, promove conversas sobre as mesmas, cria oportunidades para as crianças contarem ou criarem as suas próprias histórias.

Promove, no quotidiano, oportunidades de comunicação criança-adulto e criança-criança, tanto em momentos informais como mais estruturados (refeições, recreios, atividades na sala, comunicação em grande ou pequeno grupo).

Incentiva cada criança a expor as suas ideias e experiências, dando-lhe suporte para o fazer de modo cada vez mais elaborado, considerando as especificidades de cada uma (crianças com dificuldades de linguagem ou cuja língua materna não é o português, etc.).

Facilita o contacto com outras línguas e apoia as crianças na identificação de algumas das suas especificidades (sonoridade, significado de algumas palavras, semelhanças ou diferenças, etc.).

Utiliza e promove o uso de linguagem ajustada a funções específicas (formulações de uma pergunta, de uma narrativa, de um poema, de uma ordem).

...

Consciência linguística

As crianças envolvem-se frequentemente em situações que implicam uma exploração lúdica da linguagem, demonstrando prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as suas relações. As rimas, as lengalengas, os trava-línguas e as adivinhas são aspetos da tradição cultural portuguesa que estão frequentemente presentes nas salas e no dia a dia das crianças e são meios de trabalhar a consciência linguística em contextos de educação de infância.

A poesia, como forma literária, constitui também um meio de descoberta e de tomada de consciência da língua, para além de outros contributos como por exemplo, a sensibilização estética.

Estas e outras formas de exploração de sons e de palavras levam a que as crianças se comecem a aperceber que a língua é não só um meio de comunicação, mas também um objeto de reflexão, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais complexa e estruturada sobre a forma como é constituída, e como se organizam os seus elementos. Estes processos levam a criança a níveis de análise diferenciados que podem passar pela estrutura das frases, pela consciência das palavras enquanto unidades arbitrárias e enquanto elementos que as constituem, chegando a segmentos sonoros menores, como as sílabas ou mesmo os fonemas.

Podem considerar-se, na educação pré-escolar, três dimensões, na consciência linguística, mesmo que em estado emergente: consciência fonológica, consciência da palavra, consciência sintática.

A consciência fonológica refere-se à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de tamanhos diferenciados, que integram as palavras (sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas). Esta consciência vai-se desenvolvendo, permitindo à criança uma capacidade crescente para a manipulação (identificação, síntese, análise, supressão) de elementos fonológicos cada vez mais pequenos. Conhecendo esta evolução, os educadores poderão ir fazendo propostas que impliquem diferentes processos e níveis de análise, progressivamente mais exigentes, de modo a facilitar estas aprendizagens. A consciência fonológica está também relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa, pois tanto a capacidade de análise do oral é importante para o processo de codificação da escrita, como este processo promove o desenvolvimento de níveis de análise fonológica cada vez mais elaborados.

Normalmente, as crianças em idade pré-escolar conseguem identificar e manipular as sílabas com alguma facilidade. Contudo, processos de identificação, análise ou manipulação de fonemas, por não serem unidades percetivamente salientes, são mais difíceis e tardios, atingindo maior desenvolvimento em idade escolar, pois estão muito associados à aprendizagem da leitura.

A consciência de palavra refere-se à capacidade de compreensão da palavra enquanto elemento constitutivo de uma frase. Esta tomada de consciência verifica-se quando, por exemplo, a criança isola e identifica quantas palavras constituem uma frase ou compreende que a palavra é diferente do seu referente (trata-se de um rótulo fónico convencional), ou ainda, quando, numa frase, substitui uma palavra por outra. Em fases iniciais, as crianças só identificam como palavras as que têm significado para elas (nomes, verbos), só posteriormente consideram os outros tipos (artigos, preposições). Inicialmente também não conseguem diferenciar a palavra do seu significado, ou do objeto a que se refere. Por exemplo, uma palavra grande pode ser 'comboio' e uma pequena 'formiga' ou 'formiguinha'. Só após alguma oportunidade de reflexão é que as crianças se começam a aperceber da relação entre tamanho da palavra e a emissão verbal correspondente.

A consciência sintática prende-se com a compreensão das regras da organização gramatical das frases, conduzindo à utilização e controlo dessas regras. Esta competência torna-se evidente não só quando as crianças identificam frases incoerentes, pela troca de elementos que subvertem a sua estrutura gramatical, mas também quando, mais velhas, conseguem explicitar as regras que não estão a ser consideradas nesse tipo de frases. O/a educador/a deverá ter presente a necessidade de as crianças construírem frases corretas, quanto ao conteúdo e organização, e que mobilizem formas cada vez mais complexas de estrutura sintática.

Consciência fonológica

Consciência de palavra

Consciência sintática

Aprendizagens a promover:

- *Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (Consciência Fonológica).*
- *Identificar diferentes palavras numa frase (Consciência da Palavra).*
- *Identificar se uma frase está correta ou incorreta e eventualmente corrigi-la, explicitando as razões dessa correção (Consciência Sintática).*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Identifica o número de sílabas de uma palavra.

Descobre e refere palavras que acabam ou começam da mesma forma.

Isola ou conta palavras de uma frase.

Suprime ou substitui alguma(s) palavra(s) numa frase, atribuindo-lhe um novo sentido ou formulando novas frases.

Identifica uma frase cuja estrutura gramatical não está correta.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Cria oportunidades de jogo para que as crianças brinquem com rimas, emparelhamento de sons, reconstrução de palavras a partir de sílabas ou sons.

Explora situações em que há repetições de palavras ou sons, através de histórias, conversas, canções, etc.

Proporciona ocasiões para a criança ouvir, criar e dizer poesia, trava-línguas e cantar canções.

Usa situações lúdicas de troca de palavras numa frase e promove a reflexão sobre o seu resultado.

Chama a atenção das crianças para diferentes tipos de unidades sonoras que integram as palavras (sílabas semelhantes, fonemas iniciais, rimas, etc.).

Proporciona ocasiões para as crianças pensarem sobre a adequação da estrutura de uma frase face ao seu significado.

...

Abordagem à escrita

Não há hoje em dia crianças que não contactem com o código escrito e que, por isso, ao entrarem para a educação pré-escolar não tenham já algumas ideias sobre a escrita. Assim, há que tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar e utilizar a leitura e a escrita com diferentes finalidades. Não se trata de uma introdução formal e “clássica”, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita através do contacto e uso da leitura e da escrita, em situações reais e funcionais associadas ao quotidiano da criança. Esta abordagem situa-se numa perspetiva de literacia, enquanto competência global para o uso da [linguagem escrita](#), que implica utilizar e saber para que serve a leitura e a escrita, mesmo sem saber ler e escrever formalmente.

Facilitar a emergência da linguagem escrita

O contacto com diferentes tipos de texto manuscrito e impresso (narrativas, listagens, descrições, informações, etc.), o reconhecimento de diferentes formas que correspondem a letras, a identificação de algumas palavras ou de pequenas frases permitem uma apropriação gradual da especificidade da escrita não só ao nível das suas convenções como da sua utilidade.

Neste sentido, há que ter presente, no jardim de infância, que sendo uma das funções da linguagem escrita dar prazer e desenvolver a sensibilidade estética, partilhar sentimentos e emoções, sonhos e fantasias, este é também um meio de informação, de transmissão do saber e da cultura, um instrumento para planificar e representar a realização de projetos e atividades.

O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. As histórias lidas ou contadas pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler. O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita iniciam-se na educação de infância.

O contacto e o recurso a bibliotecas podem também começar nesta idade, se as crianças tiveram oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de lazer e de cultura. Criam-se assim bases para o desenvolvimento de hábitos de leitura e do gosto pela leitura e escrita.

A forma como o/a educador/a utiliza e se relaciona com a linguagem escrita é fundamental para incentivar as crianças a interessarem-se e a evoluírem neste domínio.

O envolvimento das crianças em situações de leitura e escrita na educação pré-escolar promove o desenvolvimento de aprendizagens diversas que, apesar de se inter-relacionarem, se podem considerar organizadas em três componentes:

- Funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização em contexto
- Identificação de convenções da escrita
- Prazer e motivação para ler e escrever

Funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização em contexto

É evidente a importância da apropriação da funcionalidade da escrita pois, sem saber para que serve nem em que circunstâncias e com que objetivos se pode usar, a criança não se envolverá na sua exploração, compreensão e utilização. Para além disso, a investigação tem demonstrado que o facto de as crianças terem algum conhecimento e compreensão sobre as funções da leitura e da escrita, antes de iniciarem a escolaridade obrigatória, parece facilitar a aprendizagem e reflete-se no seu desempenho.

Importância do livro na descoberta do prazer da leitura

Compreensão das funções da leitura e da escrita facilita a aprendizagem da linguagem escrita

Neste sentido, registar o que as crianças dizem e contam, as regras debatidas em conjunto, o que se pretende fazer ou o que se fez, reler e aperfeiçoar os textos elaborados em grupo, uma carta, uma mensagem ou uma receita são meios de abordar a escrita e a sua funcionalidade. Estas são formas de escrita que têm formatos diferentes porque correspondem a intenções diversas.

Cabe assim ao/à educador/a proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levem a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo também a emergência dos conhecimentos sobre o código escrito e as suas convenções. A apropriação das funções da leitura e da escrita vai-se processando gradualmente, em contexto e através do uso. A compreensão da funcionalidade e das especificidades do texto escrito (organização, estrutura, apresentação, etc.) decorrentes da sua função não é imediata. Para isso, é necessário integrar no quotidiano das crianças uma grande variedade de textos e suportes de escrita como meio de enquadramento e desenvolvimento de ações e atividades. Assim, para além de livros de literatura para a infância, em prosa e em verso, são ainda indispensáveis outros tipos de livros (dicionários, enciclopédias, etc.) e mesmo outro tipo de suportes de escrita (jornais, revistas, etiquetas, cartazes, mensagens, receitas, etc.) que se integrem nas vivências específicas de cada grupo e que, deste modo, possam ser usados e explorados pelas crianças. A utilização de meios informáticos constitui também um recurso para o acesso a diferentes tipos de texto e informações, para comunicar e utilizar a linguagem escrita.

Procurar com as crianças informações em livros ou na internet, cujo texto o/a educador/a vai lendo e comentando, de modo a que as crianças interpretem o sentido, retirem as ideias fundamentais e reconstruam a informação, e ainda ler notícias num jornal, consultar um dicionário, ou ler em conjunto uma receita e segui-la para confeção de um bolo, são alguns meios para as crianças usarem a escrita no seu quotidiano e que facilitam a apropriação e compreensão de muitas convenções, bem como a utilidade da linguagem escrita.

Se esta utilização no quotidiano, em contextos com significado, for bem acompanhada e apoiada pelo/a educador/a, para além de permitir uma compreensão gradual da escrita e das suas características, por parte da criança, vai conduzir a alguma autonomia na sua utilização. Esta utilização e autonomia progressivas facilitarão o uso de formas cada vez mais elaboradas da escrita e de utilizações diversificadas e com múltiplas funções.

Aprendizagens a promover:

- *Identificar funções no uso da leitura e da escrita.*
- *Usar a leitura e a escrita com diferentes funcionalidades nas atividades, rotinas e interações com outros.*

Variedade de textos e suportes de escrita integrados no quotidiano das crianças.

A utilização participada da linguagem escrita facilita a compreensão das suas convenções e utilidade

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Refere razões e expressa vontade para querer aprender a ler e a escrever.

Identifica funções específicas para o uso que faz ou poderá vir a fazer da escrita ou da leitura (lúdica, informativa, comunicativa, mnemónica, identificativa, etc.).

Associa diferentes funções a suportes de escrita variados presentes nos seus contextos, usando-os com essas funcionalidades (livro de receitas para cozinhar, computador para pesquisar ou registar informação, lista de material necessário, etc.).

Utiliza e/ou sugere a utilização da linguagem escrita no seu dia a dia, em tarefas diversas, com funções variadas, quer solicitando o apoio de um adulto quer de modo autónomo, mesmo sem saber ler e escrever.

Pede aos adultos que lhe leiam ou escrevam numa situação concreta, para responder a uma necessidade.

Escreve, convencionalmente ou não, palavras, pseudopalavras ou pequenas frases, nas suas brincadeiras, explorações e/ou interações com os outros.

Usa o livro adequadamente e distingue diferentes tipos de livros consoante as suas funcionalidades.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Disponibiliza uma variedade de textos e tipos de escrita, integrando-os nas vivências quotidianas do grupo.

Proporciona o contacto com diversos tipos de textos escritos que levem a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, por exemplo:

Usando diversas formas de utilização da escrita (realização de cartazes informativos construídos e ilustrados com as crianças, escrita em conjunto de cartas com diversas finalidades e para diferentes destinatários, etc.).

Lendo e falando sobre as notícias do jornal e da televisão e escrevendo notícias relatadas pelas crianças, de forma a levá-las a perceberem e a utilizarem a função informativa da linguagem escrita e a compreenderem as especificidades da estrutura deste tipo de texto.

Usa situações do quotidiano para proporcionar um contacto funcional com o escrito, como, por exemplo:

Procura com as crianças informações em livros para um projeto que estão a desenvolver.

Quando passeia na rua, usa mapas, e lê nomes de ruas ou indicações de placas com e para as crianças, de modo a que estas se apercebam do seu conteúdo e importância.

Lê receitas para as crianças quando estão a cozinhar, a fazer bolos, etc.

Envolve as crianças na escrita de avisos e mensagens para as famílias (visitas de estudo, atividades, acontecimentos, etc.).

Afixa e lê para as crianças a ementa da semana.

Lê e escreve com e para as crianças, utilizando diferentes tipos de texto, ilustrando assim como se pode usar a leitura e a escrita.

Cria oportunidades para a criança "imitar" a escrita e a leitura da vida corrente, através da introdução de material diversificado de leitura e de escrita em diferentes áreas da sala.

Envolve as famílias, incentivando o uso da leitura e escrita, em conjunto com as crianças, em situações funcionais do quotidiano das mesmas (idas às compras, ler o texto das embalagens, etc.).

...

Identificação de convenções da escrita

Vivendo num meio em que contactam com a linguagem escrita, as crianças desde muito cedo sabem distinguir a escrita do desenho e, mais tarde, sabem também que uma série de letras iguais não forma uma palavra, começando a tentar imitar a escrita e a reproduzir o formato do texto escrito. Não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento. O desenho serve também, muitas vezes, de suporte ao processo de emergência da escrita, levando a que as crianças, em determinadas etapas, considerem que a escrita tem características do código icónico (associam o tamanho da palavra ao tamanho do objeto, desconhecem a linearidade e a literalidade da escrita, etc.).

Neste processo emergente de aprendizagem da escrita, as primeiras imitações que a criança faz do código escrito tornam-se progressivamente mais próximas do modelo, podendo notar-se tentativas de imitação de letras e até a diferenciação de sílabas. Começando a perceber as normas da codificação escrita, a criança vai desejar reproduzir algumas palavras (o seu nome, o nome dos outros, palavras e/ou frases que o/a educador/a escreve, etiquetas, etc.). Aprender a escrever o seu nome tem um sentido afetivo para a criança, permitindo-lhe fazer comparações entre letras que se repetem noutras palavras e aperceber-se de que o seu nome se escreve sempre da mesma maneira.

A atitude do/a educador/a e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas, pois só assim as crianças poderão passar pelas diferentes fases inerentes à apropriação do código escrito.

Na leitura de uma história, o/a educador/a pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura, por exemplo, ler o título para que as crianças possam dizer do que trata a história, propor que prevejam o que vai acontecer a seguir, identificar os nomes e as atividades das personagens, apontar enquanto lê, mostrar palavras e realçar a semelhança entre elas. Estas estratégias, para além de promoverem a compreensão da funcionalidade e estrutura organizativa do texto, facilitarão também a identificação e apropriação gradual das especificidades inerentes às convenções do código escrito.

O registo escrito com diferentes propósitos (mensagens, notícias, listagens, opiniões, etc.) também é uma estratégia importante para a compreensão do código escrito. Deste modo, as crianças poderão compreender que o que se diz se pode escrever, que a escrita permite recordar o dito e o vivido, mas constitui um código com regras próprias.

Compreensão gradual de normas da codificação escrita

Importância da escrita do nome próprio

Valorizar e incentivar as tentativas de escrita

Aprendizagens a promover:

- Reconhecer letras e *aperceber-se da sua organização em palavras.*
- *Aperceber-se do sentido direcional da escrita.*
- *Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Diferencia escrita de desenho (código icónico de código escrito) e, quando quer escrever, usa garatuñas, formas tipo letra e/ou letras na sua escrita.

Identifica letras, conseguindo reproduzi-las de modo cada vez mais aproximado nas suas tentativas de escrita e sabe o nome de algumas delas.

Nas suas tentativas de leitura, aponta para o texto escrito com o dedo, seguindo a orientação da escrita e fazendo alguma correspondência entre a emissão oral e o escrito.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o espaço da sala com diversidade de materiais a que as crianças possam recorrer para as explorações e usos da linguagem escrita (papéis, lápis, canetas, cadernos, agendas, jornais, revistas, livros, panfletos, etc.).

Disponibiliza e promove a exploração de jogos e materiais focados para a identificação e/ou uso de letras e palavras.

Questiona a criança sobre o que escreveu e leva-a a explicitar estratégias e procedimentos.

Lê e escreve perante a criança, realçando a relação entre a escrita e a mensagem oral.

Proporciona oportunidades diversificadas, mais ou menos estruturadas, de exploração da leitura e da escrita, integradas nas vivências do grupo.

Apoia e incentiva as crianças nas suas tentativas de escrita.

Escreve com e para as crianças, solicitando a sua colaboração e desafiando-as a pensar e a refletir sobre as características e convenções da escrita.

...

Prazer e motivação para ler e escrever

Todos nós, para nos envolvermos numa qualquer atividade, temos que ter motivos e razões para o fazer. Esses motivos podem ser muito diferenciados, passando pelos benefícios, diretos ou indiretos que daí podemos retirar, pela satisfação que a situação nos proporciona ou pelo sentimento de realização e competência.

Com a leitura e a escrita, mesmo com crianças muito pequenas, este tipo de motivos poderá estar presente, embora por vezes de forma muito incipiente. É importante que as crianças se apropriem do valor e importância da leitura e da escrita, o que acaba por ser determinante para a construção do seu projeto pessoal para ler e escrever. Esta valorização associada ao prazer e satisfação vivenciados nos momentos de leitura e

Valorização, prazer e sentimento de competência como base da motivação

escrita, bem como o sentir-se competente, são as bases para se tornarem crianças motivadas e para usarem e se envolverem com a linguagem escrita. O papel do/a educador/a é fundamental neste processo, ao criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita.

Aprendizagens a promover:

- *Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação.*
- *Estabelecer razões pessoais para se envolver com a leitura e a escrita, associadas ao seu valor e importância.*
- *Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que em formas muito iniciais e não convencionais.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Escolhe realizar atividades de leitura e/ou escrita, manifestando concentração, prazer e satisfação no desenrolar das mesmas.

Ouve atentamente histórias, rimas, poesias e outros textos, mostrando prazer e satisfação.

Reflete e partilha ideias sobre o valor e a importância da linguagem escrita e indica razões pessoais para a sua utilização.

Revela satisfação pelas aprendizagens e conquistas que vai fazendo na compreensão e utilização da linguagem escrita.

Mostra entusiasmo em partilhar com a família as leituras que vai fazendo no jardim de infância.

Usa a leitura e a escrita, mesmo que de modo não convencional, em situações cada vez mais complexas, mostrando vontade de aprender e de responder a novos desafios.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Disponibiliza livros e material de leitura de qualidade tanto no seu conteúdo como do ponto de vista estético.

Cria ambientes positivos e ricos em oportunidades de interação com a leitura e a escrita que facilitem a concentração e o envolvimento.

Proporciona às crianças oportunidades de escolha sobre o que querem ler ou escrever.

Integra regularmente a leitura e a escrita em atividades significativas para as crianças.

Identifica e partilha os progressos que cada criança vai fazendo, de modo a que esta se sinta desafiada a continuar as suas explorações e tentativas de uso da leitura e da escrita.

Envolve as famílias nas práticas de leitura desenvolvidas no jardim de infância, incentivando a sua colaboração.

...

Síntese

DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA	
Componentes	Aprendizagens a Promover
Comunicação Oral	<ul style="list-style-type: none"> Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação. Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).
Consciência linguística	<ul style="list-style-type: none"> Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (Consciência Fonológica). Identificar diferentes palavras numa frase (Consciência da Palavra). Identificar se uma frase está correta ou incorreta e eventualmente corrigi-la, explicitando as razões dessa correção (Consciência Sintática).
Funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização em contexto	<ul style="list-style-type: none"> Identificar funções no uso da leitura e da escrita. Usar a leitura e a escrita com diferentes funcionalidades nas atividades, rotinas e interações com outros.
Identificação de convenções da escrita	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer letras e aperceber-se da sua organização em palavras. Aperceber-se do sentido direcional da escrita. Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral.
Prazer e motivação para ler e escrever	<ul style="list-style-type: none"> Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação. Estabelecer razões pessoais para se envolver com a leitura e a escrita associadas ao seu valor e importância. Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que em formas muito iniciais e não convencionais.
Sugestões de reflexão	
<p>Escuta com atenção o que as crianças dizem? Como lhes dá a perceber que são escutadas?</p> <p>Incentiva as crianças a saber ouvir e escutar o outro com atenção em diversas situações e momentos da rotina?</p> <p>Nas interações com as crianças, usa linguagem (estrutura das frases e vocabulário) que promove o seu desenvolvimento? Reformula e expande o discurso da criança?</p> <p>Na sua prática contempla a abordagem a diferentes aspetos da consciência linguística?</p> <p>Que atividades e jogos usa para promover o desenvolvimento de níveis cada vez mais elaborados de consciência fonológica?</p> <p>Em conversas, momentos de leitura e outras situações de comunicação oral, leva as crianças a refletirem sobre as palavras (significado, sinónimos, antónimos, etc.)?</p> <p>Tem na sala suportes de escrita com funções diversificadas? Esses suportes e funções vão sendo atualizados?</p> <p>Quais as funções da leitura e da escrita que mais utiliza quando lê ou escreve na presença das crianças?</p> <p>Ao olhar para a sua sala, considera que as oportunidades para as crianças explorarem e usarem no quotidiano a escrita e a leitura são diversificadas e frequentes? O que pode fazer para melhorar a exploração e apropriação da funcionalidade da linguagem escrita, pelo seu grupo de crianças?</p> <p>Incentiva as crianças a usarem a leitura e/ou escrita, mesmo não sabendo ainda escrever convencionalmente?</p> <p>Pense num momento de exploração da linguagem escrita em que sentiu que o grupo, ou algumas crianças, não estava(m) suficientemente envolvido(as). Analise esse momento tomando em consideração o prazer/satisfação, valor/utilidade e perceção de competência. As estratégias, abordagem e apoios que proporcionou foram suficientes e contemplaram estes vários aspetos?</p> <p>Quando lê para as crianças, considera que é um bom modelo, evidenciando e transmitindo-lhes o prazer e satisfação que sente no momento?</p> <p>Quando interage com as crianças em atividades em que usam a leitura e a escrita, o feedback que lhes dá leva-as a sentirem-se competentes?</p> <p>Os momentos de leitura de histórias são agradáveis e sentidos como positivos?</p> <p>...</p>	

Domínio da Matemática

O desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aquisições e apoiar a criança no seu desejo de aprender. Esse apoio deverá corresponder a uma diversidade e multiplicidade de oportunidades educativas, que constituam uma base afetiva e cognitiva sólida da aprendizagem da matemática. Sabe-se que os conceitos matemáticos adquiridos nos primeiros anos vão influenciar positivamente as aprendizagens posteriores e que é nestas idades que a educação matemática pode ter o seu maior impacto.

O conhecimento por parte dos/as educadores/as da forma como decorre o processo de desenvolvimento e aprendizagem da matemática, o modo como interpretam o que a criança faz e pensa e como tentam perceber o seu ponto de vista permite-lhes prever o que esta poderá aprender e/ou abstrair a partir da sua experiência. Assim, poderão fazer propostas intencionais, progressivamente mais complexas, que estimulem e contextualizem essas aprendizagens. Nesse sentido, é necessário ter em conta que as conceções das crianças são não só muito diferentes das dos adultos, como constituem a melhor base sobre a qual se constroem as aprendizagens subsequentes.

No jardim de infância, a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia a dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras.

As crianças aprendem a matematizar as suas experiências informais, abstraindo e usando as ideias matemáticas para criarem representações de situações que tenham significado para elas e que surgem muitas vezes associadas a outras áreas de conteúdo. Para tal, é necessário uma abordagem sistemática, continuada e coerente, em que o/a educador/a apoia as ideias e descobertas das crianças e intencionalmente as leva a aprofundar e a desenvolver novos conhecimentos. Para o desenvolvimento das várias noções matemáticas, no decurso da intervenção educativa, o/a educador/a deverá ter em consideração não só aspetos ligados a atitudes e disposições de aprendizagem (curiosidade, atenção, imaginação, criatividade, autorregulação, persistência), como também a um conjunto de processos gerais (classificação, seriação, raciocínio, resolução de problemas) que são transversais à abordagem da matemática.

Processos Gerais - As crianças realizam intuitivamente classificações e, entre os 3 e os 5 anos, começam a ser capazes de organizar objetos e acontecimentos considerando um atributo e, posteriormente, vários atributos, de forma a estabelecer relações entre eles. Classificar implica saber distinguir o que é diferente do que é igual ou semelhante, isto é, ao classificar inclui-se um determinado elemento num conjunto, pela igualdade, e exclui-se, pela diferença.

Importância da aprendizagem matemática nos primeiros anos

Matemática inserida no quotidiano

Abordagem intencional, sistemática, continuada e coerente

Nesta fase, as crianças começam também a seriar, fazendo comparações entre pares, recorrendo a diferentes atributos dos objetos, como, por exemplo: quantidade (mais, igual, menos), altura (alto, médio, baixo), tamanho (grande, pequeno), espessura (grosso, fino), luminosidade (claro, escuro), velocidade (rápido, lento), duração (muito tempo, pouco tempo), altura do som (grave, agudo), intensidade do som (forte, fraco). Progressivamente, vão complexificando as seriações, incluindo cada vez mais objetos, que permitem a ordenação de gradações múltiplas (pequeno, médio, grande, o maior, etc.) ou a identificação de padrões (quadrado-círculo - quadrado-círculo...).

O desenvolvimento do raciocínio matemático implica o recurso a situações em que se utilizam objetos para facilitar a sua concretização e em que se incentiva a exploração e a reflexão da criança. A partir dessas situações a criança é encorajada a explicar e justificar as suas soluções, sendo a linguagem também essencial para a construção do pensamento matemático. Comunicar os processos matemáticos que desenvolve ajuda a criança a organizar e sistematizar o seu pensamento e a desenvolver formas mais elaboradas de representação.

Resolver e inventar problemas são duas formas facilitadoras do processo de apropriação e de integração das aprendizagens matemáticas. Dado que muitas crianças têm dificuldade em resolver problemas apresentados apenas oralmente, é importante que sejam apoiadas na representação das situações-problema utilizando objetos ou desenhos. Simultaneamente, essa dificuldade é condicionada pela estrutura do próprio problema, pois implica considerar não só a situação apresentada, mas também o que é desconhecido e se pretende determinar. Assim, a resolução de problemas é facilitada, não só pela sua concretização, mas também por a situação-problema ter significado para a criança, ao decorrer de uma situação ou projeto em que esteja envolvida. A disponibilidade e a utilização de materiais manipuláveis (colares de contas, cartões padronizados, *tangram*, material de *cuisenaire*, miras, *puzzles*, dominós, legos, etc.) são um apoio fundamental para a resolução de problemas.

O brincar e o jogo favorecem o envolvimento da criança na resolução de problemas, pois permitem que explore o espaço e os objetos, oferecendo também múltiplas oportunidades para o desenvolvimento do pensamento e raciocínio matemáticos. Tanto o brincar com materiais (areia, plasticina, blocos, etc.), como o jogo dramático, que envolve a criação de uma situação imaginária (compra numa loja, pôr a mesa, etc.), contribuem para a aprendizagem da matemática. Também jogos com regras (cartas numeradas, lotos, dominós, etc., bem como os jogos tradicionais de movimento) levam à compreensão e à aceitação de regras previamente fixadas e ao desenvolvimento de raciocínio matemático, especialmente o raciocínio estratégico (prever possibilidades e optar entre elas) e favorecem a autonomia da criança.

Partindo do brincar e do jogo da criança, a ação do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento das aprendizagens matemáticas. Para isso, importa que explore as situações que emergem da atividade das crianças; oriente a sua atenção para características específicas da matemática; as encoraje a inventarem e a resolverem problemas; lhes peça para explicitarem e

Representar e comunicar o pensamento matemático

Resolver e inventar problemas

Importância do jogo e do brincar na aprendizagem da matemática

partilharem as suas estratégias; as questione sobre processos e resultados (Porquê? Como sabes isso? Tens a certeza?); proponha o uso de registos diversos (esquemas, desenhos, símbolos, etc.) e resuma as ideias envolvidas no final das atividades. É também fundamental que lhes transmita confiança nas suas explorações, reflexões e ideias, de modo a sentirem-se competentes.

O envolvimento das crianças em situações matemáticas contribui não só para a sua aprendizagem, como também para desenvolver o seu interesse e curiosidade pela matemática. Neste sentido, são consideradas quatro componentes na abordagem à matemática:

- Números e Operações
- Organização e Tratamento de Dados
- Geometria e Medida
- Interesse e Curiosidade pela matemática

Números e operações

As crianças discriminam quantidades desde muito cedo e parecem também ter um sentido aritmético precoce que é evidente quando, por exemplo, têm a ideia de que, quando se junta mais um elemento, a quantidade resultante fica maior. Muitas vezes as crianças aprendem a recitar a sequência dos números, sem, no entanto, terem o [sentido de número](#). É através de experiências diversificadas que as crianças vão desenvolvendo o sentido de número, que diz respeito à compreensão global e flexível dos números, das operações e das suas relações.

Este processo de apropriação de sentido de número é progressivo, sendo que contar implica saber a sequência numérica, mas também fazer correspondência termo a termo. Assim, em situações de junção de dois conjuntos, as crianças começam por contar a quantidade de objetos de cada conjunto, juntam os dois, e recontam todos os objetos do conjunto resultante. Posteriormente serão capazes de continuar a contar a partir do cardinal do conjunto maior, percebendo que podem contar por qualquer ordem, desde que contem todos os elementos e uma só vez.

À medida que as crianças vão desenvolvendo o sentido de número nas suas experiências de contagem, passam a ser capazes de pensar em números sem necessidade de os associar a objetos concretos. Também na comparação de quantidades de objetos se nota a mobilização gradual de estratégias mais complexas. A ordenação dos números e a capacidade de comparar grandezas está intimamente ligada à construção, por parte das crianças, de uma linha mental de números. A criança, além de ser capaz de reproduzir oralmente a sequência dos números inteiros, toma consciência da relação de ordem existente entre eles (5 é mais do que 4; 6 é mais do que 5). Esta construção de uma linha mental tem efeitos na representação dos números, bem como na realização de estimativas e no desempenho posterior em aritmética. Neste processo, é importante associar números às quantidades de objetos que lhes correspondem, facilitando à criança também a estimativa de pequenas quantidades. Gradualmente surgem na criança capacidades

operativas, perante problemas do quotidiano, envolvendo adições e subtrações. Também, neste caso, as crianças necessitam inicialmente de concretizar as situações numéricas, aprendendo progressivamente a fazer representações (pictográficas, icónicas e simbólicas) dos problemas, ou sendo mesmo capazes de os resolver mentalmente. A utilização de materiais diversos (*cuisenaire*, dados, dominós, cartões de pintas, contas de enfiamentos, etc.) favorece a construção de uma linha mental de números.

Aprendizagens a promover

- *Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc.).*
- *Resolver problemas do quotidiano que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Usa correspondência termo a termo para resolver problemas de comparação de conjuntos e para contar objetos de um conjunto.

Identifica, numa contagem, que a quantidade total corresponde à última palavra número (termo) que disse.

Usa os termos “mais do que” e “menos do que” na comparação de quantidades.

Usa o nome dos números e, posteriormente, numerais escritos, para representar quantidades.

Organiza conjuntos de um certo número de objetos e consegue contar de forma crescente e decrescente.

Começa a relacionar a adição com o combinar de dois grupos de objetos e a subtração com o retirar uma dada quantidade de objetos de um grupo de objetos.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Disponibiliza, em diferentes áreas da sala, materiais diversificados que criem oportunidades de contagem e operações sobre quantidades (materiais adquiridos ou construídos pelo/a educador/a e também outros, tais como sementes, caricas, rolhas, pedras, conchas, tampas de frascos e garrafas, etc.).

Utiliza as situações do dia a dia para proporcionar oportunidades de contagem (número das crianças presentes na sala, dos pacotes de leite bebidos, das crianças que almoçam, etc.).

Desperta a curiosidade e promove a compreensão das crianças para a utilização e representação de numerais na sala (calendários, mapas de presença, etc.) e no meio ambiente (números das portas, preços marcados em lojas ou hipermercados, andares do elevador, números de telefone e telemóveis, matrículas de carros, números das carreiras de autocarro).

Utiliza ritmos, cantigas e lengalengas para incentivar a aprendizagem da sequência dos nomes dos números numa contagem.

Encoraja as crianças a concretizarem a representação de quantidades (contar pelos dedos, contar objetos, desenhar esquemas ou símbolos) e operarem sobre elas, apoiando a criança a explicitar o seu raciocínio e ideias e o debate em grupo.

Incentiva a aprendizagem da contagem - crescente e decrescente.

Encoraja a representação e a compreensão das situações-problema que propõe às crianças, partindo do seu conhecimento informal.

...

Organização e tratamento de dados

A estatística, enquanto análise quantitativa de dados, é uma área muito importante da Matemática e que proporciona múltiplas ocasiões de desenvolvimento numérico. A estatística, que tem como objeto a variabilidade num conjunto de dados e a apresentação dessa informação organizada, através de tabelas ou gráficos, faz parte da vida quotidiana de crianças e adultos. A resolução de problemas estatísticos depende da compreensão e quantificação dessa variabilidade, estando a interpretação desses dados ligada ao contexto em que são recolhidos.

O processo de recolha, organização e tratamento de dados assenta na classificação, contagem e comparação. Este processo decorre da curiosidade e da resposta a questões que fazem sentido para a criança (por exemplo, saber quais os legumes preferidos das crianças da sala).

Na vida do jardim de infância surgem muitas oportunidades de recolher, organizar e interpretar dados quantitativos a partir de situações do quotidiano e da realização de experiências e projetos. Cabe ao/a educador/a apoiar a formulação das questões a responder, a recolha de dados e a sua organização (conjuntos, tabelas, gráficos, diagramas de Venn, etc.). Para que se compreenda que dados recolhidos num determinado contexto não podem ser generalizados, o/a educador/a poderá ainda apoiar as crianças em conjeturas relativas a outras amostras, como, por exemplo, saber se os meninos de outra sala têm as mesmas preferências.

Com o apoio do/a educador/a, será também possível que as questões a resolver e a recolha e tratamento a realizar se vão tornando cada vez mais complexas.

Aprendizagens a promover

- *Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas (listagens, desenhos, etc.).*
- *Utilizar gráficos e tabelas simples para organizar a informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Coloca questões e participa na recolha de dados acerca de si própria, de situações do seu quotidiano e meio ambiente.

Participa na organização da informação recolhida recorrendo a tabelas, pictogramas simples, etc.

Procura interpretar os dados apresentados em tabelas, pictogramas, diagramas de Venn, gráficos de barras, identificando a categoria modal, como correspondendo à maior frequência.

Compreende que o tratamento apresentado é uma forma de descrever uma realidade.

...

Recolha, organização e tratamento de dados para responder a questões que fazem sentido para as crianças

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Leva as crianças a colocarem questões que não têm uma resposta imediata (quantas crianças estiveram presentes ao longo desta semana, quantos rapazes e quantas raparigas existem na sala?, etc.).

Ajuda as crianças a definir o que querem descobrir e como querem recolher e organizar os dados, apoiando-as na recolha e organização da informação através de metodologias diversificadas (pictogramas, tabelas, etc.) e apropriadas ao tipo de dados e questões colocadas.

Disponibiliza materiais diversos (tampas, contas, pauzinhos, peças de lego, etc.) que facilitem a concretização e organização dos dados, conduzindo à sua representação através de formas mais elaboradas (gráficos, tabelas, etc.).

Apoia as crianças a “lerem” e interpretem os dados que recolheram e a compreenderem as diferentes frequências e a moda de cada distribuição.

Apoia as crianças a utilizarem os registos de dados elaborados para comunicarem a outros (família, outros grupos, jardim de infância, escola, etc.) as informações recolhidas e as conclusões a que chegaram.

...

Geometria e medida

No seu quotidiano, a criança contacta e experiencia inúmeras situações onde a [geometria e a medida](#) estão presentes e que poderão ser mobilizadas para o desenvolvimento de capacidades e conhecimentos matemáticos, permitindo assim que a criança se aperceba da utilidade da matemática no dia a dia.

Muitas situações de carácter geométrico estão associadas a questões de medida, por isso se relaciona geometria e medida. Embora estes saberes estejam integrados na mesma componente, são em seguida apresentados separadamente, de modo a facilitar a sua compreensão.

Geometria

A construção de noções matemáticas, em particular o que se designa por pensamento espacial, fundamenta-se na vivência do espaço e do tempo, tendo como ponto de partida as atividades espontâneas e lúdicas das crianças. É a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objetos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está “longe” e “perto”, “dentro”, “fora” e “entre”, “aberto” e “fechado”, “em cima” e “em baixo”. Esta exploração do espaço vai permitir-lhe ainda reconhecer e representar diferentes formas geométricas que progressivamente aprenderá a diferenciar, nomear e caracterizar.

A abordagem à geometria integra o apoio ao desenvolvimento do pensamento espacial, (orientação espacial e visualização espacial) e a análise e operações com formas.

A orientação espacial diz respeito ao conhecimento do local onde a criança está e como se movimenta no seu meio, isto é, envolve a compreensão das relações entre diferentes posições no espaço, primeiro em relação à sua posição e ao seu movimento, e depois numa perspetiva mais abstrata, que

inclui a representação e interpretação de mapas simples. Esta orientação implica, assim, especificar localizações e descrever relações espaciais.

As crianças começam por fixar localizações de objetos e por se lembrar das distâncias aproximadas (perto, longe) e da direção que têm de tomar relativamente a marcos importantes, aprendendo posteriormente a compreender as diferenças de perspetivas na observação dos objetos e a reconhecer o ponto de vista de outros nessa observação.

A visualização espacial é um processo que envolve a construção e a manipulação de imagens mentais de objetos a 2 ou 3 dimensões e permite construir representações visuais que são essenciais para a vida. Existem experiências importantes para as crianças irem progressivamente desenvolvendo as suas capacidades de visualização espacial, por exemplo ao descreverem características dos objetos, fazerem esquemas de construções antes de as realizarem, utilizarem mapas simples, etc.

As crianças são sensíveis à forma a partir do primeiro ano de vida, começando por distinguir formas diferentes. Mais tarde, apesar de diferenciarem um triângulo de um quadrado, não distinguem as suas propriedades. Este processo desenvolve-se a partir da observação e manipulação de objetos com diversas formas geométricas, de modo a que, progressivamente, as crianças analisem as características das formas geométricas, aprendendo depois a diferenciar, nomear e identificar as suas propriedades (mencionar os lados e vértices do triângulo). Um outro aspeto deste processo envolve operar com formas ou figuras geométricas, através de ações de deslizar, rodar, refletir (voltar) ou projetar, que estão relacionadas com a construção e reconhecimento de padrões, as quais contribuem para o desenvolvimento algébrico.

As crianças muitas vezes inventam naturalmente padrões quando estão a construir com legos ou a enfiar contas. A observação de azulejos, desenhos da calçada portuguesa, bem como a criação de ritmos musicais são também atividades que apelam à exploração de padrões e ao desenvolvimento do sentido estético. A diversidade de oportunidades de reconhecimento, duplicação e criação de padrões sequenciais simples, e a sua evolução gradual para padrões mais complexos são essenciais nas aprendizagens matemáticas.

Aprendizagens a promover

- *Localizar objetos num ambiente familiar, utilizando conceitos de orientação.*
- *Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples.*
- *Tomar o ponto de vista de outros, sendo capaz de dizer o que pode e não pode ser visto de uma determinada posição.*
- *Reconhecer e operar com formas geométricas e figuras, descobrindo e referindo propriedades e identificando padrões, simetrias e projeções.*

Visualização espacial

Analisar e operar com formas geométricas

Construção de padrões

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Numa roda com outras crianças, identifica posições relativas (Quem está “ao lado”, “em frente”, “atrás”, “dois lugares à direita”, “entre a Maria e o Manuel”, etc.).

Consegue seguir um percurso que lhe é descrito oralmente por outra criança ou pelo/a educador/a.

Representa e descreve percursos familiares, através de desenhos e recorrendo a representações de marcos importantes.

Ao jogar às escondidas, sabe escolher os lugares onde se deve esconder para não ser vista.

Reconhece formas geométricas (bi- e tridimensionais) presentes no seu quotidiano (nos objetos da sala, no recreio, em obras de arte, nas suas produções, etc.).

Imagina e descreve como se vê um objeto a partir de uma certa posição.

Amplia, reduz, roda, vê ao espelho formas e figuras e analisa as transformações resultantes nas posições, formas, tamanhos, etc.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Disponibiliza materiais diversificados que promovam manipulação e reflexão sobre as propriedades das formas, figuras e objetos: geoplano, blocos lógicos, espelhos, barras de madeira, tampas de frascos, paus, pedras, *puzzles*, etc.

Propõe experiências que possibilitam a identificação de objetos ou pessoas, reconhecendo algumas propriedades, através do tato (jogo da cabra cega, objetos escondidos num saco ou caixa, etc.).

Encoraja as crianças a utilizarem diferentes objetos para representarem o espaço da sala, partindo depois para representações simbólicas.

Leva as crianças a pensarem sobre o espaço colocando questões que envolvem direção (Qual o caminho?), distância (Fica muito longe?), localização (Onde?), identificação de pontos de referências (Que objetos encontras? O que vês de importante?).

Propõe atividades em que as crianças têm de interpretar uma imagem de um objeto, (desenho ou fotografia) sob vários pontos de vista, e identificar de onde foi desenhado ou fotografado.

Promove a utilização de espelhos para explorar e operar com formas ou figuras geométricas, de modo a encontrar simetrias e padrões.

Recorre a materiais diversos, para que as crianças possam identificar padrões (roupas, mosaicos, fotografias, quadros, etc.).

Promove o desenvolvimento de conceitos matemáticos a partir de construções a 2 ou a 3 dimensões, feitas com papel (papagaios, barcos, cadeias de bonecos, etc.) ou com outros materiais (madeiras, cartão, latas de bebidas, cordas, caixas, etc.).

...

Medida

Medir implica que, a partir das suas experiências e de situações propostas pelo/a educador/a (comparação das alturas das crianças, organização do espaço da sala, perceber o tamanho e o peso de diferentes objetos, brincar com água, etc.), as crianças comecem a identificar os atributos mensuráveis dos objetos. Posteriormente poderão selecionar uma unidade de medida (natural ou padronizada) para a comparar com o objeto e traduzir essa comparação através de um número. Inicialmente este processo baseia-se em comparar e ordenar diretamente os objetos (mais comprido, mais curto, de comprimento igual, mais pesado, mais leve, etc.) complexificando-se gradualmente com o recurso a unidades de medida não padronizadas (chávena, pé ou sapato, cabo da vassoura, etc.). Poderá, ainda, recorrer-se a unidades de medida padronizadas (pesar a farinha para um bolo, medir a temperatura ambiente num dia muito quente, medir a sua altura, etc.). Para o desenvolvimento do sentido de medida é importante facultar às crianças experiências e problemas reais de medida e que envolvam diferentes grandezas (comprimento, peso, capacidade, volume, tempo, temperatura, etc.). Estas experiências possibilitam que as crianças compreendam progressivamente a utilidade de instrumentos de medida e de medidas padronizadas, dado que estas também fazem parte do seu quotidiano.

Identificar atributos mensuráveis dos objetos

Aprendizagens a promover

- *Compreender que os objetos têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los.*
- *Escolher e usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Compara a altura, largura, comprimento de construções que fez (torres, comboios, casas, etc.), indicando algumas características de medida “maior que”, “mais pequeno que”, “mais estreito que”, “igual a”, etc.

Nas suas atividades e brincadeiras explora diversas formas alternativas para medir.

Compara o peso de objetos familiares (duas bonecas, duas peças de fruta, etc.) utilizando primeiro as mãos para sentir qual o mais pesado e depois uma balança de pratos para comprovar o que antecipou.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Coloca questões que levam as crianças a aperceberem-se da grandeza de determinada medida (comprimento, volume, peso, capacidade, etc.).

Ajuda as crianças a escolherem uma unidade de medida para comparar e ordenar objetos.

Introduz instrumentos padronizados de medida, relacionando-os com o seu uso no quotidiano, para que as crianças compreendam a sua utilidade.

...

Interesse e curiosidade pela matemática

Se a aquisição de capacidades matemáticas faz parte do desenvolvimento da criança, a aprendizagem da matemática assenta não só na apropriação de determinadas noções matemáticas, mas também no despertar de interesse e curiosidade que levem a criança a desejar saber mais e a compreender melhor. O/A educador/a tem um papel fundamental na criação desse interesse e curiosidade, ao chamar a atenção da criança para a presença da matemática no mundo que a rodeia, estimulando a formulação de problemas e questões, encorajando a descoberta de diversas estratégias de resolução e o debate em grupo.

Despertar na criança o desejo de saber mais e compreender melhor

Aprendizagens a promover

- *Mostrar interesse e curiosidade pela matemática, compreendendo a sua importância e utilidade.*
- *Sentir-se competente para lidar com noções matemáticas e resolver problemas.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Se envolve, por iniciativa própria, em situações onde utiliza conhecimentos e estratégias da matemática, evidenciando satisfação e prazer.

Aplica noções matemáticas já exploradas a outras situações ou faz perguntas sobre elas.

Procura encontrar estratégias próprias para resolver uma situação ou problema matemático.

Expressa as suas razões para interpretar uma dada situação ou para seguir uma determinada estratégia.

Não desiste de resolver um problema e, quando não consegue, procura uma nova abordagem.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Incentiva as crianças a colocarem ou a resolverem problemas com significado para elas.

Apoia o desenvolvimento da criatividade e autonomia das crianças, criando oportunidades para que inventem, expliquem e critiquem (individualmente ou em grupo) as estratégias que utilizaram para resolver uma situação ou problema matemáticos.

Desafia as crianças, propondo-lhes situações cada vez mais complexas e abstratas.

Ajuda as crianças a reconhecerem as relações entre diferentes aprendizagens matemáticas, de modo a que cada uma construa um conhecimento bem estruturado e coerente.

Dá *feedback* positivo, realçando esforço, soluções próprias e progressos.

...

Síntese

DOMÍNIO DA MATEMÁTICA	
Componentes	Aprendizagens a Promover
Números e Operações	<ul style="list-style-type: none">• Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc.).• Resolver problemas do quotidiano, que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração.
Organização e Tratamento de Dados	<ul style="list-style-type: none">• Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas (listagens, desenhos, etc.).• Utilizar gráficos e tabelas simples para organizar a informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas.
Geometria e Medida	<p>Geometria</p> <ul style="list-style-type: none">• Localizar objetos num ambiente familiar, utilizando conceitos de orientação.• Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples.• Tomar o ponto de vista de outros, sendo capaz de dizer o que pode e não pode ser visto de uma determinada posição.• Reconhecer e operar com formas geométricas e figuras, descobrindo e referindo propriedades e identificando padrões, simetrias e projeções. <p>Medida</p> <ul style="list-style-type: none">• Compreender que os objetos têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los.• Escolher e usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano.
Interesse e Curiosidade pela matemática	<ul style="list-style-type: none">• Mostrar interesse e curiosidade pela matemática, compreendendo a sua importância e utilidade.• Sentir-se competente para lidar com noções matemáticas e resolver problemas.
Sugestões de reflexão	
<p>Quais os espaços, áreas da sala e materiais que as crianças podem usar ou consultar autonomamente para explorarem noções matemáticas? Como apoia a exploração desses materiais para desafiar as crianças a colocarem questões e a inventarem problemas matemáticos e descobrirem estratégias de resolução?</p> <p>De que modo leva as crianças a comunicarem o seu pensamento matemático e a debaterem em pequenos grupos as suas ideias e a forma como resolveram os problemas propostos por elas ou pelo/a educador/a?</p> <p>Ao organizar a sala, teve a intenção de prever espaços e materiais que promovam as diferentes componentes da aprendizagem matemática (desenvolvimento do sentido do número, operar com formas e figuras geométricas, construir padrões, explorar os atributos mensuráveis dos objetos)? O que alteraria ou manteria, de modo a contemplar estas componentes da aprendizagem matemática?</p> <p>Tira proveito do espaço exterior (recreio, jardins, visitas de estudo, etc.) e das vivências das crianças para desenvolver o pensamento espacial: pontos de reconhecimento de locais; observar o que pode e não pode ser visto de uma determinada posição; representar percursos; leitura e construção de mapas e plantas, etc.?</p> <p>Pense em propostas que tenha desenvolvido com as crianças com intenção de trabalhar a matemática. Quais considera que contribuíram para promover o interesse e a curiosidade das crianças? Quais considera que não foram tão bem sucedidas e porquê?</p> <p>...</p>	

3. Área do Conhecimento do Mundo

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos, instrumentos e máquinas do seu quotidiano.

A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, e pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender.

Encara-se a Área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às diversas ciências naturais e sociais, considerando-a como uma área integradora, não só porque as diferentes ciências serão abordadas de modo articulado, mas também porque permite mobilizar aprendizagens de todas as outras áreas. Assim, para estruturar e representar a sua compreensão do mundo, as crianças irão recorrer a diferentes meios de expressão e comunicação (linguagem oral e escrita, matemática e linguagens artísticas).

A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social.

As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais. Nestas suas explorações vão percebendo a interdependência entre as pessoas, e entre estas e o ambiente. Assim, vão compreendendo a sua posição e papel no mundo e como as suas ações podem provocar mudanças neste. Uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a [consciência ambiental](#).

A abordagem do Conhecimento do Mundo parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem. A exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes. De facto, hoje em dia, as crianças contactam com instrumentos e técnicas complexos e têm acesso, através dos *media* e das tecnologias digitais, a saberes sobre realidades mais distantes, que também fazem parte do seu mundo, e, de que, gradualmente, se vão apercebendo e apropriando. Por isso se incluem nesta área as ferramentas ligadas às tecnologias e meios de comunicação e informação.

Sendo a finalidade essencial da área do Conhecimento do Mundo lançar as bases da estruturação do pensamento científico, que será posteriormente mais aprofundado e alargado, importa que haja sempre uma preocupação

Sensibilização às ciências naturais e sociais

Abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo

Partir do que as crianças já sabem e aprenderam

de rigor, quer ao nível dos processos desenvolvidos, quer dos conceitos apresentados, quaisquer que sejam os aspetos abordados e o seu nível de aprofundamento. É essencial que se vá construindo uma atitude de pesquisa, centrada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir numa perspetiva crítica e de partilha do saber.

Esta compreensão e relação com o mundo levam a considerar três grandes componentes organizadoras das aprendizagens a promover na área do Conhecimento do Mundo:

- Introdução à metodologia científica
- Abordagem às Ciências
- Mundo tecnológico e utilização das tecnologias

Introdução à metodologia científica

A introdução à metodologia própria das ciências parte dos interesses das crianças e dos seus saberes, que o/a educador/a alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, definir o problema, para decidir o que se quer saber e procurar a solução constitui a base do método científico. O desenvolvimento da área do Conhecimento do Mundo assenta no contacto com a metodologia própria das ciências para fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental. Esta atitude significa seguir o processo de descoberta fundamentada que caracteriza a investigação científica.

Assim, a partir de uma situação ou problema, as crianças terão oportunidade de propor explicações, de desenvolver conjeturas e de confrontar entre si as suas “teorias” e perspetivas sobre a realidade. A partir de uma melhor definição do problema decide-se se é necessário verificar esses conhecimentos e/ou recolher mais informações e como o fazer. Importa depois verificar as “hipóteses” elaboradas, através de procedimentos que podem ser diversos, consoante a situação (experiência, observação, recolha de informação). A organização destes dados implica a necessidade de usar formas de registo que permitam classificá-los e ordená-los e, eventualmente, quantificá-los, através de desenhos, gráficos, medições, etc. A sistematização do conhecimento obtido pode também exigir a consulta de mais informação, de modo a enquadrá-lo e a precisar conceitos mais rigorosos e científicos que tiveram como base a partilha e o questionamento das explicações das crianças. Todo este processo conduzirá, muito provavelmente, ao levantar de novas questões que determinam novos aprofundamentos.

O apoio do/a educador/a à organização e sistematização das etapas deste processo permite à criança apropriar-se progressivamente da metodologia científica, compreender a necessidade de construir conceitos mais rigorosos e adotar uma atitude de pesquisa na sua procura de compreensão do mundo.

Aprendizagem a promover

- *Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las.*

Esta aprendizagem pode ser observada por exemplo, quando a criança...

Demonstra curiosidade e interesse pelo que a rodeia, colocando questões que evidenciam o seu desejo de saber mais.

Encontra explicações provisórias para dar resposta às questões colocadas.

Participa com interesse no planeamento e implementação da metodologia que caracteriza o processo de descoberta da investigação científica (observar, comparar, pesquisar, experimentar, registar, tirar conclusões).

Participa na organização e apresentação da informação, de modo a partilhar com outros (colegas da sala, outras crianças e/ou adultos) os conhecimentos, resultados e conclusões a que chegou.

Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos conhecimentos que adquiriu.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo de forma a estimular a curiosidade da criança:

Disponibiliza diferentes fontes e meios para apoiar o processo de descoberta, tais como: materiais de consulta (livros, jornais, vídeos, fotografias, internet, etc.), o envolvimento de familiares das crianças, de pessoas da comunidade e de especialistas, etc.

Facilita o acesso a diversos materiais para o registo dos processos e resultados das suas explorações (cadernos, tabelas, marcadores, máquina fotográfica, gravador, etc.).

Cria uma área das ciências com materiais diversos que incentivem as explorações e a experimentação:

materiais naturais - pedras, folhas, madeiras, conchas, plantas, etc.

materiais habituais na vida corrente - recipientes, colheres, copos, etc.

materiais mais específicos dos contextos ligados às ciências - ímanes, lupas, binóculos, microscópios, etc.

Está atento/a e valoriza as explorações das crianças, os seus interesses e descobertas e usa-os como ponto de partida para o processo de desenvolvimento de novos conhecimentos.

Incentiva a curiosidade das crianças, colocando perguntas que as levam a pensar, a interrogar-se e a querer saber mais (Repararam que...? Como podemos descobrir? Haverá outra forma de fazer? De que precisamos? O que irá acontecer se...? Por que razão achas que isto acontece? etc.).

Promove a interação e o trabalho colaborativo no grupo, de modo a que as crianças aprendam umas com as outras ao confrontarem perspetivas, procedimentos e saberes.

Apoia as crianças na realização de experiências e no desenvolvimento de projetos de pesquisa (na recolha de informação e na sua sistematização e comunicação).

É rigoroso/a tanto na referência aos conceitos científicos como na utilização de vocabulário específico das ciências.

Apoia as crianças na identificação e utilização dos instrumentos e recursos necessários às experiências que desenvolvem (uso do microscópio, termómetro, balança, pinças, etc.).

...

Abordagem às ciências

A introdução às diferentes ciências inclui, para além do alargamento e desenvolvimento de saberes da criança proporcionados pelo contexto de educação pré-escolar e pelo meio social e físico em que esta vive, a abordagem de aspetos científicos que ultrapassam as suas vivências imediatas.

Na multiplicidade de domínios científicos que podem ser tratados e na diversidade de aprendizagens que podem proporcionar, importa que o/a educador/a esteja atento aos interesses das crianças e às suas descobertas para escolher criteriosamente quais as questões a desenvolver, interrogando-se sobre o seu sentido para a criança, a sua pertinência, as suas potencialidades educativas e a sua articulação com os outros saberes.

Na abordagem às ciências podem explorar-se saberes relacionados, tanto com a construção da identidade da criança e o conhecimento do meio social em que vive, como relativos ao meio físico e natural. Embora existam articulações entre estes saberes, eles serão em seguida apresentados separadamente, de modo a facilitar a sua contextualização.

Conhecimento do mundo social

Existe um conjunto de conhecimentos relativos ao meio social e cultural que a criança vai adquirindo nos seus contextos sociais imediatos (família e jardim de infância) e no ambiente da sua comunidade. Estes saberes facilitam uma progressiva consciência de si, do seu papel social e das relações com os outros e uma melhor compreensão dos espaços e tempos que lhe são familiares, permitindo-lhe situar-se em espaços e tempos mais alargados.

Na educação pré-escolar podem explorar-se aspetos relacionados com o conhecimento de si (características físicas, nome, idade) e com os seus contextos mais próximos (família, escola, comunidade próxima). Neste âmbito incluem-se saberes que permitem a identificação e apropriação de conhecimentos sobre os membros da sua família (grau de parentesco, origens, ocupação, profissões, etc.). Também é importante o desenvolvimento de conhecimentos sobre o contexto escolar, não só no que se refere às características do espaço físico, mas também aos membros que o integram, os seus papéis e inter-relações. Podem ainda ser incluídas as características físicas, culturais e sociais, da comunidade, tanto em termos mais restritos (rua, bairro, localidade), como em termos mais alargados (outras zonas do país, outros países).

A abordagem a estes aspetos deve ser feita numa perspetiva global, considerando não só o momento presente, como também o passado próximo ou distante, promovendo-se na criança a compreensão gradual da sua situação no espaço e no tempo sociais. A consciencialização das rotinas, dos diferentes momentos que se sucedem ao longo do dia, a elaboração e uso de horários e calendários são importantes para a compreensão de unidades básicas do tempo. É através destas vivências que a criança toma consciência do desenrolar do tempo: o antes e o depois, a sequência semanal, mensal e anual e ainda o tempo marcado pelo relógio.

Escolher criteriosamente as questões a desenvolver

Consciência de si, do seu papel social e das relações com os outros

Conhecimento dos seus contextos mais próximos

Compreensão do espaço e do tempo sociais

Neste processo, há também que mobilizar intencionalmente estratégias que permitam à criança distinguir o presente do passado e prever o que vai fazer num futuro mais ou menos próximo, levando-a a compreender as semelhanças e as diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos de vida dos pais, dos avós e outros mais distantes. O desenvolvimento contextualizado e articulado destes saberes permitirá à criança conhecer as características da sua e de outras comunidades, os seus hábitos, costumes, tradições e elementos do património cultural, facilitando o desenvolvimento de atitudes de respeito e compreensão face à diversidade.

Aprendizagens a promover

- *Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (ex. família, jardim de infância, amigos, vizinhança).*
- *Reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual, compreendendo a influência que têm na sua vida.*
- *Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades.*
- *Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais.*
- *Conhecer e respeitar a diversidade cultural.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Sabe o seu nome completo e idade, onde vive, a sua nacionalidade e é capaz de se descrever, indicando algumas das suas características individuais.

Utiliza termos como dia, noite, manhã, tarde, semana, mês, nas suas narrativas e diálogos.

Identifica os membros da família próxima e fala sobre os graus de parentesco.

Identifica diferentes elementos da comunidade educativa, percebendo os seus papéis específicos.

Refere e identifica a atividade associada a algumas profissões com que contacta no dia a dia (de pais, de familiares, da comunidade).

Associa rotinas a determinados momentos ou alturas do dia.

Nomeia e descreve aspetos físicos característicos da sua comunidade tais como ruas, pontes, transportes, edifícios.

Identifica algumas manifestações do património cultural do seu meio e de outros meios como, por exemplo, tradições, arquitetura, festividades.

Revela interesse em saber as semelhanças e diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos de vida dos pais e avós.

Compreende e aceita a diversidade de hábitos, vestuário, alimentação, religiões, etc. caraterísticos de diferentes realidades culturais.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo de forma a incentivar o conhecimento das crianças sobre elas próprias e sobre o meio social envolvente.

Envolve as crianças e as famílias na recolha de materiais que reflitam a sua diversidade cultural e mudanças ao longo do tempo (roupas, fotografias, utensílios, artefactos, alimentos, etc.).

Disponibiliza livros, imagens, filmes, materiais e atividades representativos da diversidade cultural e étnica (artes visuais, música, literatura, dança, teatro), e de paisagens, hábitos e costumes de outras regiões e culturas.

Organiza a rotina diária, de modo a facilitar a compreensão e apropriação gradual de unidades básicas do tempo.

Envolve as crianças em conversas individuais ou em pequeno grupo, levando-as a comparar as semelhanças e diferenças entre elas (tons do cabelo, dos olhos e da pele, interesses, preferências, etc.).

Leva as crianças a compreenderem as semelhanças e diferenças entre meios diversos e ao longo do tempo (semelhanças e diferenças de habitação nas cidades e aldeias atuais, na maneira de vestir agora e no passado, etc.), podendo ainda imaginar como poderá ser no futuro.

Valoriza a família de cada criança, convidando as famílias a partilharem os seus hábitos, atividades, tradições, saberes, etc.

Estabelece relações com a comunidade envolvente, facilitando o conhecimento das crianças sobre o meio próximo (bairro, localidade).

Conversa com as crianças sobre os elementos do património cultural (local ou mundial) com que contactam, debatendo formas de o preservar e como o podem fazer.

...

Conhecimento do mundo físico e natural

O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem. Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais.

Alguns conteúdos relativos à biologia, (conhecimento dos órgãos do corpo, dos animais, do seu *habitat* e costumes, de plantas, etc.) e ainda à física e à química (luz, ar, água, etc.) podem originar [experiências](#) a realizar por crianças em idade pré-escolar, permitindo a aquisição de um conjunto de saberes nesta área. Alguns destes conhecimentos articulam-se diretamente com questões ligadas à saúde e segurança (práticas de [segurança rodoviária](#), de higiene corporal, de [alimentação, de exercício físico](#)) que conduzem a uma sensibilização das crianças para os cuidados com a saúde e com o corpo e para a [prevenção de acidentes](#).

Os conhecimentos de meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspetos que interessam às crianças e que podem ter um tratamento mais aprofundado, para além da sua observação e registo. Neste sentido, também as aprendizagens podem ampliar-se e diversificar-se, para além do meio imediato, tanto em geografia (o planeta Terra, algumas noções do sistema

solar e da influência do sol na vida da terra, os rios, os mares, os acidentes orográficos, etc.), como em geologia (comparação e coleção de rochas, observação das suas propriedades). Tendo em conta o contexto e os interesses das crianças, poderá ainda ser explorada a noção de energia e a diferença entre fontes de [energia renovável e não renovável](#).

Aprendizagens a promover

- *Compreender e identificar as características distintivas dos seres vivos e reconhecer diferenças e semelhanças entre animais e plantas.*
- *Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles.*
- *Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural.*
- *Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança.*
- *Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Reconhece e identifica partes do corpo e alguns órgãos, incluindo órgãos dos sentidos, e compreende as suas funções.

Usa e justifica algumas razões de práticas promotoras da saúde e segurança (lavar as mãos antes das refeições, evitar o consumo excessivo de doces e refrigerantes, atravessar nas passadeiras, etc.).

Se reconhece como ser vivo com características e necessidades semelhantes às dos outros seres vivos (crescimento, nutrição, abrigo, etc.).

Conhece diferentes animais, diferenciando-os pelas suas características e modos de vida (domésticos/selvagens, aves/peixes, etc.).

Mostra curiosidade e procura uma explicação para fenómenos atmosféricos que observa (chuva, vento, nuvens, trovoadas, etc.).

Antecipa e expressa as suas ideias sobre o que pensa que vai acontecer numa situação que observa ou experiencia e procura explicações sobre os resultados (mistura de água com areia, com açúcar, com azeite; objetos que flutuam e não flutuam; efeitos de luz e sombra, atração por um íman; gelo que derrete, mistura de cores, etc.).

Antecipa e expressa as suas ideias sobre o que acontece, quando determinadas forças atuam sobre os seres vivos e os objetos em situações que observa ou experiencia (o que acontece quando um ser vivo ou objeto é puxado ou empurrado com mais ou menos força; o que sucede quando os objetos em movimento chocam; o que acontece num balancé quando objetos do mesmo peso são colocados em diferentes posições dos braços).

Partilha as suas ideias sobre como se processam algumas transformações naturais (a queda das folhas das árvores, o vento, a sucessão dia/noite, etc.).

Demonstra, no quotidiano, preocupações com o meio ambiente (apanhar lixo do chão, fechar as torneiras, apagar as luzes, etc.).

Desfruta e aprecia os espaços verdes e o contacto com a natureza.

...

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo de forma a estimular e apoiar a curiosidade das crianças nas suas tentativas de compreenderem o meio físico e natural:

Disponibiliza e envolve as crianças e as famílias na recolha de materiais naturais (sementes de frutos, de cereais e outras plantas, rochas diversas, etc.) e outros materiais (metais, plásticos, papéis, etc.).

Disponibiliza livros, mapas, imagens, filmes, documentos diversos para consulta (enciclopédias, livros sobre ciência, informação da internet, fotografias, etc.).

Mobiliza as famílias e outros elementos da comunidade (outros professores, alunos mais velhos, especialistas) na recolha de informação e no processo de descoberta.

Utiliza situações do quotidiano para questionar e promover a reflexão e interpretação das crianças sobre os fenómenos do meio físico e natural (a planta da sala que murchou, o 'bicho-de-conta' que uma criança traz, a queda de granizo, etc.).

Apoia as crianças no processo de realização de experiências significativas, nas suas observações, registos e conclusões.

Cria oportunidades frequentes e diversificadas de contacto das crianças com a natureza, levando-as a observá-la, a conhecê-la e a apreciá-la.

No dia a dia, incentiva comportamentos e hábitos saudáveis (comer vegetais, fazer exercício físico, não mexer nem ingerir produtos que não conhece, etc.).

Promove a participação e responsabilidade das crianças no cuidado e proteção de seres vivos dentro e fora da escola (cuidar de plantas, de animais ou da horta na escola; cuidado com ninhos, plantas e animais nos jardins, parques e espaços verdes fora da escola).

Facilita a discussão e reflexão sobre os efeitos favoráveis e desfavoráveis da ação humana sobre o ambiente.

...

Mundo tecnológico e utilização das tecnologias

Os recursos tecnológicos fazem hoje parte da vida de todas as crianças, tanto em momentos de lazer (brinquedos tecnológicos, computadores, *tablets*, *smartphones*, televisão, etc.), como no seu quotidiano (batedeira elétrica, aquecedor, secador de cabelo, códigos de barras, lanternas, etc.).

Estes recursos são muitas vezes integrados no jogo simbólico, em que a criança faz de conta que fala ao telefone ou ao telemóvel, utiliza um objeto para fazer de caixa registadora numa situação de supermercado, ou para fingir que tira fotocópias. A observação destas situações permite ao/a educador/a compreender o papel das tecnologias na vida da criança, e partir do que esta sabe para alargar o seu conhecimento e apoiar formas de o utilizar. O acesso ao computador no jardim de infância, ou noutra local da comunidade, é um meio privilegiado na recolha de informação, na comunicação, na organização, no tratamento de dados, etc. Assim, possibilita aprendizagens, não só no âmbito do conhecimento do mundo, como também nas linguagens artísticas, na linguagem escrita, na matemática, etc.

A importância dos meios tecnológicos e informáticos no conhecimento do mundo, próximo e distante, e no contacto com outros valores e culturas faz com que a sua utilização no jardim de infância seja considerada como um recurso de aprendizagem. Deste modo, contribui-se também para uma maior igualdade de oportunidades, uma vez que o acesso das crianças a estes meios poderá ser muito diverso.

Sabendo que as tecnologias exercem uma forte atração sobre as crianças e desempenham um papel importante na sua vida diária, importa que estas, desde cedo, sejam apoiadas a fazer uma “leitura crítica” dessa influência, a compreender as suas potencialidades e riscos e a saber defender-se deles. [A educação para os media](#) acompanha a utilização dos meios tecnológicos e informáticos como ferramentas de aprendizagem, havendo assim uma articulação com outras áreas de conteúdo.

A compreensão dos meios tecnológicos implica que a criança não seja apenas consumidora (consultar, ver filmes, etc.), mas também produtora (fotografar, registar, etc.), alargando, deste modo, os seus conhecimentos e perspetivas sobre a realidade.

Aprendizagens a promover

- *Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens.*
- *Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano, com cuidado e segurança.*
- *Desenvolver uma atitude crítica perante as tecnologias que conhece e utiliza.*

Estas aprendizagens podem ser observadas, por exemplo, quando a criança...

Fala sobre recursos tecnológicos existentes no seu meio, revelando algum conhecimento sobre a sua utilidade (semáforos, máquinas de lavar roupa e loiça, binóculos, cinema, câmara de vídeo, etc.).

Usa vários recursos tecnológicos para recolher informação, comunicar, produzir diferentes tipos de trabalhos e organizar informação que recolheu (computador, máquina fotográfica, vídeo, etc.).

Conhece e respeita algumas normas de segurança na utilização da internet.

Respeita as regras de segurança quer na utilização de recursos tecnológicos (máquina fotográfica, aparelhos de música, etc.) quer perante outros recursos (aquecedor, tomadas elétricas, etc.).

Imagina e cria, a duas ou três dimensões, ‘máquinas’, *robots* ou instrumentos com uma finalidade específica.

...

Apoiar a criança na compreensão das potencialidades e riscos das tecnologias

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo:

Organiza o ambiente educativo, de forma a promover o conhecimento e uso de recursos tecnológicos:

Disponibiliza diferentes suportes tecnológicos para serem utilizados em projetos e atividades no quotidiano do jardim de infância.

Proporciona oportunidades para o uso de tecnologias diversas na abordagem e exploração das diferentes áreas de conteúdo com o envolvimento das famílias.

Utiliza recursos tecnológicos existentes na comunidade envolvente.

Encoraja as crianças a observar, a falar sobre e a compreender a utilidade de diferentes recursos tecnológicos presentes no seu meio envolvente (semáforos, códigos de barras, iluminação das ruas, painéis informativos, etc.).

Conversa com as crianças sobre os seus programas de TV e “heróis” favoritos, favorecendo o debate entre diferentes opiniões, e acerca do que é real, imaginário ou manipulado.

Encoraja as crianças a dialogarem acerca dos cuidados e das normas no uso de recursos tecnológicos.

Apoia as crianças na utilização do computador e na exploração das suas diferentes potencialidades.

Apoia as crianças a planearem e construírem máquinas, *robots*, instrumentos, que sejam réplicas dos existentes ou imaginados por elas (balança, telefone de fios, “máquina do tempo para crescer”, etc.).

...

Síntese

ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO	
Componentes	Aprendizagens a Promover
Introdução à Metodologia Científica	<ul style="list-style-type: none"> • Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las.
Abordagem às Ciências	<p>Conhecimento do mundo social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (ex. família, jardim de infância, amigos, vizinhança). • Reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual, compreendendo a influência que têm na sua vida. • Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades. • Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais. • Conhecer e respeitar a diversidade cultural. <p>Conhecimento do mundo físico e natural</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender e identificar as características distintivas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas. • Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles. • Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. • Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança. • Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.
Mundo tecnológico e Utilização das Tecnologias	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens. • Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano, com cuidado e segurança. • Desenvolver uma atitude crítica perante as tecnologias que conhece e utiliza.
<p>Sugestões de reflexão</p> <p>Incentiva as crianças a interrogarem-se sobre o mundo que as rodeia? Como seleciona as questões que coloca para desenvolver processos de descoberta?</p> <p>Valoriza a troca de opiniões, propostas de explicação e sugestões entre crianças, ajudando-as a clarificar e planejar o que pretendem saber e como? Como encoraja o seu processo de descoberta e construção do conhecimento?</p> <p>Apoia as crianças a utilizarem diferentes formas de registo nos seus processos de descoberta (escrita, fotografia, gráficos, etc.)? Quais as funções desses registos? Qual a participação das crianças na sua recolha e análise? Quais as aprendizagens desenvolvidas?</p> <p>Avalia com as crianças o que aprenderam? Facilita a comunicação dessa aprendizagem ao grupo, a outras crianças e/ou adultos? Como?</p> <p>Explora com as crianças a comunidade envolvente (próxima e mais distante), de modo a promover a compreensão da realidade e a construção de uma identidade pessoal e social? Reflita sobre as últimas situações em que isso ocorreu e pense noutras possibilidades.</p> <p>Aproveita situações que ocorrem tanto no jardim de infância como na comunidade para promover o conhecimento e o desenvolvimento de atitudes e comportamentos de respeito e proteção pelo meio natural e o património cultural envolventes?</p> <p>Conhece e utiliza os recursos tecnológicos que poderão estar acessíveis na comunidade envolvente ao jardim de infância (biblioteca, junta de freguesia, associação recreativa, etc.)? Faz uso deles com as crianças e alerta as famílias sobre a sua existência e potencialidades?</p> <p>A utilização das tecnologias é feita de modo diversificado pelas crianças da sua sala? Pense nas funções mais frequentes para que são usadas e na sua diversidade (recolha de informação, registo, comunicação, ferramenta, etc.).</p> <p>...</p>	

CONTINUIDADE EDUCATIVA E TRANSIÇÕES

As transições constituem mudanças dos ambientes sociais imediatos de vida, que determinam ajustamentos no comportamento, pois correspondem a papéis, interações, relações e atividades diferentes. Há transições que fazem parte da nossa vida quotidiana e as crianças que frequentam uma instituição educativa experienciam diariamente, pelo menos, a transição do ambiente familiar para o contexto da organização educativa (o acolhimento diário das crianças marca e facilita essa transição), mas também outras, como a transição para a Animação e Apoio à Família. Estas são designadas “transições horizontais”.

Mas há outras transições, socialmente construídas e estabelecidas pelos sistemas educativos, ditas “verticais”, em que a idade da criança vai originar a sua passagem para uma nova etapa e, muitas vezes, para outro estabelecimento educativo.

São essas as transições que particularmente preocupam docentes e pais, que se interrogam como a criança irá lidar com a nova situação. Importa dar uma especial atenção à criança nesses momentos, transmitindo-lhe uma visão positiva dessa passagem, como uma oportunidade de crescer, de realizar novas aprendizagens, de conhecer outras pessoas e contextos, de iniciar um novo ciclo, de forma a sentir confiança nas suas capacidades para dar resposta aos desafios que se lhe colocam.

Este apoio é tanto mais importante porque o modo como a criança vive as primeiras transições (do ambiente familiar para a creche e/ou para o jardim de infância e deste para o 1.º ciclo) pode influenciar a sua atitude perante futuras transições. Para que as transições possam ser vividas positivamente, importa que se inscrevam na evolução do processo educativo de cada criança, sendo indispensável um equilíbrio entre as mudanças inevitavelmente introduzidas e a [continuidade das aprendizagens](#), de modo a que a nova etapa se construa a partir do que a criança sabe e é capaz de fazer.

Porém, apoiar a transição e assegurar a continuidade não significa antecipar as aprendizagens a realizar na fase seguinte. Por exemplo, no caso da educação de infância, não se trata de adotar na creche, com as crianças mais velhas, práticas mais adequadas ao jardim de infância (tais como, tempos longos em grande grupo), nem de começar a fazer no jardim de infância atividades consideradas como características do 1.º ciclo. Trata-se antes de proporcionar, em cada fase, as experiências e oportunidades de aprendizagem que permitam à criança desenvolver as suas potencialidades, fortalecer a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrolo, criando condições favoráveis para que tenha sucesso na etapa seguinte.

O percurso das crianças na educação pré-escolar situa-se entre duas transições: o seu início corresponde a uma transição do meio familiar, ou da creche, para o jardim de infância, e o seu final a uma transição para a escolaridade obrigatória.

Transições horizontais

Transições verticais

Transição e continuidade do processo de aprendizagem

Transição para a Educação Pré-Escolar

Ao entrarem para a educação pré-escolar, as crianças já viveram um processo educativo na família, numa creche ou ama, a que o jardim de infância dará continuidade. No caso de terem frequentado a creche, as crianças podem continuar no jardim de infância da mesma instituição ou mudar para outra. A criança pode também iniciar a educação pré-escolar com 3, 4 ou mesmo 5 anos.

Com diferentes percursos, origens sociais e culturais e com características individuais próprias, as crianças transitam para a educação pré-escolar em condições muito diversas. Os comportamentos de cada criança, quando em presença de um meio relativamente novo e de adultos que, muitas vezes, não conhece, são variáveis e dificilmente previsíveis. Esta transição merece uma atenção muito especial por parte do/a educador/a e um planeamento cuidadoso, de acordo com a situação das crianças e do grupo, tendo em conta que a chamada “adaptação” da criança, ou seja, a sua inserção na instituição e no grupo, exige, sobretudo, que o ambiente educativo se adapte às suas necessidades e características.

A título de exemplo, indicam-se algumas estratégias que podem ser facilitadoras da transição da família ou da creche para o jardim de infância:

A participação dos pais/famílias – a comunicação estabelecida com cada família, antes de a criança começar a frequentar a educação pré-escolar, favorece a sua integração, uma vez que a perceção dessa relação entre adultos é securizante para a criança. Permite ainda debater com os pais formas de proceder, beneficiando das suas sugestões e garantindo o seu apoio, no caso de se verificarem algumas dificuldades.

O contacto prévio com os pais/famílias permite, ainda, recolher informações sobre o ambiente familiar e o contexto social de vida de cada criança, que são úteis para que o/a educador/a preveja como a receber e acolher de forma individualizada.

Estes primeiros contactos são, ainda, importantes para esclarecer e compreender as preocupações dos pais/famílias, visto que também eles podem sofrer com a separação da criança, e permitir-lhes criar maior confiança num contexto de educação pré-escolar, que ainda não conhecem. Uma confiança que pode ser favorecida pela visita às instalações, pela comunicação das intenções e propostas educativas do/a educador/a, e pela possibilidade de um familiar estar presente, nos primeiros dias, durante mais ou menos tempo, de acordo com as suas possibilidades.

O contacto coletivo, numa reunião com os pais/famílias cujos filhos/as vão ingressar no jardim de infância, permite também que, em grupo, coloquem as suas interrogações e esclareçam as suas dúvidas e inquietações. Facilita igualmente uma relação entre pais/famílias, para que se possam apoiar mutuamente nesse momento. O contacto com os pais/famílias cujos filhos/as já frequentaram o jardim de infância poderá também contribuir para reforçar a sua confiança e para se sentirem mais à vontade.

Ambiente educativo que se adapta às características das crianças

Comunicação com cada família para preparar a entrada da criança

Trata-se de iniciar uma relação de parceria, individual e coletiva, com as famílias, que constituirá a base de uma comunicação e colaboração a serem continuadas e aprofundadas, ao longo do tempo que a criança frequenta o estabelecimento de educação pré-escolar.

Contacto com outros educadores que intervieram na educação das crianças – no caso de a criança ter frequentado a creche ou ama, torna-se importante o contacto com quem a acompanhou para conhecer o trabalho desenvolvido e o seu percurso educativo. Também outros adultos, que tiveram anteriormente um papel relevante na sua educação (avós ou outros), podem dar o seu contributo, no sentido de conhecer melhor a criança e as suas características individuais, facilitando o seu acolhimento.

Planeamento do acolhimento ao nível do estabelecimento e da equipa educativa de sala – é ainda importante que as decisões sobre as melhores formas de estabelecer a relação com as famílias e de receber as crianças sejam refletidas e pensadas ao nível do estabelecimento e da equipa de cada sala, de forma a encontrar estratégias comuns e facilitadoras desse acolhimento. Neste início haverá ainda um especial cuidado em:

- *Observar os comportamentos de cada criança* – Estar atento/a a sinais de ansiedade da criança para a confortar, explicar a rotina diária de modo a que perceba como se processa e qual o momento em que a vêm buscar, deixar que possa ter consigo ou por perto objetos familiares (um brinquedo trazido de casa, objeto construído pelos familiares) são aspetos que podem facilitar essa integração. A estreita colaboração entre todos os adultos que intervêm diretamente no processo (educador/a, assistente operacional/auxiliar da sala, animador/a) é essencial, pois todos estes intervenientes desempenham um papel importante nesse momento decisivo.

Trata-se de encontrar os meios para que cada criança se sinta mais segura e aceite, mas também de observar e registar como a criança interage com as outras crianças e adultos, que materiais prefere e como os utiliza. Registar e documentar esse processo é fundamental para o/a educador/a planear a sua ação e compreender como a criança se integra no grupo.

Poderá ainda haver outras estratégias que facilitem esta transição, como por exemplo:

- *Prever uma entrada faseada e /ou progressiva* - de modo a que a entrada de novas crianças não se faça em bloco, mas se prolongue por alguns dias, para poder dar uma atenção mais individualizada às que entram de novo, ou permitir que a criança nos primeiros dias esteja apenas algumas horas.
- *Pedir a colaboração das crianças mais velhas ou que já frequentaram o jardim de infância no ano anterior* – planear em conjunto como receber os que chegam constitui uma situação de aprendizagem social de que os “novos” e os “antigos” podem beneficiar.

A diversidade de situações e a variedade de reações das crianças na transição para a educação pré-escolar exigem, assim, uma grande atenção,

flexibilidade e sensibilidade por parte do/a educador/a, e uma participação de todo o estabelecimento e das famílias, para encontrar as respostas mais adequadas.

Transição para a Escolaridade Obrigatória

Ao transitar para o 1.º ciclo, a situação e percurso das crianças que transitam podem ser muito diversos. Para além das suas características próprias e do ambiente familiar, umas terão passado pela creche e outras não. Algumas terão frequentado o jardim de infância só um ano, mas outras, dois ou três. Esta transição pode, ainda, corresponder ou não a uma mudança de instituição educativa, sendo que há instituições particulares com diversos níveis educativos e que os jardins de infância públicos se integram em Agrupamentos de Escolas.

Finalmente, haverá crianças que terão 6 anos feitos há alguns meses e outras que ainda não os terão completado. A situação das crianças mais novas, cujo ingresso no 1.º ciclo não está assegurado, terá que ser analisada com cuidado, e debatida com os pais/famílias. A existência de grupos heterogêneos, quanto à idade, facilita esta decisão, dado que famílias e crianças não são pressionadas pela situação de todo o grupo passar para o 1.º ciclo.

Tendo em conta esta diversidade, apresentam-se alguns exemplos de estratégias que poderão facilitar a transição das crianças para o 1.º ciclo, e que, tendo semelhanças com as indicadas na transição para a educação pré-escolar, têm também especificidades, decorrentes não só da diferença de idade das crianças, mas também do facto de um dos obstáculos a essa transição, apontado por vários estudos, consistir no desconhecimento mútuo entre estas duas etapas do sistema educativo. Tal como acontece na entrada para a educação pré-escolar, a passagem para o 1.º ciclo exige uma participação dos diferentes intervenientes no processo:

Articulação entre docentes

- *Acordar os procedimentos de transição na equipa de educadores/as do mesmo estabelecimento* – embora seguindo as Orientações para a Educação Pré-Escolar, nem todos os/as educadores/as concebem do mesmo modo o seu papel na transição. Importa, por isso, que no processo de avaliação e reflexão que acompanha as suas práticas, a equipa de educadores/as do estabelecimento ou do departamento de educação pré-escolar debata em conjunto o que é fundamental para facilitar a transição (decidir, por exemplo, qual e como vai ser transmitida a pais e professores a informação sobre a aprendizagem realizada por cada criança, ou como assegurar apoio, ou garantir a sua continuidade, para crianças e famílias que necessitam).

Se as crianças permanecerem no mesmo estabelecimento ou Agrupamento, este entendimento entre educadores facilita a comunicação com os professores do 1.º ciclo, mas se as crianças transitarem para diversas instituições será também de prever como se poderá realizar essa articulação. Em qualquer dos casos, o/a

Refletir em equipa de estabelecimento/agrupamento as estratégias facilitadoras da transição

educador/a procurará saber como está a decorrer o início do 1.º ciclo e disponibilizar-se para dar o seu contributo e sugestões.

- *Comunicação e debate entre educadores/as e professores/as do 1.º ciclo* – educadores/as e professores/as constroem representações sobre as finalidades e práticas de cada nível educativo, nem sempre coincidentes, quer entre educadores/as, quer entre professores/as, até porque, muitas vezes, nem uns nem outros conhecem muito bem o que se passa nos outros níveis. As práticas de educadores/as e professores/as também não são todas iguais, pois cada um/a tem o seu modo de trabalhar.

A reflexão prévia e o acordo entre educadores/as do mesmo estabelecimento é importante para esclarecer os/as professores/as sobre os processos e aprendizagens desenvolvidos na educação pré-escolar, debater o que uns e outros pensam sobre a pertinência destas aprendizagens e das práticas adotadas (por exemplo, organização e regras de funcionamento do grupo). Este debate passará ainda pelo delineamento de estratégias, que mereçam o acordo de todos os docentes, e sejam facilitadoras da transição e da continuidade do processo educativo.

Alguns meios de facilitar essa comunicação podem ser:

- *Análise e debate comum das propostas curriculares para cada um dos níveis* – ao analisarem os respetivos currículos, educadores/as e professores/as poderão dar-se conta de que as áreas de conteúdo da educação pré-escolar têm diferenças, mas também semelhanças com as do programa do 1.º ciclo, e poderão, assim, encontrar formas de promover uma articulação curricular. Essa articulação não passa por antecipar as aprendizagens e as práticas educativas do 1.º ciclo na educação pré-escolar, mas por prever, em conjunto, modos de progressão que deem continuidade às aprendizagens realizadas.

A adoção de práticas pedagógicas diferenciadas permite que a educação pré-escolar contribua para uma maior igualdade de oportunidades, ao proporcionar a cada criança experiências e oportunidades de aprendizagem estimulantes, que lhe permitam desenvolver todo o seu potencial, criando assim condições favoráveis para que tenha sucesso no 1.º ciclo. É atendendo a cada criança e à sua individualidade que poderão ser encontradas as melhores formas de transição e continuidade.

- *Comunicação de informação sobre o processo desenvolvido na educação pré-escolar e a aprendizagem realizada por cada uma das crianças* – comunicar o processo desenvolvido com o grupo no(s) ano(s) anteriores permite aos/às professores/as compreenderem melhor as oportunidades de aprendizagem que as crianças tiveram ao longo da educação pré-escolar. Também a comunicação da informação sobre a aprendizagem realizada por cada criança possibilitará ao/à professor/a conhecê-la melhor e saber como poderá dar continuidade ao que já aprendeu.

Esta informação, centrada nos progressos da aprendizagem da criança deverá obedecer a princípios éticos, tendo ainda em conta os destinatários. Para que essa informação possa ser utilizada pelo/a professor/a, importa que o/a educador/a tenha realizado e sistematizado uma avaliação de

Encontrar formas de promover a articulação curricular

Comunicar os processos desenvolvidos e os progressos de aprendizagem de cada criança

cada criança e que os educadores da mesma instituição decidam em conjunto, e, quando possível, com os professores, as melhores formas de a organizar e apresentar.

- *Trabalho conjunto entre educadores e professores* – educadores/as e professores/as, que trabalham no mesmo edifício escolar têm por vezes ocasião de, em conjunto, desenvolverem projetos comuns. Essa relação, que lhes permite conhecer melhor as respetivas práticas, não deveria ser pontual e depender das circunstâncias mas assumir, sempre que possível, um carácter mais sistemático e institucional (ver acolhimento a nível institucional).

Envolvimento das crianças - As crianças são as protagonistas do processo e o seu papel e expectativas positivas podem ser decisivos para o sucesso da transição. Assim, o/a educador/a poderá:

- *Conversar com as crianças sobre a transição* – dado que as crianças sabem que irão transitar para o 1.º ciclo, será importante que o/a educador/a proporcione a todas (e não só às mais velhas) oportunidades de dialogarem sobre o assunto, de explicitarem as suas expectativas e de colocarem perguntas sobre o que gostariam de saber sobre o ciclo seguinte, de forma a confrontar o que cada uma pensa e sabe sobre essa nova etapa, e esclarecer as suas interrogações. O modo como o/a educador/a participa neste diálogo, apresentando positivamente a nova etapa, apoia as crianças a sentirem-se mais confiantes face à transição.

Essa confiança pode também ser reforçada, se a avaliação que o/a educador/a realiza regularmente com as crianças assumir para as que vão transitar, a forma de um balanço do que aprenderam na educação pré-escolar, que lhes permita tomar consciência das aprendizagens que realizaram e da sua importância para continuarem a aprender.

- *Familiarizar as crianças com a escola do 1.º ciclo* – sempre que possível, com o/a educador/a e o grupo, ou individualmente com os pais, a criança deverá ter oportunidade de conhecer a escola para onde vai transitar. Quando esse conhecimento for da iniciativa do/a educador/a será desejável que essa visita seja planeada com as crianças (as conversas prévias podem ser a base desse planeamento – o que querem ver e saber). Porém, um melhor conhecimento e familiaridade com a escola do 1.º ciclo implicam uma ação mais continuada e um trabalho conjunto entre educadores/as e professores/as e entre as crianças dos dois ciclos: apresentação de projetos, troca de trabalhos, visitas em conjunto etc., que incluirá não só as crianças que vão transitar, mas todas as crianças do grupo.

Facilitar a transição ao nível organizacional - Os estabelecimentos, quer de educação pré-escolar, quer do 1.º ciclo, e ainda mais, se englobarem ambos, têm um papel importante na transição e na continuidade educativa. O trabalho em equipa, quer entre educadores/as, quer entre educadores/as e professores/as, pode ser facilitado se houver condições organizacionais que o favoreçam. Assim, o trabalho conjunto entre educadores/as e professores/as poderá ser incentivado e previsto a nível do estabelecimento educativo. Também serão

Trabalho entre docentes da educação pré-escolar e do 1º ciclo

Conhecer a escola do 1º ciclo para que vão transitar

planeados momentos de contacto entre as crianças dos dois níveis, que não podem limitar-se às festas conjuntas, pois, para serem efetivos, exigem uma convivência e colaboração mais continuadas.

A possibilidade de as crianças que frequentam a educação pré-escolar, numa instituição particular que tenha também o 1.º ciclo ou num Agrupamento de Escolas, utilizarem regularmente recursos comuns, como a biblioteca, a sala de computadores ou a cantina, podem ser intencionalmente rentabilizados para que as crianças conheçam melhor o ambiente educativo para onde vão transitar.

Este apoio intencional às transições, em que toda a instituição participa, permite ultrapassar a dificuldade de não se saber quem irão ser os/as professores/as que irão receber o 1.º ano, no ano seguinte. Quando a organização assume o seu papel na transição e lhe dá importância, contemplando-a, por exemplo, no seu Projeto Educativo e/ou definindo estratégias globais a desenvolver, avaliando os seus efeitos para as ir aperfeiçoando, torna-se menos importante saber quem será o/a professor/a, para se tornar uma finalidade da organização.

Também a esse nível deverá ser planeado o acolhimento dos alunos do 1.º ano, como lhes é apresentada a escola, como são organizadas as turmas, como são recebidos por cada professor, como também os mais velhos podem ter um papel na receção e apoio aos mais novos.

A participação dos pais/famílias - Os pais, enquanto principais responsáveis da educação da criança, têm necessariamente um papel determinante nesta, como em todas as transições. Se a comunicação que o/a educador/a estabelece com os pais/famílias é fundamental para facilitar a transição do meio familiar, ou da creche, para a educação pré-escolar, é também importante para que os pais/famílias tenham um papel ativo no momento da transição para o 1.º ciclo. A relação de parceria desenvolvida ao longo da frequência da educação pré-escolar irá favorecer a sua participação na transição e na etapa seguinte.

Assim, a informação individual e coletiva aos pais/famílias, sobre a(s) escola(s) para que os filhos/as irão transitar, ou as possibilidades de escolha que lhes são oferecidas, permite-lhes esclarecerem as suas dúvidas e interrogações e apoiarem-se mutuamente no processo de transição e no início do ciclo seguinte. Este esclarecimento beneficiará se for feito, em conjunto, pelo/a educador/a e por um/a professor/a do 1.º ciclo (o/a que vai receber as crianças ou outro/a), o que implica um envolvimento do estabelecimento educativo ou articulação de estabelecimentos.

A relação de comunicação estabelecida com cada família, através do acompanhamento do processo desenvolvido e da transmissão regular da avaliação dos progressos de aprendizagem da criança, pode ser complementado por um relatório final desses progressos, que poderão entregar ao/à professor/a que a vai receber, tornando-se mediadores dessa transição.

Sugestões de reflexão:

Como são incluídos na rotina diária momentos que facilitem as transições horizontais (de casa para o jardim de infância, do tempo letivo para o tempo não letivo)?

Que estratégias são utilizadas para apoiar as articulações verticais (entre a família ou creche e o jardim de infância e entre este e o 1.º ciclo)? O apoio a estas transições está previsto no projeto curricular de grupo?

Como são envolvidos os profissionais que trabalham com o grupo de crianças no planeamento e no processo de acolhimento das crianças que chegam de novo ao jardim de infância? As crianças mais velhas, ou que já frequentaram o jardim de infância, também participam nesse acolhimento?

Como é incentivada a participação dos pais/famílias no início da educação pré-escolar e na transição para a escolaridade obrigatória?

O que pode ser feito para promover um diálogo entre a equipa de educadores/as departamento de educação pré-escolar no sentido de acordar estratégias facilitadoras da transição?

Que colaboração tem sido desenvolvida com professores/as do 1.º ciclo? Essa colaboração tem sido facilitadora da transição? E da continuidade educativa? Como pode essa colaboração ser alargada para que haja um trabalho e diálogo mais sistemáticos que envolvam educadores/as e professores/as?

Estão previstas estratégias de transição no estabelecimento educativo? Como podem ser concretizadas para facilitar a transição e a articulação curricular entre ciclos? Como é que essas estratégias se adaptam à situação do estabelecimento educativo (público, privado, solidário)?

Os processos de registo e documentação utilizados têm também como finalidade facilitar a comunicação do processo educativo desenvolvido e dos progressos de aprendizagem das crianças a outros intervenientes do processo, nomeadamente pais/famílias e professores/as do 1.º ciclo?

Como é organizada essa informação, para poder ser transmitida a pais/famílias e outros docentes? Essa organização é refletida de acordo com princípios éticos e deontológicos?

...

GLOSSÁRIO

Aprender a aprender - Progressiva tomada de consciência da criança de como realiza o seu processo de aprendizagem (o que aprende, como aprende, como ultrapassa dificuldades). Permite-lhe tomar consciência de si como aprendente e desenvolver a capacidade de organizar e regular formas próprias de aprender individualmente, e em grupo (gerir o tempo, gerir a informação, resolver problemas, adquirir conhecimentos e aplicá-los em novas situações), promovendo o gosto por aprender, a autoconfiança e a persistência.

Aprendizagem - Processo em que a criança, a partir do que já sabe e é capaz de fazer, constrói, organiza e relaciona novos sentidos sobre si própria e o mundo que a rodeia. Este processo resulta das experiências proporcionadas por contextos, por interações com pessoas, com objetos e representações, que apoiam o desenvolvimento de todas as suas potencialidades intelectuais, físicas, emocionais e criativas. Na educação de infância a aprendizagem está intimamente interligada com o desenvolvimento.

Aprendizagem holística – forma complexa e interrelacionada da aprendizagem da criança, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto.

Bem-estar – Estado de conforto emocional da criança, que decorre da satisfação das suas necessidades, físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de se sentir competente e de se sentir bem consigo própria, com os outros e com o mundo. Existe bem-estar quando as crianças (e adultos) se sentem bem, agem espontaneamente, estão abertas ao mundo e disponíveis, exprimem tranquilidade interior e relaxamento, mostram vitalidade e autoconfiança, convivem bem com os seus sentimentos e emoções e têm prazer em viver (Laevers *et al.*, 1997, 2011).

Brincar – atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração. O termo brincar é característico da língua portuguesa, não sendo certo que a sua origem provenha do latim *vinculum* (laço) ou do germânico *blinkan* (brilhar). O conceito de “brincar” tem sido usado como sinónimo de jogar, ou de atividade lúdica, utilizando-se, por vezes, a expressão “jogo livre” para indicar a sua especificidade. Esta qualificação parece indicar que brincar se diferencia de jogar, pela sua imprevisibilidade (não tem uma finalidade estabelecida, evoluindo de acordo com o acontece, e não obedece a regras prévias). Pode incluir-se o brincar no que é designado na literatura internacional como “jogo da iniciativa da criança”, em que esta escolhe o que quer fazer e com quem, mantendo o controlo sobre o desenrolar da atividade. A participação do/a educador/a, desde que não se sobreponha às intenções da criança, permite alargar e enriquecer o brincar, e o jogo da iniciativa da criança.

Criança como sujeito e agente – Ao ser protagonista do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, a criança é ouvida e participa nas decisões que têm influência na sua vida e no seu mundo. Este sentimento de agência faz parte da construção da sua identidade e autoestima.

Cuidar – Refere-se às interações adulto/criança, caracterizadas por um elevado grau de respeito, confiança, aceitação e estimulação verbal, desenvolvidas num clima emocional de relações positivas entre adultos e crianças e entre crianças, que proporcionam múltiplas oportunidades de aprendizagem. Em educação de infância cuidar e educar estão, por isso, intimamente ligados.

Cuidar ético – Preocupação ética que procura fundamentação do “estar uns com os outros” e envolve: prestar atenção (para reconhecer as necessidades dos outros); responsabilidade (assumir que o papel social que se desempenha, e as escolhas que se fazem têm consequências nos outros); competência (ser capaz de adequar os cuidados às necessidades dos outros); responsividade (compreender o que é expresso pelos outros, encontrando resposta ao que desejam e não ao que se considera que deveriam pretender) (adaptado de Joan Tronto, 2005)

Currículo – Em educação de infância, o currículo refere-se ao conjunto das interações, experiências, atividades, rotinas e acontecimentos planeados e não planeados que ocorrem num ambiente educativo inclusivo, organizado para promover o bem-estar, o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças (adaptado do currículo neozelandês Te Whariki).

Diversidade – Diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, linguísticas, de género, cognitivas, motoras ou sensoriais que, ao serem acolhidas e respeitadas no grupo, enriquecem as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada uma e de todas as crianças.

Documentar – Recolha dos elementos que permitem reconstituir o processo educativo e o progresso das aprendizagens das crianças, tais como, registos de observação, outros registos ou documentos produzidos pelas crianças ou pelo/a educador/a, no decurso ou como suporte da ação educativa.

Documentação pedagógica – Organização, análise e interpretação de registos e documentos recolhidos com a finalidade de descrever a essência de um determinado processo pedagógico. Tem como intenção compreender e atribuir significado às aprendizagens realizadas pelas crianças e ao quotidiano pedagógico, tornando-se numa valiosa estratégia de avaliação formativa. Trata-se de uma prática utilizada para tornar os processos e os progressos de aprendizagem das crianças visíveis, para promover a participação dos pais e para apoiar os profissionais a refletirem sobre a sua prática educativa.

Envolvimento/implicação – Estado mental de atividade intensa, caracterizado por forte concentração, motivação intrínseca, fascínio e entrega. Quando estão envolvidas crianças (e adultos) funcionam no limite das suas capacidades, o que permite uma aprendizagem de nível profundo. O envolvimento das crianças pode ser reconhecido pela sua expressão facial, vocal e emocional, a energia, a atenção, persistência, e a criatividade e a complexidade da ação desenvolvida (Laevers, 1994, 2011).

Feedback – Aspeto essencial da interação pedagógica no quotidiano, que corresponde ao modo (verbal ou não verbal) como o/a educador/a reage positiva ou negativamente, à ação da criança (ao que diz, ao que propõe, ao que faz). A investigação aponta para que o feedback positivo, centrado nos esforços que a criança faz para conseguir o que pretende ou nas estratégias que utiliza para atingir as finalidades que se propõe, parece ser particularmente eficaz para estimular a sua aprendizagem.

Inclusão – Processo que, atendendo à diversidade, promove a participação e o sentido de pertença dos intervenientes, independentemente das características individuais e sociais de cada um. Em contexto educativo implica criar respostas que garantam o direito de todos à educação e a uma maior igualdade de oportunidades.

Projeto curricular de grupo – Proposta de orientação da ação educativa elaborada cada ano pelo/a educador/a que, tendo em conta as suas intenções pedagógicas, o grupo de crianças e o seu contexto familiar e social, prevê as estratégias mais adequadas para apoiar o desenvolvimento e promover as aprendizagens das crianças a realizar ao longo do ano. Este projeto inclui, ainda, modalidades de participação dos pais/famílias e a explicitação dos processos e instrumento de avaliação a utilizar.

Projetos de aprendizagem – Têm como ponto de partida uma curiosidade ou interesse de uma ou várias crianças que, com o apoio do/a educador/a preveem o que vão fazer e como, realizam os processos e ações previstas, sintetizam o que aprenderam e comunicam a outros essas aprendizagens. São meios privilegiados de participação das crianças no planeamento e na avaliação e de articulação de conteúdos.

Projeto educativo de estabelecimento/agrupamento – Instrumento global de gestão e orientação pedagógica da organização educativa que, tendo em conta o seu contexto e situação, prevê os modos de melhorar o seu funcionamento e eficácia, promovendo a aprendizagem de todos os alunos, apoiando o desenvolvimento profissional de docentes e não docentes, respondendo às características da comunidade.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

